



O Macaco e A Essência

Aldous Leonard Huxley

Tradução e posfácio de João Guilherme Linke

Sobre o Autor :

Romancista, contista e ensaísta, aldous Leonar Huxley nasceu em 26 de julho de 1894, no condado de Surrey, Inglaterra, e morreu em Los Angeles, EUA, em 22 de novembro de 1963. Irmão de sir Julian Huxley e neto de Thomas Henry Huxley, eminentes biólogos, estudou em Oxford, de onde saiu para dar aulas de literatura inglesa. Culto e refinado, Huxley teve grande aceitação como romancista nas décadas de 30 e 40. Publicou 3 coletâneas de poemas e um livro de contos antes de dar início a série de obras que o tornaram famoso. Dentre elas destacam-se os romances A ilha, Contraponto, Admirável Mundo Novo, Sem Olhos em Gaza e os ensaios, Portas da Percepção, Céu e Inferno e O Macaco e a Essência, todos publicados no Brasil.

Sobre a digitalização desta obra :

Se os livros tivessem preços acessíveis, todos poderiam comprá-los. A digitalização desta obra é um protesto contra a exclusão cultural, e por consequência social, causada pelos preços abusivos dos livros editados e publicados no Brasil. Assim, é totalmente condenável a venda deste e-livro em qualquer circunstância. Distribua-o livremente.

:: Em Homenagem a Winston Smith ::



:: TALLIS ::

Era o dia do assassinato de Gandhi; mas no Calvário os excursionistas estavam mais interessados no conteúdo de suas cestas de piquenique do que no possível alcance do acontecimento, afinal bastante corriqueiro, que lhes sucedera presenciar. Não importa o que digam os astrônomos, Ptolomeu estava perfeitamente certo: o centro do Universo é aqui, não lá. Gandhi podia estar morto; mas, sentado à escrivaninha em seu escritório ou à mesa do almoço no refeitório do estúdio, Bob Briggs ocupava-se em falar unicamente dele mesmo.

– Você tem me ajudado tanto – assegurou-me Bob, preparando-se para contar, não sem um certo deleite, o mais recente episódio da história da sua vida.

Mas no fundo, como eu sabia muito bem e como o próprio Bob sabia ainda melhor do que eu, ele não queria realmente ajuda. Gostava de se ver metido numa encrenca, e gostava ainda mais de discorrer sobre os seus apuros. A encrenca e a respectiva dramatização verbal tornavam-lhe possível ver-se a si mesmo como todos os poetas românticos reunidos em um Beddoes se matando, Byron fornicando, Keats morrendo por Fanny Brawne, Harriet morrendo por Shelley.

E, vendo-se como a síntese dos poetas românticos, ele podia esquecer por um pouco as duas fontes primárias de seus próprios males – o fato de que não tinha nenhum dos talentos deles e muito pouco da sua potência sexual.

– Chegamos ao ponto – disse (tão tragicamente que me ocorreu que se teria saído melhor como ator do que como escritor de filmes) – chegamos ao ponto, Elaine e eu, em que nos sentimos como... como Martinho Lutero.

– Martinho Lutero? – repeti com algum espanto.

- Você sabe: Ich kann nicht anders.¹ Nós não podíamos, simplesmente não podíamos, fazer outra coisa senão partir juntos para Acapulco.

¹ *Em alemão no original: Não posso agir de outra maneira. (N. do T.)*

E Gandhi, refleti, simplesmente não podia fazer outra coisa senão resistir à opressão pela não-violência, ir para a prisão e por fim levar um tiro.

– E pronto – continuou ele. – Pegamos um avião e voamos para Acapulco.

– Finalmente!

– Como assim, “finalmente”?

– Bem, você andou pensando nisso um bocado de tempo, não?

Bob pareceu aborrecido. Mas eu me lembrava de todas as ocasiões anteriores em que ele me havia falado sobre o problema. Devia ou não fazer de Elaine sua amante? (Esta era a sua maneira surpreendentemente antiquada de expressá-lo.) Devia ou não pedir a Míriam o divórcio?

Pedir divórcio a uma mulher que, num sentido bem real, era ainda o que sempre tinha sido – o seu único amor; mas num outro sentido muito real, Elaine também era o seu único amor – e o seria ainda mais se ele afinal se decidisse (e era por isso que não se decidira) a “fazê-la sua amante”. Ser ou não ser – o solilóquio tinha se prolongado por quase dois anos inteiros e, se dependesse dele, continuaria por dez anos mais. Ele preferia que as suas trapalhadas fossem crônicas e sobretudo verbais, não agudas, não carnais a ponto de submeterem a sua incerta virilidade a mais outra humilhante prova. Mas, sob a influência da eloquência dele, daquela fachada barroca de um belo perfil e de uma cabeleira prematuramente prateada, Elaine evidentemente tinha se cansado de uma trapalhada meramente crônica e platônica. Bob viu-se em face de um ultimato: ou Acapulco ou um rompimento sumário.

Ei-lo, pois, compelido e condenado ao adultério não menos irrevogavelmente do que Gandhi à não-violência, à prisão e ao assassinato, mas, é lícito suspeitar, com mais e maiores apreensões. Apreensões que o desenrolar dos acontecimentos tinha justificado plenamente. Pois, embora o pobre Bob não me tivesse contado o que se passara em Acapulco, o fato de que Elaine vinha agora, segundo suas palavras, “agindo de modo estranho” e fora vista várias vezes em companhia daquele inqualificável barão moldávio, cujo nome por sorte esqueci, parecia dizer toda a grotesca e patética história. E nesse meio tempo Míriam não apenas lhe recusara o divórcio como se aproveitara da ausência de Bob e da posse de sua procuração para transferir do nome dele para o dela o título de propriedade da casa de campo, os dois automóveis, os quatro prédios de apartamentos, os lotes de esquina em Palm Springs e todas as apólices. Para completar, ele devia ao governo 33 mil dólares de imposto de renda atrasado. E quando perguntara ao seu produtor por aquele aumento de 250 dólares semanais que lhe havia sido praticamente prometido, houvera apenas um longo e carregado silêncio.

– E então, Lou?

Medindo as palavras com ênfase solene, Lou Lublin deu a resposta.

– Bob – disse ele –, neste estúdio, a esta altura dos acontecimentos, nem o próprio Jesus Cristo arranjaría um aumento.

O tom fora amigável; mas quando Bob tentara insistir, Lou esmurrou a mesa e dissera-lhe que ele estava sendo anti-americano. Isto encerrou o caso.

Bob continuava a falar. Mas que motivo, pensava eu, para uma grande pintura religiosa! Cristo diante de Lublin, suplicando um mísero aumento de 250 pratas por semana e vendo suas pretensões sumariamente rechaçadas. Teria sido um dos temas favoritos de Rembrandt, desenhado, gravado, pintado uma dúzia de vezes. Jesus retirando-se tristemente para as sombras do

imposto de renda vencido, enquanto no foco de luz dourada, coruscante de gemas e reflexos metálicos, Lou, num enorme turbante, gozaria ainda, numa risadinha triunfante, o que fizera ao Cordeiro de Deus.

E depois haveria a versão de Breughel para o tema. Uma grandiosa visão sinóptica de todo o estúdio; um musical de três milhões de dólares em plena produção, com cada detalhe técnico fielmente reproduzido; duas ou três mil figuras, todas perfeitamente caracterizadas; e no canto inferior direito uma longa pesquisa revelaria por fim um Lublin, não maior que um gafanhoto, a cobrir de invectivas um Jesus ainda mais diminuto.

– Mas eu tenho uma idéia estupenda para um original – estava dizendo Bob com o entusiasmo otimista que é para o homem desesperado a alternativa do suicídio. – Meu agente ficou maluco com ela. Acha que eu posso vendê-la por cinquenta ou sessenta mil.

Começou a contar a história.

Ainda pensando em Cristo diante de Lublin, visualizei a cena como Piero a teria pintado – a composição luminosamente explícita, uma equação de vazios e sólidos em equilíbrio, de matizes harmônicos e contrastantes; as figuras em repouso adamantino. Lou e seus assistentes de produção usariam todas aquelas coifas faraônicas, aqueles formidáveis cones invertidos de feltro branco ou colorido que no mundo de Piero servem ao duplo objetivo de destacar a natureza sólido-geométrica do corpo humano e o exotismo dos orientais. A par de sua maciez sedosa, as dobras de cada vestimenta teriam a inevitabilidade e a fixidez de silogismos entalhados em pórfiro e, impregnando todo o conjunto, sentir-se-ia a presença do Deus de Platão, matematizando para sempre o caos na ordem e na beleza da arte.

Mas do Partenon e do Timeu uma lógica especiosa conduz à tirania que, na República, é apontada como a forma ideal de governo. No campo da política o equivalente de um teorema é um exército perfeitamente disciplinado; o de um

soneto ou de um quadro, um estado policial sob uma ditadura. O marxista chama a si mesmo científico, e a esta presunção o fascista acrescenta outra: ele é o poeta – o poeta científico – de uma nova mitologia. Ambos são justificados em suas pretensões; pois um e outro aplicam a situações humanas os processos que deram resultado no laboratório e na torre de marfim. Eles simplificam, abstraem, eliminam tudo o que, para os seus propósitos, é irrelevante, e ignoram o que quer que lhes pareça mais conveniente considerar como não essencial; eles impõem um estilo, obrigam os fatos a verificar a hipótese favorita, atiram à cesta de papéis tudo o que, no seu entendimento, careça de perfeição. E por assim agirem como bons artistas, pensadores íntegros e experimentadores competentes, as prisões estão repletas, hereges políticos morrem no trabalho escravo, os direitos e preferências de meros indivíduos são ignorados, os Gandhis são trucidados e, de manhã à noite, um milhão de mestres-escolas e locutores proclamam a infalibilidade dos chefes que por acaso detêm momentaneamente o poder.

– E afinal de contas – estava dizendo Bob – não há razão por que um filme não deva ser uma obra de arte. É esse maldito comercialismo...

Falava com toda a virtuosa indignação do artista maldotado denunciando o bode expiatório que escolheu para culpar pelas conseqüências lamentáveis da sua própria falta de talento.

– Você acha que Gandhi se interessava pela arte? – perguntei.

– Gandhi? Não, claro que não.

– Creio que tem razão – concordei. – Nem pela arte, nem pela ciência. E foi por isso que nós o matamos.

– Nós?

– Sim, nós. Os inteligentes, os ativos, os previdentes, os devotos da Ordem e da Perfeição, enquanto Gandhi era um reacionário que acreditava apenas nos homens. Sujeitinhos esqueléticos governando-se por si em cada aldeia, e adorando

Brahma que é também Atman. Era intolerável. Não é de admirar que tenhamos dado cabo dele.

Mas, mesmo enquanto falava, eu refletia que essa não era toda a história. A história completa incluía uma inconsistência, quase uma traição. Esse homem que acreditava apenas nos homens deixara-se envolver na loucura coletiva subumana do nacionalismo, nas instituições pretensamente sobre-humanas, mas em realidade diabólicas, da Nação-Estado. Deixara-se envolver nessas coisas, imaginando que poderia mitigar a loucura e converter o que havia de satânico no Estado em algo humano. Mas o nacionalismo e a política do poder foram demais para ele. Não é no centro, não é de dentro da organização que o santo pode curar a nossa insânia regimentada; é somente de fora, na periferia. Se ele próprio se torna uma parte da máquina, na qual a loucura coletiva está encarnada, de duas coisas uma forçosamente sucederá: ou ele permanece fiel a si mesmo, caso em que a máquina se utilizará dele enquanto puder e, quando ele se tornar inútil, o rejeitará ou destruirá; ou será transformado à semelhança do mecanismo com e contra o qual trabalha, e neste caso veremos Santas Inquisições e alianças com qualquer tirano disposto a garantir privilégios eclesiásticos.

– E por falar no revoltante comercialismo dessa gente – Bob disse por fim –, deixe-me dar-lhe um exemplo...

Mas eu refletia que o sonho da Ordem produz tirania, o sonho da Beleza, monstros e violência. Atena, a padroeira das artes, é também a deusa da guerra científica, o comandante celeste de cada Estado-Maior. Nós o matamos porque, depois de ter jogado efêmera e fatalmente o jogo político, ele se recusou a continuar sonhando o nosso sonho de uma Ordem nacional, de uma Beleza social e econômica; porque tentou trazer-nos de volta aos fatos concretos e cósmicos de homens de carne e osso e à Luz interior.

As manchetes que eu vira essa manhã eram parábolas; o acontecimento que elas registravam, uma alegoria e uma profecia. Nesse ato simbólico, nós que tanto ansiamos pela paz

rejeitáramos a única maneira possível de tê-la e proclamáramos uma advertência a quantos, no futuro, pudessem advogar quaisquer rumos que não aqueles que conduzem inevitavelmente à guerra.

– Bem, se você acabou o seu café – disse Bob –, vamos indo.

Levantamo-nos e saímos para o sol. Bob tomou-me o braço e o apertou.

– Você me tem sido de uma ajuda enorme – assegurou-me outra vez.

– Desejaria poder acreditá-lo, Bob.

– Mas é verdade, é verdade.

E talvez fosse verdade, no sentido de que remexer a sua encrenca ante um público simpatizante fazia-o sentir-se melhor, mais como os poetas românticos.

Continuamos a andar por algum tempo em silêncio, passando pelas salas de projeção e por entre os bangalôs churriguerescos dos produtores. Por cima da entrada do maior deles, uma grande placa de bronze ostentava a inscrição LOU LUBLIN PRODUCTIONS.

– E quanto ao aumento de salário? – perguntei.

– Vamos entrar e fazer mais uma tentativa?

Bob deu uma risadinha mortificada e seguiu-se novo silêncio. Quando por fim falou, foi num tom pensativo.

– Uma pena, essa história com o velho Gandhi – disse. – Suponho que o seu grande segredo era não querer nada para si mesmo.

– Sim, suponho que era um dos seus segredos.

– Sabe Deus que eu desejaria não querer tanto as coisas.

– O mesmo digo eu – fervorosamente concordei.

– E quando afinal a gente consegue o que quer, nunca é como se imaginava que fosse.

Bob suspirou e calou-se de novo. Pensava, sem dúvida, em Acapulco, na horrível necessidade de passar do crônico para o

agudo, do vagamente verbal para o definida e concretamente carnal.

Deixamos a rua dos bangalôs, cruzamos uma área de estacionamento e penetramos num canyon entre gigantescos estúdios de som. Um trator passou, rebocando uma carreta com a metade inferior da porta ocidental de uma catedral italiana do século XIII.

– Aquilo é para Catarina de Siena.

– O que vem a ser isso?

– O novo filme de Hedda Boddy. Eu trabalhei no roteiro, dois anos atrás. Depois deram-no ao Streicher.

E mais tarde ele foi rescrito pela equipe O'Toole-Menéndez-Boguslavski. É uma droga.

Outro reboque passou roncando, com a metade superior da porta da catedral e um púlpito de Niccoló Pisano.

– Pensando bem – disse eu –, ela se parece bastante com Gandhi em certos pontos.

– Quem, Hedda?

– Não, Catarina.

– Ah. Pensei que você se estivesse referindo à tanga.

– Estava me referindo aos santos na política – expliquei. – Ela não chegou a ser linchada, é claro; mas somente porque morreu muito jovem. As conseqüências da sua política não tiveram tempo de manifestar-se. Vocês não tratam disso no roteiro?

Bob sacudiu a cabeça.

– Muito deprimente – disse. – O público quer que seus astros sejam bem-sucedidos. Adernais, como se pode falar da política da Igreja? Seria com certeza anti-católico e bem possivelmente anti-americano. Não, nós não nos arriscamos; concentramo-nos no rapaz a quem ela ditava suas cartas. Ele está perdidamente apaixonado, mas é tudo sublimado e espiritual, e depois que ela morre ele entra para um eremitério e reza diante do retrato dela. E há também o outro rapaz que a cortejou de

fato. Há menção disso nas cartas dela. Nós o exploramos ao máximo. Eles podem esperar ainda contratar o Humphrey...

Uma forte buzina fez-nos saltar.

– Cuidado!

Bob agarrou-me o braço e puxou-me para trás. Do pátio ao fundo do almoxarifado um caminhão de duas toneladas desembocou na rua.

– Por que não olham onde andam? – vociferou o motorista.

– Idiota! – Bob berrou em resposta; depois, voltando-se para mim: – Você viu o que ele carrega?

Roteiros. – Balançou a cabeça. – Para o incinerador.

Que aliás é o lugar deles. Um milhão de dólares de literatura.

Riu com amargura melodramática.

Vinte metros adiante, o caminhão virou bruscamente à direita. Sua velocidade deve ter sido excessiva; arrancados do alto da pilha pela força centrífuga, meia dúzia de roteiros espalharam-se pela rua. Como prisioneiros da Inquisição, pensei, escapando milagrosamente a caminho da fogueira.

– O sujeito não sabe guiar – Bob estava resmungando. – Qualquer dia desses vai matar alguém.

– Entretanto, vejamos o que se salvou.

Apanhei o mais próximo dos manuscritos.

– As lours merecem os louros, adaptação por Albertine Krebs.

Bob lembrava-se dele. Uma porcaria.

– Bem, que tal Amanda? – Virei algumas páginas. – Deve ter sido um musical. Aqui temos alguma poesia:

Maria quer marido,
Mas Amanda quer amar...

Bob não me deixou prosseguir.

– Chega, chega! Isso rendeu quatro milhões e meio durante a Batalha das Ardenas.

Deixei cair Amanda e apanhei outro dos volumes esparramados. Notei que este era encadernado em verde e não no carmesim padronizado do estúdio.

– O macaco e a essência – li em voz alta o título manuscrito na capa.

– O macaco e a essência? – repetiu Bob, algo surpreso.

Passei ao frontispício.

– “Um roteiro original de William Tallis, Cottonwood Ranch, Murcia, Califórnia.” E aqui há uma nota a lápis. “Aviso de rejeição em 26-11-47. Sem envelope-resposta. Para o incinerador.” Duas vezes sublinhada.

– Eles recebem milhares dessas coisas – explicou Bob.

Abri a esmo o manuscrito.

– Mais poesia.

– Cristo! – exclamou Bob em tom de desgosto.

– “É claro, é óbvio” – comecei a ler:

“E claro, é óbvio.

Que menino de escola o desconhece?

Os macacos escolhem os fins; só os meios são do homem.

Proxenetista de Papio, lacaia de babuínos, A Razão vem pressurosa, na ânsia de ratificar; Vem, servil, com a Filosofia, lambe os pés aos tiranos; Vem, alcoviteira da Prússia, com a História hegeliana; Vem com a Medicina ministrar o afrodisíaco do Rei-Macaco;

Vem, com rimas e Retórica, escrever suas arengas; Vem com o Cálculo apontar seus foguetes Com precisão sobre o orfanato no além-mar; Vem, tendo apontado, com incenso Rogar devotamente à Virgem por um impacto direto”.

Houve um silêncio. Entrecolhamo-nos interrogativamente.

– Que pensa disto? – perguntou Bob por fim.

Dei de ombros. Eu realmente não sabia o que pensai.

– De qualquer modo, não jogue fora – ajuntou ele. – Quero ver que tal é o resto.

Continuamos a andar, viramos uma última esquina e, um convento franciscano entre palmeiras, lá estava o edifício dos escritores.

– Tallis – Bob falava, como se consigo mesmo, ao entrarmos – William Tallis... – Balançou a cabeça. – Nunca ouvi falar nele. E que lugar é esse, Murcia?

No domingo seguinte nós sabíamos a resposta – não apenas em teoria e no mapa, mas na prática, indo lá, a 120 quilômetros por hora, no Buick conversível de Bob (ou melhor, de Míriam). Murcia, Califórnia, eram duas bombas de gasolina vermelhas e uma minúscula venda na orla sudoeste do deserto Mojave.

Uma seca prolongada fora interrompida dois dias antes. O céu mostrava-se ainda carregado e um vento frio soprava, persistente, do oeste. Fantasmagóricas sob um teta de nuvens cor-de-ardósia, as montanhas de San Gabriel ostentavam a brancura da neve recentemente caída. Mas para o norte, muito ao longe sobre o deserto, o sol brilhava numa longa e estreita fita de luz dourada. Ao nosso redor, os ricos tons suaves de cinza e prata, o ouro-pálido e o castanho-avermelhado da vegetação do deserto – salvas, luzernas, festucas, fagópiros e, aqui e acolá, um cacto bizarramente gesticulante, de casca rugosa ou eriçada de espinhos secos, os braços tortuosos terminando em espessos tufos verdes de pontas aceradas.

Um velho surdo, a quem tivemos de gritar nossas perguntas, acabou por entender o que queríamos. Rancho Cottonwood – claro que conhecia. O senhor toma aquela estrada de terra; segue rumo ao sul, por uma milha; depois vira a leste, acompanha a vala de irrigação por mais três quartos de milha e lá

estará. O velho queria contar-nos muito mais acerca do lugar; mas Bob estava impaciente demais para escutar. Engrenou o carro e prosseguimos.

Ao longo da vala de irrigação, os choupos e os salgueiros eram alienígenas, apegando-se precariamente, em meio àquelas vidas duras e ascéticas do deserto, a um modo diverso de existência, mais fácil e mais voluptuoso. Agora estavam nus, meros esqueletos de árvores, branquejando contra o céu; mas podia-se imaginar como seria intenso, três meses mais tarde, sob o sol ardente, o verde-esmeralda de suas folhas novas.

O carro, conduzido em velocidade excessiva, deu um baque violento numa valeta inesperada. Bob praguejou.

– Que um homem em seu juízo resolva morar no fim de uma estrada destas, é coisa que não posso imaginar.

– Talvez ele não costume correr tanto – aventurei-me a sugerir.

Bob nem se dignou olhar-me. O automóvel continuou roncando com velocidade inalterada. Procurei concentrar-me na paisagem.

Além, sobre a extensão do deserto, ocorrera uma silenciosa mas quase explosiva transformação: as nuvens haviam se dispersado e o sol resplandecia agora sobre o mais próximo daqueles picos abruptos e escalavrados que se projetam tão inexplicavelmente, como ilhas, acima da imensa planura. Um momento antes pareciam negros e inanimados. Agora, repentinamente, tinham voltado à vida, entre um primeiro plano sombrio e um fundo de nebulosa escuridão. Brilhavam como se fossem eles próprios incandescentes.

Toquei o braço de Bob e apontei.

– Você compreende agora por que Tallis resolveu morar no fim desta estrada?

Ele relanceou um olhar, desviou-se de um cacto tombado, olhou novamente por uma fração de segundo e voltou a fitar a estrada.

– Lembra-me aquela gravura de Goya, você sabe qual. A mulher cavalcando um garanhão e o animal, com a cabeça torcida e com o vestido dela entre os dentes, tentando derrubá-la, tentando arrancar-lhe as roupas. E ela está rindo como uma doida, num frenesi de prazer. E no fundo há uma planície, com picos que se destacam, exatamente como aqui. Só que olhando com atenção os picos de Goya, vê-se que em realidade são animais encolhidos, meio ratos, meio lagartos, grandes como montanhas. Comprei uma reprodução para Elaine.

Mas Elaine, refleti no silêncio que se seguiu, ignorara a alusão. Deixara que o garanhão a lançasse por terra; abandonara-se, rindo, rindo incontrolavelmente, enquanto os grandes dentes lhe arrancavam a blusa, estraçalhavam-lhe a saia, roçando a pele macia, numa ameaça a um tempo terrível e deliciosa, na pungente iminência da dor. E então, em Acapulco, aqueles enormes ratos-lagartos tinham despertado do seu sono de pedra e de repente o nosso pobre Bob achara-se cercado, não de graças deliciosamente lânguidas, não de um risonho bando de cupidos de nádegas rosadas, mas de monstros.

Enquanto isso chegáramos ao nosso destino. Por entre as árvores ao longo da vala, avistei uma casa de madeira branca à sombra de um enorme álamo; de um lado um cata-vento, do outro um celeiro de chapas de ferro corrugadas. O portão estava fechado. Bob freou o carro e descemos. Uma tabuleta branca havia sido pregada no portão. Nela, uma inábil mão pintara uma longa inscrição em vermelho.

O abraço do polvo, o beijo do gusano,
Do macaco lascivo o toque imundo:
Aprecias porventura o ser humano?
Não, não muito.

ISTO É PARA VOCÊ, NÃO ENTRE!

– Bem, evidentemente estamos no lugar certo.
– observei.

Bob assentiu. Abrimos o portão, atravessamos um amplo pátio de chão batido e batemos à porta da casa.

Esta foi aberta quase em seguida por uma mulher idosa e corpulenta, de óculos, trajando um vestido de algodão azul florido e um casaco vermelho muito velho. Mostrou-nos um sorriso cordial.

– Carro enguiçado? – perguntou.

Acenamos negativamente e Bob explicou que viéramos procurar o Sr. Tallis.

– O Sr. Tallis?

O sorriso desvaneceu-se. Com expressão grave, ela balançou a cabeça.

– Os senhores não sabiam? O Sr. Tallis passou há seis semanas.

– A senhora quer dizer que ele morreu?

– Passou – insistiu ela, e em seguida pôs-se a contar verbosamente a sua história.

O Sr. Tallis alugara a casa por um ano. Ela e o marido passaram a morar no velho barracão atrás do celeiro. A privada era do lado de fora, mas eles já tinham sido acostumados a isso outrora, em Dakota do Norte, e felizmente o inverno não fora muito frio. De qualquer modo, o dinheiro tinha vindo em boa hora, ainda mais da maneira como andam os preços hoje em dia; e não podia haver pessoa mais simpática do que o Sr. Tallis, uma vez que se compreendesse que ele apreciava a sua solidão.

– Suponho que foi ele quem pregou aquela placa no portão?

A velha fez que sim com a cabeça e disse que a achava bonitinha; pretendia deixá-la onde estava.

– Ele esteve doente muito tempo? – perguntei.

– Não teve doença alguma – respondeu ela –, embora dissesse sempre que sofria do coração.

E fora por isso que ele passara. No banheiro. Ela o encontrara lá uma manhã, quando lhe ia levar a garrafa de leite e uma dúzia de ovos do armazém. Frio como gelo. Com certeza tinha ficado ali a noite inteira.

Nunca em sua vida ela levara um susto tão grande. E depois, que confusão por não haver nenhum parente de que alguém soubesse! Foi chamado o médico e depois o xerife e foi preciso uma licença do juiz para que o pobre homem pudesse ser enterrado. E depois, todos os livros, papéis e roupas tiveram de ser empacotados e as caixas lacradas, e tudo guardado em algum lugar em Los Angeles, para o caso de haver por aí algum herdeiro. Bem, agora ela e o marido estavam de novo na casa e ela se sentia muito contrariada porque o pobre Sr. Tallis ainda tinha direito a quatro meses de aluguel e pagara tudo adiantado. Mas, naturalmente, por outro lado estava contente, agora que a chuva e a neve tinham enfim chegado – devido à privada ser dentro de casa e não do lado de fora, como quando estavam morando no barracão.

Ela fez uma pausa para tomar fôlego. Bob e eu trocamos um olhar.

– Bem, neste caso – disse eu –, acho que é melhor irmos andando.

Mas a velha senhora se opôs terminantemente.

– Vamos entrar – insistiu –, vamos entrar.

Hesitamos; depois, cedendo ao convite, seguimos atrás dela por um corredor estreito até a sala de estar.

Uma estufa de óleo estava acesa a um canto da peça.

O ar era abafado e um cheiro quase tangível de fritura e de fraldas enchia a casa. Um velhinho que parecia um gnomo estava sentado numa cadeira de balanço junto à janela, lendo as histórias em quadrinhos do jornal de domingo. Perto dele uma mocinha pálida, de ar preocupado – não podia ter mais que dezessete anos –, segurava uma criança num dos braços e, com a outra mão, abotoava a blusa cor-de-rosa. A criança regurgitou; uma bolha de leite surgiu-lhe no canto da boca. A jovem mãe

desistiu de abotoar o último botão e ternamente enxugou-lhe os lábios franzidos. Pela porta aberta de outra peça vinha o som de uma voz fresca de soprano, cantando “É chegada a hora” ao acompanhamento de um violão.

– Este é meu marido – apresentou a velha –, Sr. Coulton.

– Muito prazer – disse o gnomo, sem interromper a leitura.

– E esta é a nossa neta Katie. Ela se casou no ano passado.

– Ah, pois não! – exclamou Bob. Inclinou-se para a moça e endereçou-lhe um daqueles seus sorrisos fascinantes por que era tão famoso.

Katie olhou-o como se ele fosse uma peça de mobília; depois, dando finalmente conta daquele último botão, voltou-se sem uma palavra e subiu os degraus íngremes que conduziam ao andar superior.

– E estes – continuou a Sra. Coulton, indicando-nos – são dois amigos do Sr. Tallis.

Tivemos de explicar que não éramos precisamente amigos. Tudo o que conhecíamos de Tallis era sua obra; mas ela nos interessara tanto que tínhamos vindo na esperança de conhecê-la – só então tomando conhecimento da trágica notícia de sua morte.

O Sr. Coulton levantou os olhos do jornal.

– Sessenta e seis – disse – era a idade dele.

Eu tenho setenta e dois. Fiz setenta e dois em outubro.

Emitiu a risadinha triunfante de quem ganhou uma partida, depois voltou ao seu Flash Gordo – Flash o invulnerável, Flash o imortal, Flash o perpétuo cavaleiro andante das donzelas, não como elas lamentavelmente são, mas como os idealistas da indústria de sutiãs proclamam que elas deveriam ser.

– Eu tive ocasião de ver o que o Sr. Tallis enviou ao nosso estúdio – disse Bob.

O gnomo levantou novamente o olhar.

– O senhor é do cinema? – inquireu.

Bob confirmou.

Na peça contígua a música interrompeu-se inopinadamente no meio de uma frase.

– Um dos big-shots? – quis saber o Sr. Coulton.

Com encantadora falsa modéstia, Bob assegurou-lhe ser apenas um escritor que ocasionalmente se entretinha em dirigir filmes.

O gnomo balançou a cabeça devagar.

– Eu li no jornal esse tal Goldwyn dizendo que todos os big-shots iam sofrer um corte de cinquenta por cento em seus salários.

Piscou alegremente e mais uma vez soltou sua risadinha triunfante. Em seguida, desinteressando-se de repente da realidade, voltou aos seus mitos.

Cristo diante de Lublin! Procurei desviar esse assunto penoso, perguntando à Sra. Coulton se ela sabia que Tallis se havia interessado por cinema. Mas enquanto eu falava, o som de passos no cômodo interior distraiu-lhe a atenção.

Voltei-me. À porta, vestida num suéter preto e numa saia xadrez, surgira... quem? Lady Hamilton aos dezesesseis anos, Ninon de Lenclos ao entregar a virgindade a Coligny, la petite Morphil, Ana Karenina nos bancos de escola.

– Esta é Rosie – disse a Sra. Coulton com orgulho –, nossa outra neta. Rosie está estudando canto – confidenciou a Bob. – Ela quer entrar para o cinema.

– Mas que interessante! – gritou Bob entusiasticamente, erguendo-se e apertando a mão da futura lady Hamilton.

– Talvez o senhor pudesse dar-lhe alguns conselhos – sugeriu a avó.

– Eu teria imenso prazer...

– Traga outra cadeira, Rosie.

A garota ergueu os cílios e lançou a Bob um olhar breve mas intenso.

– A não ser que o senhor não se incomode de sentar-se na cozinha – disse.

– Mas claro que não!

Desapareceram juntos no interior da casa. Olhando pela janela, vi que as elevações estavam outra vez na sombra. Os monstros tinham fechado os olhos e fingiam-se de mortos – mas só para induzir sua vítima a um sentimento de falsa segurança.

– Isto é mais do que sorte – estava dizendo a Sra. Coulton –, é a Providência. Um figurão do cinema vir aqui, justamente quando Rosie precisa de quem lhe dê uma mão.

– Justamente quando o cinema vai levar a breca, como o vaudeville – o gnomo falou sem tirar os olhos da página diante de si.

– O que é que o leva a dizer isso?

– Não sou eu quem diz – retrucou o velho. – É. esse camarada Goldwyn.

Da cozinha veio o som de uma risada surpreendentemente infantil. Bob evidentemente estava fazendo progressos. Antevi uma nova viagem a Acapulco, com conseqüências ainda mais desastrosas do que a primeira.

Alcoviteira inocente, a Sra. Coulton sorriu com satisfação.

– Mas que interessante! – gritou Bob entusiasticamente, erguendo-se e apertando a mão da futura lady Hamilton.

– Talvez o senhor pudesse dar-lhe alguns conselhos – sugeriu a avó.

– Eu teria imenso prazer...

– Traga outra cadeira, Rosie.

A garota ergueu os cílios e lançou a Bob um olhar breve mas intenso.

– A não ser que o senhor não se incomode de sentar-se na cozinha – disse.

– Mas claro que não!

Desapareceram juntos no interior da casa. Olhando pela janela, vi que as elevações estavam outra vez na sombra. Os monstros tinham fechado os olhos e fingiam-se de mortos – mas só para induzir sua vítima a um sentimento de falsa segurança.

– Isto é mais do que sorte – estava dizendo a Sra. Coulton –, é a Providência. Um figurão do cinema vir aqui, justamente quando Rosie precisa de quem lhe dê uma mão.

– Justamente quando o cinema vai levar a breca, como o vaudeville – o gnomo falou sem tirar os olhos da página diante de si.

– O que é que o leva a dizer isso?

– Não sou eu quem diz – retrucou o velho. – É, esse camarada Goldwyn.

Da cozinha veio o som de uma risada surpreendentemente infantil. Bob evidentemente estava fazendo progressos. Antevi uma nova viagem a Acapulco, com conseqüências ainda mais desastrosas do que a primeira.

Alcoviteira inocente, a Sra. Coulton sorriu com satisfação.

– Simpatizo muito com seu amigo – disse ela.

– Dá-se bem com as crianças. E não se dá ares de importância.

Aceitei sem comentário a censura implícita e perguntei-lhe outra vez se ela sabia que Tallis estivera interessado em cinema.

Ela acenou afirmativamente. Sim, ele lhe havia dito que ia mandar qualquer coisa a um dos estúdios.

Queria ganhar algum dinheiro. Não para si mesmo; pois embora tivesse perdido a maior parte do que um dia possuía, ainda dispunha do suficiente para viver.

Não, ele queria algum dinheiro a mais para mandar para a Europa. Casara-se com uma alemã, muito tempo atrás, antes da Primeira Guerra. Depois tinham se divorciado e ela ficara na Alemanha, com a criança.

E agora não restava mais ninguém a não ser uma neta.

O Sr. Tallis queria trazê-la para cá; mas o pessoal de Washington não dera permissão. Assim, o melhor que ele podia fazer era enviar-lhe algum dinheiro, de maneira que ela pudesse alimentar-se convenientemente e terminar os estudos. Fora por isso que escrevera aquela coisa para o cinema.

Suas palavras fizeram-me de súbito lembrar uma passagem no manuscrito de Tallis – qualquer coisa sobre crianças na Europa de após-guerra,stituindo-se por barras de chocolate. A neta – teria sido talvez uma dessas crianças? Ich te dar Schokolade, du me dar Liebe. Compreende? Elas compreendiam bem demais. Uma barra agora; mais duas depois.

– Que foi feito da esposa? – perguntei. – E os pais da menina?

– Passaram – respondeu a Sra. Coulton. – Creio que eram judeus ou coisa que o valha.

– Escute aqui – disse o gnomo de repente –, eu não tenho nada contra os judeus. Mas de qualquer maneira... – Fez uma pausa. – Talvez Hitler não fosse tão estúpido, apesar de tudo.

Desta vez, pude observar, foi aos Katzenjammer Kids que ele retornou.

Outra casquinada infantil explodiu na cozinha.

Lady Hamilton aos dezesseis anos soava como se tivesse onze. E no entanto, quão maduro, quão tecnicamente perfeito fora o olhar com que ela saudara Bob!

Sem dúvida, o mais inquietante em Rosie era o fato de ser ela a um tempo inocente e astuta, uma aventureira calculista e uma colegial de tranças.

– Ele casou-se outra vez – continuou a velha, ignorando tanto a hilaridade como o anti-semitismo.

– Com uma artista de teatro. Ele me disse o nome mas eu o esqueci. O fato é que a coisa não durou muito.

Ela fugiu com outro tipo qualquer. Bem feito para ele, na minha opinião, por engrajar-se com ela, tendo uma esposa lá na Alemanha. Eu não acho direito isso de andar se divorciando e casando com os maridos das outras.

No silêncio que se seguiu, construí uma biografia completa para esse homem que eu nunca vira. O jovem nortista de boa família, cuidadosamente educado, mas não ao ponto do pedantismo. Naturalmente dotado, mas sem uma

vocação irresistível que o levasse a trocar uma vida ociosa pelas fadigas do escritor profissional.

De Harvard partira para a Europa, vivera com refinamento, freqüentara em toda parte as melhores rodas.

E então – em Munique, eu estava certo – tinha se apaixonado. Visualizei a moça, trajando o equivalente teutônico dos vestidos do Liberty – filha de algum artista de sucesso ou protetor das artes. Um daqueles quase incorpóreos, como que flutuantes produtos da prosperidade e da cultura da época guilhermina; uma criatura a um tempo vaga e intensa, fascinantemente imprevisível e enlouquecedoramente idealista, tief¹ e germânica. Tallis se apaixonara, casara-se, gerara um filho apesar da friidez da esposa, fora quase asfixiado pelo animismo opressivo da atmosfera doméstica. Quão fresco e saudável tinham lhe parecido o ar de Paris e a ambiência pessoal daquela jovem atriz da Broadway que ele lá encontrou passando as férias!

La belle Américaine,
Qui rend les hommes fous,
Dans deux ou trois semaines
Partira pour Corfou.²

Mas aquela não partiu para Corfou – ou, se o fez, fê-lo em companhia de Tallis. E ela não era frígida, não flutuava, não era nem vaga, nem intensa, nem profunda, nem espiritual, nem uma esnobe da arte. O que, infelizmente, ela era, era um tantinho cadela. E esse tantinho fora aumentando com o passar dos anos. Ao tempo em que ele se divorciou dela, tinha se tornado o animal inteiro.

Em minha imaginação, o Tallis de 1947 podia olhar para trás e ver precisamente o que havia feito: pela satisfação de um prazer físico, e para a um tempo excitar e aplacar uma imaginação erótica, condenara uma esposa e uma filha a morrer às mãos de maníacos, e uma neta às carícias de qualquer soldado ou

traficante de mercado negro com um punhado de confeitos ou o preço de uma refeição decente.

Fantasia romântica! Voltei-me para a Sra. Coulton.

¹*Em alemão no original: profunda. (N. do T.)*

²*Em francês no original: A bela americana/Que deixa os homens loucos/Em duas ou três semanas/Partirá para Corfou.*

– E, eu gostaria de tê-lo conhecido.

– O senhor teria gostado dele – ela assegurou-me. – Todos nós gostávamos do Sr. Tallis. Vou contar-lhe uma coisa – confidenciou. – Toda vez que viajo para Lancaster, para ir ao Clube Feminino de Bridge, vou ao cemitério, só para fazer-lhe uma visita.

– E eu aposto que ele não sente nenhum prazer com isso – interpôs o gnomo.

– Ora, Elmer – protestou a mulher.

– Mas era ele mesmo quem dizia – insistiu o Sr. Coulton.

– Mais de uma vez. “Se eu morrer aqui”, dizia, “quero ser enterrado lá longe, no deserto.”

– Ele escreveu a mesma coisa na peça que enviou ao estúdio – observei.

– É mesmo? – O tom da Sra. Coulton era de incredulidade.

– Sim, ele até descreve o túmulo em que pretendia ser sepultado. Completamente isolado, ao pé de um cacto.

– Eu podia ter lhe dito que seria ilegal – tornou o gnomo. – Desde quando os agentes funerários conseguiram fazer passar aquela lei na Câmara de Sacramento. Sei de um homem que teve de ser desenterrado vinte anos depois de sepultado... lá atrás das montanhas. – Abanou com a mão na direção dos ratossáurios de Goya. – Custou ao sobrinho trezentos dólares até acabarem de transportá-lo todo.

Sufocou o riso ante a reminiscência.

– Eu é que não havia de querer ser enterrada no deserto – afirmou enfaticamente a esposa.

– Por que não?

– Solitário demais – respondeu ela. – Eu acharia horrível.

Enquanto eu procurava alguma coisa mais para dizer, a jovem mãe pálida desceu a escada, trazendo uma fralda. Parou por um momento à porta da cozinha.

– Escute aqui, Rosie – falou numa voz baixa e encolerizada –, já é tempo de você trabalhar um pouco, para variar.

Depois virou-se e caminhou para o corredor de entrada, onde uma porta aberta revelava as comodidades modernas do tal banheiro interno.

– Ele está com diarréia outra vez – disse com amargura ao passar pela avó.

Corada, os olhos brilhantes de excitação, a futura lady Hamilton assomou da cozinha. Atrás dela, de pé junto à porta, estava o futuro Hamilton, vivamente ocupado em imaginar-se lord Nelson.

– Vovó – anunciou a menina –, o Sr. Briggs acha que poderá arranjar-me um teste.

O cretino! Levantei-me.

– É, tempo de irmos, Bob – disse eu, consciente de que era já tarde demais.

Pela porta entreaberta do banheiro chegou-nos o som chapinhante de fraldas enxaguadas no lavatório.

– Escute! – sussurrei a Bob ao passarmos.

– Escute o quê?

Dei de ombros. Têm ouvidos e não ouvem.

Bem, isso foi o mais que nos aproximamos de Tallis em matéria. No que se segue o leitor poderá descobrir o reflexo de sua mente. Reproduzo o texto de “O macaco e a essência” tal como o encontrei, sem alterações e sem comentários.

:: O ROTEIRO ::

Títulos, créditos e finalmente, com o acompanhamento de trombetas e de um coro de anjos triunfantes, o nome do PRODUTOR.

A música muda de caráter e, se Debussy fosse vivo para escrevê-la, quão delicada seria, quão aristocrática, quão cristalinamente pura de toda a lubricidade e arrogância wagnerianas, de toda a vulgaridade straussiana! Pois na tela, em algo melhor do que tecnicolor, é a hora antes do amanhecer. A noite parece relutar na escuridão de um mar quase imóvel; mas das fímbrias do céu um palor transparente alastra-se, passando do verde a um azul mais e mais profundo, até o zênite. No oriente, a estrela da manhã ainda é visível.

NARRADOR

Beleza inexprimível, paz além do entendimento...
 Mas, ai de nós, em nossa tela
 Este símbolo de um símbolo
 Parecerá com certeza
 A ilustração de Fulana
 Para um poema de Ella
 Wheeler Wilcox.
 Com a sublime perfeição da natureza A arte fabrica quase
 sempre
 Apenas o grotesco.
 O risco tem, porém, de ser corrido;
 Pois que vós, vós da platéia,
 De algum modo e a qualquer preço,
 Wilcox ou pior,
 De algum modo tendes de ser lembrados,
 Ser induzidos a evocar

Ser implorados a tentar
Compreender a Verdade verdadeira.

Enquanto o Narrador fala, desvanece-se o nosso símbolo de um símbolo da Eternidade, dando lugar ao interior de um cinema completamente lotado. A luz torna-se um pouco menos imprecisa e de súbito damos-nos conta de que a platéia é toda ela composta de babuínos bem vestidos, de ambos os sexos e de todas as idades, da primeira à segunda infância.

NARRADOR

But man, proud man,
Drest in a little brief authority –
Most ignorant of what he is most assur'd,
His glassy essence – like an angry ape,
Plays such fantastic tricks before high heaven
As make the angels weep.¹

Corte para a tela, que os macacos fixam tão atentos. Num cenário como só Semíramis ou Metro-Goldwyn-Mayer poderiam ter imaginado, vemos uma jovem babuína de busto saliente, num vestido de noite cor-de-nácar, a boca pintada de púrpura, o focinho empoado de malva, os faiscantes olhos vermelhos aureolados de máscara. Bamboleando-se tão voluptuosamente quanto lhe permite a curteza das pernas, ela avança para o palco deslumbrantemente iluminado de um nightclub e, sob as palmas de duzentos ou trezentos pares de mãos peludas, aproxima-se do microfone estilo Luís XV. Atrás dela, de quatro e seguro por uma leve corrente de aço presa a uma coleira de cão, vem Miguel Faraday.

¹ *Mas o homem, o homem orgulhoso, / Investido de breve, vã autoridade – / Nada sabendo do que tem por certo, / Sua vítrea Essência – qual mono enfurecido, / Faz ante os céus esgares tão incríveis / Que arranca lágrimas aos anjos. (W. Shakespeare, Medida por medida, 2.º ato, cena II) (N. do T.)*

NARRADOR

“Nada sabendo do que tem por certo... ” E é quase desnecessário acrescentar que o que nós chamamos de conhecimento nada mais é que uma outra forma de Ignorância – altamente organizada, é certo, e eminentemente científica, mas por isso mesmo tanto mais completa, tanto mais produtora de símios enfurecidos. Quando a Ignorância era simplesmente ignorância, nós éramos equivalentes a lêmures, sagüis e macacos urradores. Hoje, graças à Ignorância Superior que é o nosso conhecimento, a estatura do homem cresceu a um ponto tal que o menor dentre nós é agora um babuíno, o maior um orangotango, ou até mesmo, se se alça à categoria de Salvador da Sociedade, um legítimo gorila.

Entrementes, a jovem babuína alcançou o microfone. Voltando a cabeça, ela surpreende Faraday de joelhos, no ato de endireitar as costas arqueadas e doloridas.

– Abaixo, sir, abaixo!

O tom é peremptório; ela aplica ao ancião uma lambada com seu rebente de cabo de coral. Faraday estremece e obedece, os macacos do auditório riem deliciados. Ela lhes atira um beijo, em seguida, puxando para si o microfone, arreganha os dentes formidáveis e começa a cantar, num expirante contralto de alcova, o mais recente sucesso popular:

Amor, amor, amar...

Amor é a verdadeira essência

De tudo que penso, de tudo que faço na vida.

Dá-me, dá-me, dá-me,

Dá-me detumescência.

Me chama de querida.

Primeiro plano do rosto de Faraday, enquanto ele exprime perplexidade, desgosto, indignação e, por fim, tamanha vergonha e angústia que as lágrimas começam a correr pelas faces sulcadas.

Plano de montagem de ouvintes do Pessoal da Radiolândia, escutando.

Uma corpulenta babuína dona-de-casa fritando salsichas, enquanto o alto-falante lhe proporciona a realização imaginária e a exacerbação real dos seus mais inconfessáveis desejos.

Um babuíno filhote, em pé no seu berço, estendendo o braço para o rádio portátil sobre a cômoda e sintonizando a promessa de detumescência.

Um babuíno financista de meia-idade, interrompendo a leitura das cotações da Bolsa para escutar, com os olhos cerrados e um sorriso de êxtase: “Dá-me, dá-me, dá-me, dá-me”.

Um casal de babuínos adolescentes, trocando carícias ao som da música, num carro estacionado. “Me chama de querida.” Primeiro plano de beijos e patas.

Corte, voltando às lágrimas de Faraday. A cantora volta-se, vê-lhe a face agoniada, solta um grito de raiva e começa a espancá-lo, golpe após golpe selvagem, enquanto o auditório aplaude tumultuosamente. As paredes de ouro e jaspe do nightclub se evaporam e, por um momento, vêem-se as silhuetas da macaca e do intelecto prisioneiro recortadas contra o crepúsculo matutino da primeira seqüência. Depois elas também se desvanecem e resta apenas o símbolo de um símbolo da Eternidade.

NARRADOR

O mar, o planeta refulgente, o ilimitado cristal do céu – certamente estais lembrados! Certamente! Ou será que olvidastes, será que jamais sequer notastes o que existe além do zoológico mental e do hospício interior e de toda essa Broadway de teatros imaginários em que o único nome em luzes é sempre o vosso próprio?

A câmara percorre o céu e agora a massa escura e denteada de uma ilha rochosa quebra a linha do horizonte. Velejando ao longo da ilha, vê-se uma grande escuna de quatro mastros. Aproximamo-nos, vemos que o barco leva a bandeira da Nova Zelândia e se chama Canterbury. O capitão e um grupo de passageiros estão junto à amurada, observando atentamente em direção a leste. Olhamos através dos seus binóculos e divisamos uma linha de costa árida. Então, quase de repente, o sol desponta por detrás da silhueta de montanhas distantes.

NARRADOR

Este novo dia luminoso é o dia 20 de fevereiro de 2018, e estes homens e mulheres são membros da Expedição Neozelandesa de Redescobrimento da América do Norte. Poupada pelos beligerantes da Terceira Guerra Mundial – não, é ocioso dizer, por qualquer razão humanitária, mas simplesmente porque, como a África equatorial, era remota demais para que alguém se desse o trabalho de obliterá-la – a Nova Zelândia sobreviveu e até mesmo floresceu modestamente num isolamento que, dadas as condições perigosamente radioativas do resto do mundo, manteve-se por mais de um século quase absoluto. Agora que o perigo passou, eis que chegam os primeiros exploradores, redescobrimo a América pelo oeste. Nesse meio tempo, do outro lado do mundo, os negros avançaram Nilo abaixo e cruzaram o Mediterrâneo. Que esplêndidas danças tribais nos salões infestados de morcegos da Mãe dos Parlamentos! E o labirinto do Vaticano – que magnífico local para os ritos demorados e complexos da circuncisão feminina! A gente colhe exatamente aquilo que plantou.

A cena escurece; ouve-se o estrondejar de um canhoneio. Quando a luz retorna, lá está, de cócoras, o Dr. Albert Einstein, atado a um cabresto, atrás de um grupo de babuínos uniformizados.

A câmara percorre uma estreita terra-de-ninguém coberta de ruínas, árvores destroçadas e cadáveres, e vem deter-se num segundo grupo de animais que usam insígnias diferentes sob uma outra bandeira, mas com o mesmo Albert Einstein, preso a um cabresto exatamente igual, agachado junto aos calcanhares de suas botas de campanha. Sob a auréola de cabelos desgrenhados, a fisionomia bondosa e inocente exhibe uma expressão de doloroso espanto. A câmara desloca-se para lá e para cá, de Einstein para Einstein. Plano próximo dos dois rostos idênticos, olhando-se consternadamente por entre as botas de couro polido de seus respectivos senhores.

Na trilha sonora, a voz, os saxofones e os violoncelos continuam a implorar detumescência.

– E você, Albert? – um dos Einsteins pergunta, hesitante.

O outro acena lentamente com a cabeça.

– É, Albert, sou eu.

No alto, as bandeiras dos exércitos oponentes começam de repente a agitar-se na brisa fresca. Os desenhos coloridos se desdobram, enrolam-se de novo sobre si mesmos, revelam-se e mais uma vez se ocultam.

NARRADOR

Listas verticais, listas horizontais, círculos e cruzeiros, águias e martelos. Meros símbolos arbitrários. Mas toda realidade a que foi associado um símbolo torna-se dessa forma subordinada a esse símbolo. Goswami e Ali viviam em paz. Mas eu arranjei uma bandeira, tu arranxaste uma bandeira, todos os filhos do Deus-Macaco arranxaram bandeiras. Assim até Ali e Goswami arranxaram bandeiras; e por causa das bandeiras passou imediatamente a ser justo e correto que quem tem prepúcio estripe quem não o tem e que o circunciso fuzile o incircunciso, viole sua mulher e asse seus filhos em fogo lento.

Enquanto isso, acima daqueles pedaços de estopa flutuam castelos de nuvens, e além das nuvens está aquele vácuo azul que

é o símbolo da nossa Essência vítrea, e ao pé do mastro cresce o trigo e o arroz verde-esmeralda e o centeio. Pão para o corpo e pão para o espírito. Nossa escolha é entre o pão e a estopa. E foi a estopa, não é preciso acrescentar, que nós quase unanimemente escolhemos.

A câmera desce das bandeiras para os Einsteins e passa dos Einsteins para os estados-maiores carregados de medalhas no segundo plano. De súbito e simultaneamente os dois marechalíssimos-de-campo gritam uma ordem. No mesmo instante, de cada lado, surgem técnicos babuínos com apetrechos completos para o lançamento de aerossóis. Nos tanques de pressão de um dos exércitos está pintado SUPERTULAREMIA, nos do adversário, MORMO ATIVADO, PUREZA GARANTIDA 99,44%. Cada grupo de técnicos se faz acompanhar de sua mascote, Louis Pasteur, preso a uma corrente. Na faixa sonora, uma reminiscência da cantora. Dá-me, dá-me, dá-me detumescência... Depois os voluptuosos acordes modulam-se na "Terra de Esperança e Glória", executada por uma gigantesca banda militar e cantada por um coro de catorze mil vozes.

NARRADOR

Que terra, perguntais? E eu respondo,
Uma terra qualquer.
E a teoria, certamente, é a do Rei-Macaco.
Quanto à Esperança –
Valha-nos Deus, não há mais esperança,
Somente a perspectiva quase certa
De consumir-se repentinamente,
Ou então pouco a pouco, em agonia,
A derradeira e fatal
Detumescência.

Plano próximo de patas manobrando as válvulas; em seguida a câmara recua. Fluindo dos tanques de pressão, duas ondas de neblina amarelada começam a rolar, uma contra a outra, mansamente, por sobre a terra-de-ninguém.

NARRADOR

Mormo, meus amigos, mormo – uma doença de cavalos, pouco comum em homens. Mas, não importa, a Ciência pode facilmente torná-la universal. E estes são os sintomas: dores violentas em todas as articulações. Pústulas por todo o corpo. Sob a pele, inchações duras que por fim rebentam e se transformam em úlceras gangrenosas. Ao mesmo tempo, a membrana mucosa do nariz se inflama e exsuda uma abundante secreção de pus fétido. As úlceras formam-se rapidamente nas narinas, corroendo o osso e a cartilagem que as envolve. Do nariz a infecção alastra-se para os olhos, boca, garganta e brônquios. Dentro de três semanas sobrevem a morte na maioria dos casos, Assegurar a morte em todos os casos tem sido a incumbência desses jovens e brilhantes Doutores em Ciência, ora a serviço do vosso governo. E não do vosso governo unicamente:

de todos os outros organizadores, eleitos ou auto-arvorados, da esquizofrenia coletiva no mundo. Biólogos, patologistas, fisiologistas – ei-los após um dia árduo no laboratório, voltando à casa, ao seio da família. Um abraço da doce esposinha. Uma brincadeira com as crianças. Um jantar tranqüilo com os amigos, seguido de uma noite de música de câmara ou de uma conversação inteligente sobre política ou filosofia. Depois, cama às onze horas e os êxtases familiares do amor conjugal. E na manhã seguinte, depois do suco de laranja com torradas, lá vão eles de volta à sua faina de descobrir como um número maior ainda de famílias exatamente como as suas podem ser infetadas por uma ação ainda mais mortífera do *Bacillus mallei*.

Novo ganido de comando dos marechalíssimos. Entre os monos de botas encarregados do suprimento de Gênio em cada

um dos exércitos há um violento estalar de chicotadas, um esticar de cabrestos.

Plano próximo dos Einsteins, que tentam resistir.

– Não, não... eu não posso.

– Digolhe que não posso.

– Desleal!

– Traidor da pátria!

– Comunista imundo!

– Cão burguês-fascista!

– Vermelho imperialista!

– Capitalista monopolista!

– Tome!

– Tome!

Pisado, açoitado, semi-asfixiado, cada um dos Einsteins é finalmente arrastado a uma espécie de guarita. No interior das mesmas há painéis de instrumentos, com mostradores, chaves e botões.

NARRADOR

É claro, é óbvio.

Que menino de escola o desconhece?

Os macacos escolhem os fins; só os meios são do homem.

Proxeneta de Papio, lacaia de babuínos,

A Razão vem pressurosa, na ânsia de ratificar;

Vem, servil, com a Filosofia, lambar os pés aos tiranos;

Vem, alcoviteira da Prússia, com a História hegeliana;

Vem com a Medicina ministrar o afrodisíaco do Rei-Macaco;

Vem, com rimas e Retórica, escrever suas arengas;

Vem com o Cálculo apontar seus foguetes

Com precisão sobre o orfanato no além-mar;

Vem, tendo apontado, com incenso

Rogar devotamente à Virgem por um impacto direto.

A banda militar cede lugar ao mais viscoso dos Wurlitzers, “Terra de Esperança e Glória” ao “Avante, Soldados de Cristo”. Seguido do seu reverendo deão e do seu cabido, o Reverendíssimo Bispo-Babuíno do Bronx avança majestoso, o báculo na pata carregada de jóias, para lançar a bênção sobre os dois marechalíssimos-de-campo e sobre os seus patrióticos empreendimentos.

NARRADOR

Igreja e Estado,
Ganância e Ódio: –
Duas Pessoas-Símias num só Gorila Supremo.

TODOS

Amém, amém.

O BISPO

In nomine Babuini...

Na trilha sonora é tudo vox humana e as vazes angélicas de coro.

“Com a (dim) Cruz de (pp) Jesus, (ff) sempre à vanguarda.”

Enormes patas suspendem os Einsteins obrigando-os a pôr-se de pé e, num primeiro plano, ferram-lhes os pulsos. Guiados por macacos, esses dedos, que escreveram equações e tocaram a música de Johann Sebastian Bach, fecham-se sobre as chaves de comando e, com horrorizada relutância, lentamente as

pressionam para baixo. Ouve-se um leve estalido, depois um longo silêncio, quebrado afinal pela voz do narrador.

NARRADOR

Mesmo a velocidades supersônicas os foguetes levarão um tempo apreciável para alcançar seu destino. Portanto, rapazes, que tal um almoçozinho enquanto esperamos pelo Juízo Final?

Os macacos abrem suas mochilas, atiram um pouco de pão, algumas cenouras e dois ou três torrões de açúcar aos Einsteins e lançam-se a um repasto de aguardente e chouriços.

Fusão para o convés da escuna, onde os cientistas da Expedição de Redescobrimento estão também almoçando.

NARRADOR

E estes são alguns dos sobreviventes daquele Juízo. Pessoas assaz agradáveis. E a civilização que elas representam – é agradável, também. Nada de muito excitante ou espetacular, é verdade. Não tem Partenons nem Capelas Sistinas, não tem Newtons nem Mozarts nem Shakespeares; mas também não tem Ezzelinos, não tem Napoleões nem Hitlers nem Jay Goulds, não tem Inquisições nem NKVD, não tem expurgos, pogroms ou linchamentos. Nem alturas, nem abismos, mas leite em abundância para as crianças, um QI médio razoavelmente elevado, e tudo duma maneira tranqüila e provinciana, plenamente confortável, sensata e humana.

Um dos homens assesta seu binóculo e perscruta a costa, que dista agora apenas um par de milhas. De súbito, deixa escapar uma exclamação de jubilosa surpresa.

– Olhe! – Ele estende as lentes a um dos companheiros. – Na crista da colina.

O outro olha.

Tomada telescópica de colinas rasas. No ponto mais alto da lombada, as silhuetas de três torres de petróleo erguem-se contra o céu, como o equipamento de um moderno e mais eficiente Calvário.

Petróleo! – grita o segundo observador excitadamente. – E as torres ainda estão de pé.

– De pé?

O assombro é geral.

– Isto significa – diz o velho professor Craigie, o geólogo – que não pode ter havido uma explosão muito forte nas redondezas.

– Mas não é necessário que tenha havido explosões – explica o seu colega do departamento de física. – Gases radioativos fazem o serviço com a mesma eficiência e sobre áreas muito mais extensas.

– Vocês parecem esquecer as bactérias e os vírus – intervém o professor Grampian, o biólogo. Seu tom é o de quem sente terem feito pouco caso dele.

Sua jovem esposa, que é apenas uma antropóloga e portanto não tem com que contribuir para a discussão, contenta-se em lançar ao físico um olhar feroz.

Atlética em suas calças de tweed, mas ao mesmo tempo brilhantemente inteligente por detrás dos óculos de aros de tartaruga, a Sra. Ethel Hook, do departamento de botânica, lembra-lhes ser quase certo ter ocorrido o emprego em larga escala de doenças das plantas. Ela se volta para pedir confirmação das suas palavras ao seu colega, Dr. Poole, que acena em sinal

E

de aprovação.

– Doenças das plantas alimentícias – diz ele à com seu ar professoral – teriam um efeito de longo alcance, não menos decisivo do que o produzido por material fissionável ou por epidemias artificialmente provocadas. Considerem, por exemplo, a batata...

– Mas por que perder tempo com qualquer dessas frioleiras? – tropeja rudemente o engenheiro do grupo, Dr. Cudworth. – Cortem-se os aquedutos e numa semana está tudo liquidado. Sem aguinha, adeus vidinha. – Deliciado com a própria pilhéria, ele ri às gargalhadas.

Entrementes o Dr. Schneeglock, o psicólogo, escuta sentado, com um sorriso de mal disfarçado desdém.

– E por que perder tempo com os aquedutos?

– pergunta ele. – Tudo o que se tem a fazer é simplesmente ameaçar o vizinho com qualquer das armas de destruição em massa. O seu próprio pânico fará o resto. Lembrem-se do que o processo psicológico fez em Nova York, por exemplo. As irradiações em ondas curtas de além-mar, os cabeçalhos nos vespertinos. E no mesmo instante oito milhões de pessoas espezinhando-se nas pontes e nos túneis. E os sobreviventes espalhados pelos campos, como gafanhotos, como uma horda de ratos pesteados. Contaminando os reservatórios de água. Disseminando o tifo, a difteria e as doenças venéreas. Mordendo, arranhando, saqueando, assassinando, estuprando. Devorando os cães e os cadáveres das crianças. Baleados à primeira vista pelos camponeses, esbordoados pela polícia, metralhados pela Guarda Estadual, enforcados pelos Vigilantes. E a mesma coisa estava acontecendo em Chicago, Detroit, Filadélfia, Washington; em Londres, em Paris; em Bombaim e em Xangai e em Tóquio; em Moscou, em Kiev, em Stalingrado; em cada capital, cada centro industrial, cada porto, cada entroncamento ferroviário, no mundo inteiro. Nem um tiro fora disparado e a civilização já estava em ruínas. Por que os soldados ainda acharam necessário usar suas bombas, eu realmente não posso imaginar.

NARRADOR

O amor elimina o medo; mas reciprocamente o medo elimina o amor. E não apenas o amor. O medo elimina a

inteligência, elimina a bondade, elimina todo pensamento de beleza e verdade. Só persiste o desespe ro mudo ou forçadamente jovial de quem pressente a obscena Presença no canto do quarto e sabe que a porta está trancada, que não há janelas. E então a coisa o acomete. Ele sente uma mão na sua manga, respira um bafo fétido, quando o ajudante do carrasco se inclina quase amorosamente para ele. “É a sua vez, irmão. Por aqui, tenha a bondade.” E num instante o seu terror silencioso se transforma em frenesi tão violento quanto inútil. Não é mais um homem entre os seus semelhantes, não mais um ser racional falando articuladamente a outros seres racionais; somente um animal ferido, ululando e se debatendo na armadilha. Pois, no fim, o medo elimina no homem a própria humanidade. E o medo, meus bons amigos, o medo é a própria base e fundamento da vida moderna. Medo da tão apregoada tecnologia que, enquanto eleva o nosso padrão de vida, aumenta a probabilidade de nossa morte violenta. Medo da ciência que tira com uma das mãos ainda mais do que tão prodigamente distribui com a outra. Medo das instituições manifestamente fatais pelas quais, em nossa lealdade suicida, estamos prontos a matar ou morrer. Medo dos Grandes Homens que elevamos, por aclamação popular, a um poder que eles usam, inevitavelmente, para nos massacrar e escravizar. Medo da guerra que nós não queremos mas tudo fazemos para desencadear.

Enquanto o Narrador fala, a cena dissolve para o piquenique ao ar livre dos babuínos e Einsteins prisioneiros. Eles comem e bebem regaladamente, enquanto os dois primeiros versos do “Avante, Soldados de Cristo” se repetem incessantemente, mais e mais depressa, mais e mais alto. Súbito, a música é interrompida pela primeira de uma sucessão de enormes explosões. Trevas. Um fragor prolongado, ensurdecador, de desmoronamentos, estalas, gritos, gemidos. Depois, silêncio; a luz volta gradualmente e mais uma vez é a hora antes do amanhecer, com a estrela matutina e a música delicada, pura.

NARRADOR

Beleza inexprimível, paz além do entendimento...

Ao longe, além do horizonte, uma coluna de fumaça rosada eleva-se para o céu, expande-se à feição de um enorme cogumelo e fica flutuando no espaço, eclipsando o planeta solitário.

Dissolvemos mais uma vez para a cena do piquenique. Os babuínos estão todos mortos. Horivelmente desfigurados por queimaduras, os dois Einsteins jazem lado a lado, sob o que resta de uma macieira em flor. Não muito longe, um tanque de pressão exala ainda o seu mormo ativado.

PRIMEIRO EINSTEIN

E injusto, não está certo...

SEGUNDO EINSTEIN

Nós, que nunca fizemos mal a ninguém.

PRIMEIRO EINSTEIN

Nós, que vivemos só para a Verdade.

NARRADOR

E é precisamente por isso que estais morrendo a serviço de macacos assassinos. Pascal já o explicou bem claramente, há mais de trezentos anos: “Fazemos da verdade um ídolo; pois a verdade sem caridade não é Deus, mas sua imagem e ídolo, que nós não devemos nem amar nem adorar”. Vós vivestes para a adoração de um ídolo. Mas, em última análise, o nome de todo ídolo é Moloque. E assim, meus amigos, deu no que deu. Impelida por uma súbita rajada de vento, a neblina pestilenta até então estagnada avança silenciosa mente, projeta uma espiral de

vapor cor-de-pus redemoinhando por entre as flores de macieira, depois desce para engolfar os dois vultos prostrados. Um grito sufocado anuncia a morte, por suicídio, da ciência do século XX. Fusão para um ponto da costa do sul da Califórnia, umas vinte milhas a oeste de Los Angeles. Os cientistas da Expedição de Redescobrimento são vistos no ato de desembarcar de uma baleeira. Ao fundo, um enorme conduto de esgoto, semidestruído no ponto em que mergulha no mar.

NARRADOR

Partenon, Coliseu
Glória da Grécia, grandeza, etcétera.
E aí estão todas as demais –
Tebas e Copan, Arezzo e Ajanta;
Bourges, arremetendo contra o céu,
E a Santa Sapiência, flutuando imóvel.
Porém a glória vitoriana
É ainda, indiscutivelmente, o W.C.;
A grandeza de Franklin Delano
É este imenso esgoto, o maior jamais construído –
Seco agora e destruído, Ichabod, Ichabod;
E o seu enxurro de condons (boiando irreprimivelmente,
Como a esperança, como a concupiscência)
Não mais branqueia esta praia solitária
Com uma galáxia como que de anêmonas
Ou margaridas estivais.

Enquanto isso, os cientistas, com o Dr. Craigie à frente, cruzaram a praia, escalaram a baixa penedia e avançam agora, através da planura arenosa e erodida, em direção aos poços de petróleo sobre as colinas além.

A câmara detém-se sobre o Dr. Poole, o botânico-chefe da expedição. Como uma ovelha pastando, ele se move de uma planta para outra, examinando flores através da sua lupa,

recolhendo espécimes no seu estojo de colecionador, tomando notas num livrinho preto.

NARRADOR

Bem, aqui o temos, o nosso herói, Dr. Alfred Poole, doutor em Ciência. Mais conhecido entre os seus alunos e colegas mais jovens por Poole Bocó. E o apelido, ai de nós, é dolorosamente apropriado. Pois embora não seja mal-apessoado, como podeis observar, embora membro da Real Sociedade da Nova Zelândia e de maneira alguma um parvo, nas conjunturas da vida prática sua inteligência parece ser apenas potencial, seus atrativos não mais que latentes. É como se ele vivesse por detrás de uma placa de vidro, pudesse ver e ser visto, porém jamais estabelecer contato. E a culpa, como o Dr. Schneeglock do departamento de psicologia está mais que apto a vos explicar, a culpa cabe àquela mãe tão devotada e tão intensamente viúva – àquela santa, àquele pilar de fortaleza, aquele vampiro, que ainda preside à sua mesa de almoço, lava q com as próprias mãos as suas camisas de seda e abnegadamente remenda as suas meias. A Srta. Hook entra agora em cena – entra numa explosão de entusiasmo.

– Não é emocionante, Alfred? – exclama ela.

– Muito – concorda o Dr. Poole polidamente.

– Ver a Yucca gloriosa em seu habitat nativo...

Quem poderia imaginar que tivéssemos esta oportunidade? E a *Artemisia tridentata*.

– Restam ainda algumas flores na *Artemisia* – diz o Dr. Poole. – Nota nelas alguma coisa fora do comum?

A Sra. Hook examina as flores, abana a cabeça.

– São bem maiores que nas descrições dos velhos compêndios – observa ele, com excitação estudadamente reprimida.

– Bem maiores...? – repete ela. Seu rosto se ilumina. – Alfred, você acha...?

O Dr. Poole assente.

– Sou capaz de apostar – diz ele. – Tetraploidismo.
Induzido por irradiação de raios gama.
– Oh, Alfred! – grita ela extaticamente.

NARRADOR

Com seus tveeds e com seus óculos de aros de tartaruga, Ethel Hook é uma dessas moças extraordinariamente saudáveis, surpreendentemente eficientes e intensamente britânicas, com quem, a menos que se seja igualmente saudável, igualmente britânico e ainda mais eficiente, se acha muito preferível não casar.

Razão provável por que, aos 35 anos, Ethel se encontra ainda sem marido. Sem marido, sim, mas —ela espera— não por muito tempo. Pois embora o querido Alfred na verdade ainda não se tenha declarado, ela sabe (e sabe que ele sabe) que o mais caro desejo de sua mãe é que ele o faça — e Alfred é o mais obediente dos filhos. Adernais, eles têm tanto em comum — a botânica, a universidade, a poesia de Wordsworth. Ela confia em que, antes do regresso a Auckland, tudo se terá arranjado — a cerimônia simples, com o velho Dr. Trilliams oficiando, a lua-de-mel nos Alpes Meridionais, a volta à sua linda casinha em Mount Eden, e depois, dezoito meses mais tarde, o primeiro filhinho...

Corte para os outros membros da expedição, que galgam a colina rumo aos poços de petróleo. O professor Craigie, que os comanda, faz alto para enxugar a testa e passar em revista os seus pupilos.

– Onde está o Poole? – pergunta ele. – E Ethel Hook?

Alguém aponta e, num plano geral, vemos os vultos distantes dos dois botânicos.

Corte, voltando ao professor Craigie, que ajunta as mãos em concha sobre a boca e grita: — Poole, Poole!

– Por que não os deixa em paz com o seu romancezinho?
– pergunta o jovial Cudworth.

– Romance, pois sim! – O Dr. Schneeglock bufa com escárnio.

– Mas é evidente que ela está caída por ele.

– São precisos dois para um romance.

– Uma mulher sabe levar o seu homem a pôr o pé no laço.

– É mais fácil ele cometer incesto com a mãe dele – afirma o Dr. Schneeglock enfaticamente.

– Poole! – berra mais uma vez o professor Craigie. Depois, voltando-se para os outros: – Não me agrada que fique ninguém para trás – diz em tom irritado. – Numa terra estranha... nunca se sabe.

Ele renova o berreiro.

Corte para o Dr. Poole e a Srta. Hook. Eles ouvem o chamado distante, levantam os olhos da sua Artemisia tetraplóide, abanam os braços e lançam-se ao encalço dos demais. De repente o Dr. Poole avista algo que o faz gritar alto: – Olhe! – Ele aponta um indicador.

– O que é?

– Echinocactus hexaedrophorus. Um belíssimo exemplar. Meio plano geral do seu ponto de vista para um bangalô arruinado entre as salvas. Depois um plano próximo do cacto, crescendo entre duas lajes de pavimento, próximo à porta de entrada. Corte para o Dr. Poole. Da bainha de couro que traz ao cinto, ele saca uma longa colher de jardineiro de lâmina estreita.

– Você não vai desencavá-lo, vai?

A única resposta dele é caminhar para o cacto e acocorar-se junto ao mesmo.

– O professor Craigie vai ficar zangado – protesta a Srta. Hook.

– Pois bem, siga adiante e faça-o ficar quieto.

Ela o contempla por alguns segundos com uma expressão de solicitude.

– Eu não queria deixar você sozinho, Alfred.

– Você fala como se eu tivesse cinco anos – retruca ele com irritação. – Siga adiante, estou lhe dizendo.

Ele vira as costas e começa a cavar.

A Srta. Hook não obedece de pronto, e continua a olhá-lo em silêncio por mais alguns instantes.

NARRADOR

Tragédia é a farsa que envolve as nossas simpatias, farsa, a tragédia que sucede aos que nos são estranhos. Esportiva e airosa, saudável e eficiente, este objeto do gênero mais fácil de sátira é também o objeto de um Diário íntimo. Que poentes flamejantes ela contemplou e em vão tentou descrever! Que veludosas e voluptuosas noites de verão! Que idílicas manhãs de primavera! E, oh! as torrentes de emoção, as tentações, as esperanças, o apaixonado palpitar do coração, as decepções mortificantes! E agora, depois de tantos anos, depois de tantas reuniões de comissão assistidas, tantas aulas proferidas, tantas provas corrigidas, agora enfim, em Seus misteriosos desígnios, Deus a tornou, ela o sente, responsável por esse homem desamparado e infeliz. E porque ele é infeliz e desamparado, ela o ama – não romanticamente, é verdade, não como amou àquele tratante de cabelos encaracolados que, quinze anos atrás, lhe virou a cabeça e depois casou com a filha do rico empreiteiro, mas não menos genuinamente, com uma ternura forte e protetora.

– Está bem – diz ela por fim. – Eu vou andando. Mas prometa-me que não vai se demorar.

– Claro que não vou me demorar.

Ela vira as costas e se afasta, O Dr. Poole a segue com o olhar; depois, com um suspiro de alívio ao ver-se outra vez só, recomeça a cavar.

NARRADOR

“Nunca”, ele está repetindo a si mesmo, “nunca!”

Diga o que disser a minha mãe.” Pois embora ele respeite a Srta. Hook como cientista, confie nela como organizadora e a admire como pessoa de caráter, a idéia de ser feito com ela uma só carne lhe é tão impensável como uma violação do Imperativo Categórico.

Súbito, por detrás dele, três homens mal-encarados, com grandes barbas negras, sujos e maltrapilhos, esgueiram-se muito silenciosamente de entre as ruínas da casa, por um momento detêm-se indecisos, depois lançam-se sobre o desprevenido botânico e, antes que ele possa sequer soltar um ai, enfiam-lhe na boca uma mordaca, amarram-lhe as mãos às costas e arrastam-no para dentro de um fosso, fora da vista de seus companheiros.

Fusão para uma vista panorâmica do sul da Califórnia, tomada da estratosfera, de uma altura de cinquenta milhas. Enquanto a câmara mergulha para a terra, ouve-se a voz do narrador.

NARRADOR

O mar e suas névoas, as montanhas verde e ouro,
O anil dos vales ensombrados,
A aridez fulva das planícies,
Os rios de seixos e de areias brancas,
E entre eles, se espalhando imensa,
A Cidade dos Anjos.
Meio milhão de casas.
Cinco mil milhas de ruas,
Um milhão e meio de carros a motor.
E mais artigos de borracha do que Akron,
Mais celulósido do que os soviéticos,
Mais meias de náilon do que New Rochelle,
Mais sutiãs que Buffalo,
Mais desodorantes que Denver,

Mais laranjas que qualquer outro lugar, Com garotas
maiores e melhores
A grande Metrollopis do Oeste.

E agora estamos a somente cinco milhas de altitude, e vai-se tornando cada vez mais evidente que a grande Metrollopis¹ é uma cidade-fantasma, que o que foi um dia o mais vasto oásis do mundo é agora o seu maior aglomerado de ruínas numa terra devastada. Nada se move nas ruas. Dunas amontoaram-se por entre o concreto. Das avenidas de palmeiras e pimenteiras não resta vestígio algum.

A câmara desce sobre um grande cemitério retangular entre as torres de concreto armado de Hollywood e as do Wilshire Boulevard. Aterrissamos, passamos sob um portal em arco, apreciamos um travelling de monumentos funerários. Uma pirâmide em miniatura. Uma guarita gótica. Um sarcófago de mármore encimado por serafins em pranto. A estátua em tamanho mais que natural de Hedda Boddy – “carinhosamente apelidada”, reza a inscrição do pedestal, “a Namorada Pública Número Um”. “Atrela o teu carro a uma estrela.” Atrelamos e prosseguimos; e inesperadamente, em meio a toda essa desolação, lá está um pequeno grupo de seres humanos. São quatro homens, com enormes barbas e mais do que sujos, e duas mulheres jovens, todos eles trabalhando com pás dentro e ao redor de uma sepultura aberta, e todos identicamente vestidos de calças e camisas de pano ordinário e esfarrapado. Sobre essas vestimentas grosseiras cada um deles usa um pequeno avental quadrado sobre o qual, em lã vermelha, está bordada a palavra Não. Além dos aventais, as moças ostentam um remendo circular aplicado sobre cada seio, e atrás um par de remendos um pouco maiores sobre os fundilhos das calças. Três inequívocas negativas nos saúdam quando elas se aproximam, duas mais, à maneira das flechas dos partos, quando se afastam.

Fiscalizando os trabalhadores de sobre a lápide de um mausoléu vizinho, está sentado um homem de seus quarenta

anos, alto, hercúleo, com os olhos negros e o nariz aquilino de um corsário argelino. Uma barba negra e encaracolada realça-lhe o vermelho úmido dos lábios grossos.

¹ O autor faz um anagrama intraduzível de *Metrópolis*, jogando com a palavra inglesa *trollop* – prostituta. Provável alusão à “Grande Prostituta” de que fala o capítulo XVII do *Apocalipse*. (N. do T.)

Um tanto incongruentemente, ele veste uma fatiota do talhe usado nos meados do século XX, um pouco pequena para ele. No momento em que o surpreendemos, acha-se absorvido em aparar as unhas.

Corte para os coveiros. Um deles, o mais jovem e de melhor aparência, levanta os olhos da sua pá, relanceia um olhar subreptício ao feitor sobre a lápide e, vendo-o ocupado com as próprias unhas, volve um olhar intensamente lúbrico à jovem rechonchuda que, ao seu lado, se inclina sobre a ferramenta. Plano próximo dos dois rótulos proibitivos. Não e outra vez Não, crescendo mais e mais, quanto mais avidamente ele os fita. Já aconcheada para o contato deliciosamente imaginado, sua mão se estende, tenteante, hesitante; depois, num arranco, quando bruscamente a consciência vence a tentação, recolhe-se de novo. Mordendo o lábio, o rapaz vira as costas e, com zelo redobrado, aplica-se mais uma vez ao trabalho.

De repente uma pá se choca contra um objeto duro. Há um brado de júbilo, um afã de atividade combinada. Alguns momentos mais tarde um belo esquife de mogno é guindado para a superfície.

– Arrombem-no.

– O.K., Chefe.

Ouve-se o ranger e estalar de madeira despedaçada.

– Homem ou mulher?

– Homem.

– Ótimo! Despejem-no fora.

Com um “um-dois-já!” embarcam o caixão e o cadáver rola na areia. O mais velho dos cavouqueiros barbudos ajoelha-se ao lado dele e passa a despojá-lo metodicamente do relógio e das jóias.

NARRADOR

Graças ao clima seco e à arte do embalsamador, os restos do diretor-gerente da Cervejaria Regra Áurea parecem como se ele tivesse sido enterrado na véspera. As faces estão ainda rosadas com o ruge aplicado pelo preparador para a câmara ardente. Suturados num sorriso perpétuo, os cantos dos lábios, repuxados, dão à cara gorda a expressão irritantemente enigmática de uma Madona de Boltraffio.

De repente, a ponta de um enorme chicote estala nas costas do coveiro ajoelhado. A câmara recua para revelar o Chefe que se inclina ameaçador, látego em mpunho, como a encarnação da Vingança divina, do alto do seu Sinai de mármore.

– Devolva o anel!

– Que anel? – o homem gagueja.

Em resposta, o Chefe lhe aplica mais duas ou três vergastadas.

– Não, não, por favor! Ai! Eu devolvo. Parel!

O culpado introduz dois dedos na boca e, depois de remexer um pouco, retira o belo anel de diamantes que o defunto cervejeiro adquiriu durante a Segunda Guerra, quando os negócios iam de vento em popa.

– Ponha aí com o resto – manda o Chefe; e depois que o homem obedece: – Vinte e cinco açoites – continua com satisfação perversa – é o que você vai levar esta noite.

Choramingando, o homem suplica indulgência – c só por esta vez. Considerando que amanhã é Dia de Belial... E ademais ele está velho, trabalhou dedicadamente a vida toda, chegou ao posto de inspetor adjunto...

O Chefe não o deixa continuar.

– Isto é uma Democracia – diz ele. – Nós somos todos iguais perante a Lei. E a Lei diz que tudo pertence ao Proletariado; vale dizer, ao Estado. E qual é a pena para quem rouba o Estado? – O homem ergue os olhos para ele em mudo desamparo. –

Qual é a pena? – berra o Chefe, levantando o chicote.

– Vinte e cinco açoites – vem a resposta quase inaudível.

– Certo! Bem, isto resolve o caso, não é mesmo?

E agora, que tal é a roupa?

A mais jovem e mais esbelta das moças inclina-se, e apalpa com os dedos o jaquetão preto do cadáver.

– Boa fazenda – informa ela. – E sem manchas. Ele não vazou, nem nada.

– Vou experimentá-la – diz o Chefe.

Com alguma dificuldade, desvestem do cadáver as calças, o casaco e a camisa, depois atiram-no outra vez dentro da cova e despejam a terra sobre a sua roupa de baixo de uma só peça. Entretanto, o Chefe pega a fatiota, cheira-a criticamente, depois despe o paletó cinza-pérola que pertenceu outrora ao gerente de produção da Western-Shakespeare Pictures Incorporated e enfia os braços no modelo mais conservador, que harmoniza com bebidas maltadas e com a Regra áurea.

NARRADOR

Colocai-vos em seu lugar. Talvez não o saibais, mas uma emborradora ou primeira carda completa compõe-se de um alimentador ou carretel e dois tambores, com os respectivos trabalhadores, separadores, catanas, descartadores etc. E se não se dispõe de maquinaria de cardação, nem de teares mecânicos, se não se tem motores elétricos para impulsioná-los nem dínamos para gerar a eletricidade, nem turbinas para rodar os dínamos, nem carvão para produzir vapor, nem altos-fornos para fabricar o

aço – ora, então, é claro, para ter boas roupas é forçoso depender dos cemitérios daqueles que um dia gozaram tais vantagens. E enquanto a radioatividade persistiu, não houve nem mesmo cemitérios a explorar. Por três gerações, os remanescentes cada vez mais reduzidos daqueles que sobreviveram à consumação do progresso tecnológico viveram precariamente nos ermos. Só nos últimos trinta anos puderam eles, com segurança, beneficiar-se dos restos enterrados do confort moderne.

Plano próximo do Chefe, grotesco na jaqueta herdada de um homem cujos braços eram muito mais curtos que os seus e cuja barriga era muito maior. O som de passos que se aproximam fá-lo voltar a cabeça.

Num plano geral do seu ponto de vista, vemos o Dr. Poole com as mãos atadas às costas, avançando trôpega e desconsoladamente pela areia. Atrás dele vêm os seus três captares. Cada vez que ele tropeça ou retarda o passo, eles lhe espetam o traseiro com agudíssimas folhas de iúca e riem-se estrondosamente ao vê-la saltar.

O Chefe os contempla em atônito silêncio enquanto se aproximam.

– Em nome de Belial, o que é isso? – articula ele por fim.

O pequeno grupo faz alto ao pé do mausoléu. Os três membros da escolta do Dr. Poole fazem ao Chefe uma reverência e contam a sua história: tinham estado a pescar em sua pelota ao largo de Redondo Beach; tinham visto de repente um enorme e estranho barco surgir da cerração; imediatamente tinham remado para terra, de modo a não serem percebidos. Das ruínas de uma velha casa, observaram o desembarque dos forasteiros. Treze deles. E depois este homem viera perambulando com uma mulher, precisamente para a frente do seu esconderijo. A mulher voltara e, enquanto o homem estava remexendo a terra com uma pazinha, saltaram sobre ele por detrás, amordaçaram-no, manietaram-no e agora traziam-no para ser interrogado.

Há um longo silêncio, afinal quebrado pelo Chefe.

– Você fala inglês?

– Sim, falo inglês – gagueja o Dr. Poole.

– Bom. Desamarrem-no; ponham-no aqui em cima.

Ele se vê guindado – com tanta sem-cerimônia que aterrissa de quatro aos pés do Chefe.

– Você é sacerdote?

– Sacerdote? – ecoa o Dr. Poole com espanto apreensivo. Ele sacode a cabeça.

– Então por que é que não tem barba?

– Eu... eu me barbeio.

– Ah, então você não é... – O Chefe passa um dedo pelo queixo e pelo rosto do Dr. Poole.

– Compreendo, compreendo. Levantese.

O Dr. Poole obedece.

– De onde vem você?

– Da Nova Zelândia, sir.

O Dr. Poole engole com dificuldade, deseja que sua boca estivesse menos seca, sua voz menos trêmula de medo.

– Nova Zelândia? é longe?

– Muito longe.

– Você veio num navio grande? Com velas?

O Dr. Poole acena afirmativamente e, adotando-a pose de conferencista que sempre constitui o seu refúgio quando contatos pessoais ameaçam tornar-se difíceis, passa a explicar por que não lhe seria possível cruzar o Pacífico a vapor.

– Não haveria lugar para reabastecer. Unicamente para o tráfego costeiro estão as nossas companhias de navegação em condições de utilizar barcos a vapor.

– A vapor? – repete o Chefe, o rosto iluminado pelo interesse. – Vocês ainda têm barcos a vapor?

Mas isto quer dizer que vocês não tiveram a Coisa?

O Dr. Poole mostra-se confuso.

– Não compreendi bem. Que coisa?

– A Coisa. Você sabe... Quando Ele tomou conta.

Levando as mãos à testa, ele faz o sinal dos cornos com os indicadores estendidos. Devotamente, seus subordinados o imitam.

– O senhor se refere ao Diabo? – pergunta o Dr. Poole dubitativamente.

O outro assente.

– Mas, mas... ora...

NARRADOR

Nosso amigo é um bom congregacionista, mas, aí da ala liberal. O que significa que nunca atribuiu ao Príncipe deste mundo a sua realidade ontológica. Numa palavra – não acredita Nele.

– E, Ele assumiu o controle – o Chefe explica.

– Ele ganhou a batalha e apossou-se de todo o mundo.

Foi quando fizeram tudo isto.

Num gesto largo e abrangente, abarca a desolação que foi um dia a cidade de Los Angeles. A fisionomia do Dr. Poole ilumina-se de compreensão.

– Ah, percebo. O senhor se refere à Terceira Guerra Mundial. Não, nós tivemos sorte; escapamos sem um arranhão. Devido à sua situação geográfica peculiar – acrescenta em tom professoral –, a Nova Zelândia carecia de importância estratégica para...

O Chefe interrompe uma promissora preleção.

– Então vocês ainda têm trens? – interroga.

– Sim, nós ainda temos trens – responde o Dr. Poole, um pouco irritado. – Mas, como eu estava dizendo...

– E as locomotivas funcionam?

– Ó claro que funcionam. Como eu estava dizendo...

O Chefe solta um berro assustador de exultação e lhe aplica uma palmada nas costas.

– Então você pode nos ajudar a pôr tudo em ordem outra vez. Como nos velhos tempos, antes da... – ele faz o sinal dos

cornos. – Teremos trens de verdade. – E num êxtase de jubilosa antecipação, agarra o Dr. Poole, passa-lhe um braço em torno do pescoço e beija-o nas duas faces.

Encolhendo-se num embaraço intensificado pela repugnância (pois o grande homem raramente se lava e tem um mau hálito horrível), o Dr. Poole se desvencilha.

– Mas eu não sou engenheiro – protesta. – Eu sou botânico.

– O que é isso?

– Botânico é um homem que entende de plantas.

– Plantas de máquinas? – pergunta o Chefe, esperançoso.

– Não, não, plantas simplesmente. Coisas com folhas, caules e flores. Se bem que, é claro – acrescenta depressa –, não se devam esquecer os criptógamos. E por sinal, os criptógamos são a minha especialidade. A Nova Zelândia, como o senhor deve saber, é particularmente rica em criptógamos...

– Mas, e as locomotivas?

– Locomotivas? – repete o Dr. Poole com desdém. – Estou lhe dizendo, eu não distingo uma turbina a vapor de um diesel.

– Então você não pode fazer nada para nos ajudar a pôr os trens outra vez em movimento?

– Nada.

Sem uma palavra, o Chefe levanta a perna direita, apoia o pé contra a boca do estômago do Dr. Poole, depois distende violentamente o joelho dobrado.

Plano próximo do Dr. Poole, enquanto ele se levanta, abalado e contundido, mas sem nenhum osso quebrado, do monte de areia sobre o qual foi parar.

De fora da cena, ouve-se o Chefe gritando pelos seus comandados.

Plano médio dos coveiros e pescadores, que vêm correndo em atenção aos chamados.

O Chefe aponta o Dr. Poole.

– Enterrem-no.

– Vivo ou morto? – pergunta a mais gorducha das moças em sua rica voz de contralto.

O Chefe baixa os olhos para ela. Tomada do seu ponto de vista. Com um esforço, ele desvia o olhar.

Seus lábios se movem. Ele está repetindo a passagem adequada do Pequeno Catecismo: “Qual é a natureza da mulher? Resposta: A mulher é o vaso do Espírito Satânico, a fonte de todas as deformidades, a inimiga da raça, a...”

– Vivo ou morto? – insiste a gorducha.

O Chefe dá de ombros.

– Tanto faz – responde com estudada indiferença.

A gorducha bate palmas.

– Oba, oba! – ela grita e vira-se para os companheiros. – Vamos, rapazes, vamos nos divertir um bocado.

Eles cercam o Dr. Poole, erguem-no, aos gritos, do chão e deixam-no cair de pé dentro da cova parcialmente cheia do diretor-gerente da Cervejaria Regra Áurea. Enquanto a gorducha o mantém na posição, os homens pegam as pás e põem-se a jogar para dentro a terra fofa e seca. Em muito pouco tempo ele se vê enterrado até a cintura.

Na trilha sonora, os gritos da vítima e os risos excitados dos algozes decrescem gradualmente para um silêncio que é quebrado pela voz do narrador.

NARRADOR

Crueldade e compaixão vêm com os cromossomas;
Todos os homens são bons e todos assassinos.
Afeiçoados a cães, constroem seus Dachaus; Queimam
cidades inteiras e acariciam os órfãos; Clamam contra os
linchamentos, mas apóiam Oakridge; Fazem projetos de
filantropia, mas hoje a NKVD.

Quem devemos perseguir, quem lamentar?
É tudo uma questão das modas do momento,
De palavras no papel, de rádios vozeirando,

De jardins de infância comunistas ou primeiras-comunhões ;
Só no conhecimento de sua própria Essência
Deixam de ser os homens um bando de macacos.

Os risos e as súplicas voltam à faixa de som.

Depois, subitamente, ouve-se a voz do Chefe.

– Afastem-se – grita ele. – Eu não posso ver.

Eles obedecem. Em silêncio, o Chefe demora o olhar sobre o Dr. Poole.

– Você sabe tudo sobre plantas – diz ele por fim. – Por que você não planta umas batatas aí embaixo?

O dito é aplaudido por enormes gargalhadas.

– Por que não faz brotar umas lindas florzinhas cor-de-rosa?

Num primeiro plano vemos o rosto agoniado do botânico.

– Piedade, piedade...

A voz se embarga, grotescamente; há uma nova explosão de hilaridade.

– Eu lhes poderia ser útil. Eu poderia ensinar lhes a obter colheitas melhores. Vocês teriam mais o que comer.

– Mais o que comer? – repete o Chefe com súbito interesse.

Depois franze selvagemmente o sobro lho. – Você está mentindo!

– Não estou. Juro por Deus Todo Poderoso.

Há um murmúrio de protesto escandalizado.

– Ele pode ser todo poderoso na Nova Zelândia – diz o Chefe. – Mas não aqui. Não desde que a Coisa aconteceu.

– Mas eu sei que posso ajudá-los.

– Você está disposto a jurar por Belial?

O pai do Dr. Poole era pastor e ele próprio freqüenta regularmente a igreja; mas é com fervor vindo do fundo do coração que faz o que lhe pedem.

– Por Belial. Juro por Belial Todo Poderoso.

Todos fazem o sinal dos cornos. Há um novo silêncio.

– Desenterrem-no.

– Ah, Chefe – protesta a gorducha –, isto não é coisa que se faça!

– Desenterrem-no, seu vaso do Diabo!

Seu tom os convence de pronto; eles cavam com tamanho ardor que em menos de um minuto o Dr. Poole se encontra fora de sua cova e de pé, um tanto vacilante, junto ao mausoléu.

– Obrigado – consegue articular; depois os joelhos cedem e ele cai desmaiado.

Há um coro de risos desdenhosamente bem-humorados.

O Chefe se inclina do seu poleiro de mármore.

– Ei, você aí, o vaso de cabelos ruivos. – Ele estende à jovem moça uma garrafa. – Façam beber um pouco disto – ordena. – Ele precisa poder andar.

Vamos voltar para a base.

Ela se abaixa junto ao Dr. Poole, ergue-lhe o corpo flácido, apóia a cabeça pendida contra as interdições do seu peito e administra o reconstituente.

Fusão para uma rua. Quatro dos barbudos carregam o Chefe numa liteira. Os outros vêm dispersos atrás, caminhando devagar sobre a areia amontoada pelo vento. Aqui e ali, sob os pórticos de postos de gasolina arruinados, nos portais vazios de prédios de escritórios, vêem-se pilhas de ossos humanos.

Meio plano próximo do Dr. Poole. Com a garrafa ainda na mão direita, ele caminha um pouco instável mente, cantando para si mesmo Annie Laurie, com intenso sentimento. Bebido com o estômago vazio – além do mais o estômago de um homem cuja mãe sempre fez objeções de consciência ao álcool – o forte vinho tinto produziu prontamente os seus efeitos.

And for bonny Annie Laurie
I'd lay me doon and dee...¹

No meio do último verso, as duas jovens coveiras entram em cena. Aproximando-se do cantor por detrás, a gorducha dá-lhe uma palmada amigável nas costas.

O Dr. Poole tem um sobressalto, volta-se e mostra-se de súbito apreensivo. Mas o sorriso dela é tranquilizador.

– Eu me chamo Flossie – diz ela – e espero que você não esteja zangado comigo porque eu queria enterrá-la.

– Oh! Não, não, nem um pouco – assegura-lhe o Dr. Poole, no tom de quem diz não fazer nenhuma objeção a que a senhorita acenda um cigarro.

– Não é que eu tivesse nada contra você – assevera-lhe ela.

– Claro que não.

– Eu só queria me divertir um pouco, nada mais.

– Claro, claro.

– As pessoas ficam tão engraçadas quando estão sendo enterradas.

¹ E pela guapa Annie Laurie/Eu me deitaria e morreria.

– Engraçadíssimas – concorda o Dr. Poole, e força uma risadinha nervosa.

Sentindo que precisa de mais coragem, ele se revigora com mais um gole da garrafa.

– Bem, até loguinho – diz a gorducha. – Eu tenho de ir falar com o Chefe sobre o alongamento das mangas de sua jaqueta nova.

Ela lhe dá mais uma palmada nas costas e afasta-se às pressas.

O Dr. Poole fica a sós com a outra companheira. Relanceia-lhe um olhar. Ela tem dezoito anos; tem cabelos ruivos e covinhas, um rosto encantador e um corpo esguio de adolescente.

– Meu nome é Loola – informa ela espontaneamente. – E o seu?

– Alfred – responde o Dr. Poole. – Minha mãe era grande admiradora do In Memoriam – acrescenta, à guisa de explicação.

– Alfred – repete a ruiva. – Eu lhe chamarei Alfie. Deixe-me dizer-lhe uma coisa, Alfie: eu não gosto muito desses enterros

públicos. Não sei por que eu deva ser diferente das outras pessoas, mas eles não me fazem rir. Não consigo ver nada de engraçado neles.

– Folgo em ouvi-la – diz o Dr. Poole.

– Sabe de uma coisa, Alfie – torna ela depois de uma pausa –, você é mesmo um homem de muita sorte.

– Sorte?

Loola confirma.

– Primeiro você é desenterrado (e eu nunca vi isso acontecer antes) e agora vai direto para as Cerimônias da Purificação.

– Cerimônias da Purificação?

– É, amanhã é Dia de Belial... Dia de Belial – insiste ela em resposta ao ar de perturbada incompreensão na face do outro. – Não me diga que você não sabe o que acontece na Véspera de Belial.

O Dr. Poole sacode a cabeça.

– Mas quando é que vocês fazem a sua Purificação?

– Bem, nós tornamos banho todos os dias – diz o Dr. Poole, que acaba de notar, mais uma vez, que Loola decididamente não o faz.

– Não, não – exclama ela impaciente. – Estou falando da Purificação da Raça.

– Da Raça?

– Bolas, os seus sacerdotes não deixam as crianças deformadas continuar vivendo, deixam?

Há um silêncio; o Dr. Poole rebate com outra pergunta.

– Nascem muitas crianças deformadas aqui?

Ela acena afirmativamente.

– Desde a Coisa... desde quando Ele passou a mandar. – Ela faz o sinal dos cornos. – Dizem que antes disso não havia nenhuma.

– Alguém já lhe falou sobre os efeitos dos raios gama?

– Raios gama? O que é isso?

– E. a causa de todas essas crianças deformadas.

– Você não está querendo sugerir que não foi Belial, está? – Seu tom é de indignada suspeita; ela o encara como São Domingos poderia ter fitado um herético albigense.

– Não, não, é claro que não – o Dr. Poole apressa-se a garantir. – Ele é a causa primária, isto está subentendido. – Canhestra e desajeitadamente, ele faz o sinal dos cornos. – Eu estava apenas sugerindo a natureza das causas secundárias... dos meios que Ele usou para levar a cabo o Seu... os Seus providenciais propósitos, é o que eu quero dizer.

Suas palavras e, mais ainda, seu gesto piedoso, afastam as desconfianças de Loola. A fisionomia dela se aclara; ela lhe dirige o mais encantador dos seus sorrisos. As covinhas em suas faces ganham vida, como um par de criaturinhas que levassem transitoriamente uma existência secreta e autônoma, independente do resto da face de Loola. O Dr. Poole retribui o sorriso mas quase instantaneamente desvia o olhar, enrubescendo, ao mesmo tempo, até a raiz dos cabelos.

NARRADOR

Como resultado da enormidade do seu respeito à mãe, o nosso pobre amigo é ainda, aos 38 anos, um celibatário. Por demais imbuído de piedade anti-natural para casar-se, ele passou metade do seu tempo de vida ardendo secretamente. Achando que seria um sacrilégio convidar uma jovem dama virtuosa a partilhar a sua cama, ele habita, sob a carapaça da respeitabilidade acadêmica, um mundo abrasado e furtivo, em que fantasias eróticas geram remorsos angustiantes e pruridos de adolescente se chocam em perpétuo conflito com os preceitos maternos. E agora aqui está Loola – Loola sem a menor pretensão de cultura ou boa educação, Loola au naturel, com uma fragrância almiscarada que, notando bem, tem uma certa qualidade positivamente sedutora. Não admira que ele se ruborize e (contra

a vontade, pois deseja com veemência continuar a contemplá-la) desvie o seu olhar.

Para consolar-se, e na esperança de um acesso de ousadia, ele recorre mais uma vez à garrafa. De súbito o bulevar se estreita, reduzindo-se a uma mera trilha entre dois montes de areia.

– Tenha a bondade – diz o Dr. Poole, com uma mesura polida.

Ela sorri em reconhecimento à cortesia a que, neste lugar onde os varões têm precedência e os vasos do Espírito Satânico marcham à retaguarda, ela está de todo desacostumada.

Travelling, do ponto de vista do Dr. Poole, para as costas de Loola. Não, Não, Não, Não, Não, Não, Não, passo a passo, em ondulante alternância. Corte, voltando a um plano próximo do Dr. Poole, de olhos fixos, arregalados, e do rosto do Dr. Poole ainda uma vez para as costas de Loola.

NARRADOR

E o símbolo, exterior, visível, tangível, da sua própria consciência íntima. Os princípios levando a melhor sobre a concupiscência, a mãe e o Sexto Mandamento prevalecendo sobre as suas fantasias e sobre os Fatos da Vida.

As dunas se afastam. Mais uma vez o caminho é suficientemente amplo para dois andarem lado a lado. O Dr. Poole lança um olhar de esguelha ao rosto da companheira e o vê anuviado por uma expressão de tristeza.

– O que é? – pergunta solícito e, com grande audácia, acrescenta: – Loola – e segura-lhe o braço.

– É. horrível – murmura ela em tom de manso desespero.

– O que é horrível?

– Tudo. Você não quer pensar nessas coisas; mas você é uma das infelizes, não pode se impedir de pensar. E fica quase doida. Pensando e pensando em alguém, querendo e querendo. E sabe que não deve.

E está apavorada com o que eles fariam se descobrissem. Mas você daria tudo no mundo por cinco minutos apenas, para ser livre por cinco minutos. Mas não, não, não. E você cerra os punhos e se contém; e é como se estivesse se quebrando em pedaços. E então, de repente, depois de todo esse sofrimento, de repente... – Ela não conclui.

– De repente o quê? – pergunta o Dr. Poole.

Ela lhe fixa um olhar penetrante, mas só vê no rosto dele uma expressão de incompreensão sincera mente inocente.

– Eu não consigo entender você – diz ela por fim. – E verdade o que você disse ao Chefe? Que você não é sacerdote?

No mesmo instante ela se ruboriza.

– Se você não me acredita – replica o Dr. Poole com galanteria oriunda do vinho –, eu estou pronto a prová-lo.

Ela o encara por um momento, depois sacode a cabeça e, numa espécie de terror, olha para outro lado.

Nervosamente, alisa o avental.

– Mas afinal – continua ele, encorajado pela imprevista timidez dela – você não me explicou o que é que acontece de repente.

Loola relanceia um olhar em torno para certificar-se de que ninguém pode ouvi-la, depois resolve-se a falar, quase num sussurro.

– De repente Ele se apossa de todo o mundo.

Durante semanas Ele faz a gente pensar nessas coisas, e isso é contra a Lei, é abominação. Os homens ficam tão furiosos que começam a espancar a gente e a chamar a gente de vaso, como os sacerdotes.

– Vaso?

Ela assente.

– Vaso do Espírito Satânico.

– Ah, compreendo.

– E depois vem o Dia de Belial – ela prossegue após um momento. – E então... bem, você sabe o que isto quer dizer. E

mais tarde, se a gente tem um bebê, o mais provável é que Ele castigue a gente pelo que Ele mesmo obrigou a gente a fazer. – Ela tem um estremecimento e faz o sinal dos cornos. – Eu sei que nós temos de aceitar a Sua vontade – acrescenta. – Mas ah! eu espero tanto, se algum dia tiver bebês, que eles sejam perfeitas.

– Mas é claro que eles serão perfeitos – grita o Dr. Poole. – Afinal de contas, não há nada de erra do com você.

Deliciado com o próprio atrevimento, ele baixa os olhos para ela.

Plano próximo do seu ponto de vista. Não, Não, Não, Não, Não, Não...

Desconsoladamente, Loola sacode a cabeça.

– Aí é que você se engana – diz ela. – Eu tenho um par de mamilos a mais.

– Oh! – exclama o Dr. Poole num tom que nos dá a perceber que a lembrança da mãe neutralizou momentaneamente os efeitos do vinho.

– Não é que haja nada de mal nisto – Loola acrescenta depressa. – Até os melhores têm. E, perfeitamente legal. São permitidos até três pares. E até sete dedos nas mãos ou nos pés. Acima disso, são todos liquidados na Purificação. Minha amiga Polly...

ela teve um bebê nesta temporada. O seu primeiro. E ele nasceu com quatro pares e sem polegares. Não há salvação para ele. Aliás, já foi condenado. Já raspam a cabeça dela.

– Raspam a cabeça?

– Eles fazem isso a todas as moças cujos bebês são liquidados.

– Mas por quê?

Loola dá de ombros.

– Apenas para lembrá-las de que Ele é o Inimigo.

NARRADOR

“Para expressá-la”, como disse Schroedinger, “drasticamente, ainda que talvez um pouco ingenuamente, as conseqüências maléficas de um casamento entre primos em primeiro grau podem muito bem ser agravadas pelo fato de sua avó ter servido por um período longo como enfermeira de raios-X. Não é uma questão que deva preocupar a ninguém individualmente. Mas qualquer possibilidade de afetar a espécie humana com mutações latentes indesejáveis deveria ser motivo de preocupação para a comunidade.” Deveria ser; mas, desnecessário dizer, não é. Oakridge trabalha em três turnos diários; uma usina atômica está sendo construída no litoral de Cumberland; e do outro lado da Cortina, só Deus sabe o que andar­á fazendo. Kapitza no topo do monte Ararat, que surpresas essa admirável Alma Russa, sobre a qual Dostoiévski escreveu tão liricamente, tem reservadas para corpos russos e para as carcaças dos Capitalistas e dos Social-Democratas.

Mais uma vez a areia barra o caminho. Eles penetram noutra vereda sinuosa entre as dunas e encontram-se de repente sós, como se no meio do Saara. Travelling do ponto de vista do Dr. Poole. Não, Não, Não, Não... Loola pára e vira-se para ele. Não, Não, Não. A câmara sobe para o rosto dela e ele nota de pronto que a sua expressão é trágica.

NARRADOR

O Sexto Mandamento, os Fatos da Vida. Mas há também um outro Fato, ao qual não se pode reagir com uma mera negação departamentalizada ou por uma não menos fragmentária ostentação de sensualidade – o Fato da Personalidade.

– Eu não quero que me cortem o cabelo – dize-la numa voz sufocada.

– Eles não vão fazer isso.

– Vão, sim.

– Eles não podem, não devem. – Depois, maravilhado ante a própria audácia, ele acrescenta: – Ele é lindo demais.

Ainda tragicamente, Loola sacode a cabeça.

– Eu sinto – diz ela – dentro de mim. Eu sei que ele vai ter mais de sete dedos. Eles o matarão, eles me cortarão o cabelo, me açoitarão... e Ele nos força a fazer essas coisas.

– Que coisas?

Por um momento ela o olha sem falar; depois, com uma expressão de quase terror, baixa os olhos.

– E porque Ele quer que sejamos desgraçados.

Cobrindo o rosto com as mãos, desata a soluçar incontrolavelmente.

NARRADOR

O vinho por dentro e, por fora, a almiscarada sugestão

Desses tão próximos, cálidos, túrgidos, maduros

E quase comestíveis Fatos da Vida...

E agora essas lágrimas, essas lágrimas...

O Dr. Poole envolve a rapariga nos braços e, enquanto ela soluça contra o seu ombro, afaga-lhe os cabelos com toda a ternura do macho normal que momentaneamente se tornou.

– Não chore – sussurra –, não chore. Tudo acabará bem. Eu estarei sempre ao seu lado. Eu não permitirei que lhe façam nenhum mal.

Aos poucos ela se deixa confortar. Os soluços diminuem de violência e finalmente cessam de todo.

Ela levanta os olhos, e o sorriso que lhe dirige através das lágrimas é tão inequivocamente amoroso que qual quer um que não o Dr. Poole teria aceito de pronto o convite. Os segundos passam e, enquanto ele ainda hesita, a expressão dela muda, ela baixa os cílios sobre uma confissão que sente de súbito ter sido por demais franca, e se esquivava.

– Desculpe – murmura, e põe-se a esfregar os olhos com o dorso de uma mão suja como a de uma criança.

O Dr. Poole tira o lenço e ternamente lhe enxuga as lágrimas.

– Você é tão bonzinho – diz ela. – Nem um pouco como os homens daqui.

Sorri de novo para ele. Como um par de encantadoras ferazinhas emergindo do esconderijo, surgem as covinhas. Tão impulsivamente que nem tem tempo de espantar-se com o que está fazendo, o Dr. Poole toma-lhe o rosto entre as mãos e a beija nos lábios.

Loola resiste um momento, depois abandona-se numa rendição tão completa que vem a ser mais ativa que o assalto dele.

Na trilha sonora, “Dá-me detumescência” modula-se no Liebestod do Tristão.

De repente, Loola se inteiriza em trêmula rigidez. Repelindo-o, ela o encara desvairadamente; depois volta-se e olha-o de soslaio com uma expressão de terror culpado.

– Loola!

Ele tenta atraí-la outra vez, mas ela se desvencilha e sai a correr pela trilha estreita.

Não, Não, Não, Não, Não, Não...

Fusão para a esquina da Rua Cinco com a Pershing Square. Como antigamente, a praça é o centro da vida cultural da cidade. De um chafariz raso, fronteiro ao Philharmonic Auditorium, duas mulheres tiram água com um odre de couro de cabra, que esvaziam em cântaros de barro para outras mulheres que os levam. De uma barra suspensa entre dois postes de iluminação enferrujados pende a carcaça de um boi recém-abatido. Em meio a uma nuvem de moscas, um homem munido de uma faca remove as entranhas.

– Isso está com bom aspecto – comenta o Chefe prazenteiramente.

O magarefe arreganha um sorriso e, com os dedos ensangüentados, faz o sinal dos cornos.

Alguns metros além, vêem-se os fornos comunais.

O Chefe ordena um alto e complacentemente aceita um pedaço de pão recém-assado. Enquanto ele come, dez ou doze meninos entram em cena, cambaleando sob enormes cargas de combustível proveniente da vizinha Biblioteca Pública. Atiram as cargas ao chão e, incitados pelas pancadas e imprecções dos mais velhos, voltam correndo a buscar mais. Um dos padeiros abre a porta de uma fornalha e, com uma pá, põe-se a lançar os livros às chamas.

Tudo o que há de acadêmico, de bibliófilo no Dr. Poole, revolta-se ante o espetáculo.

– Mas isso é um horror! – protesta ele.

O Chefe limita-se a rir.

– Para dentro a Fenomenologia do Espírito. Para fora o pão de milho. E é um pão danado de bom.

Dá uma nova dentada.

Entretanto, o Dr. Poole abaixou-se e, de a um passo da destruição, surrupiou um pequeno e encantador in-duodecimo de Shelley.

– Graças a D... – começa ele, mas por felicidade lembra-se de onde está e consegue deter-se a tempo.

Enfia o volume no bolso e, voltando-se para o Chefe:

– Mas, e a cultura? – pergunta. – E a herança social da sabedoria humana tão penosamente adquirida? E a fina flor do pensamento? E...

– Eles não sabem ler – replica o Chefe com a boca cheia. – Isto é, não é bem assim. Nós ensinamos todos a ler aquilo.

Ele aponta. Plano médio do seu ponto de vista para Loola – Loola com as covinhas e tudo o mais, mas também com o grande Não vermelho no avental e os dois Nãos menores no peito da camisa.

– Isso é tudo o que eles precisam saber. E agora – ordena aos carregadores – toquem adiante.

Travelling da liteira, que atravessa a entrada sem porta do que foi outrora o Biltmore Coffee Shop.

Aqui, na penumbra malcheirosa, vinte ou trinta mulheres, umas de meia-idade, outras jovens, algumas não mais que meninas, tecem laboriosamente em rocas primitivas do tipo usado pelos índios da América Central.

– Nenhum desses vasos deu à luz nesta temporada – o Chefe explica ao Dr. Poole. Ele franze o sobrolho e balança a cabeça. – Quando não estão produzindo monstros, são estéreis. Como nos iremos arranjar com a mão-de-obra, só Belial sabe...

Eles prosseguem café adentro, passam por um grupo de crianças de três e quatro anos vigiado por um vaso idoso de palato fendido e catorze dedos, e param no vão de um arco que dá acesso a um segundo restaurante um pouco menor que o primeiro.

De fora da cena, ouve-se o som de um coro de vozes juvenis recitando em uníssono as frases iniciais do Pequeno Catecismo.

“Pergunta: Qual é o fim primordial do Homem?”

Resposta: O fim primordial do Homem é servir a Belial, conjurar Sua inimizade e evitar a destruição por tanto tempo quanto possível.”

Corte para um plano próximo do Dr. Poole, cujo semblante exprime espanto misturado com crescente horror. Depois um plano geral do seu ponto de vista.

Em cinco fileiras de doze, sessenta meninos e meninas entre os treze e os quinze anos de idade estão em rígida posição de sentido, engrolando o mais depressa que podem uma estridente e dissonante ladainha. Defrontando-os, sobre um estrado, está sentado um homem baixo e gordo, vestindo uma longa túnica feita de couros de cabra brancos e pretos e um gorro de pele com uma aba de couro, à qual foram afixados dois chifres de tamanho médio. Glabro e macilento, o rosto brilha com uma perspiração profusa, que ele enxuga a todo instante com a manga peluda da sotaina.

Corte, voltando ao Chefe, que se inclina e toca no ombro do Dr. Poole.

– Aquele – cochicha – é o nosso praticante chefe de Ciência Satânica. Fique sabendo que ele é um cobra em Magnetismo Animal Maligno.

De fora da cena ouve-se o papaguear inconsciente das crianças.

“Pergunta: A que fim é o Homem predestinado?

Resposta: Belial, a Seu bel-prazer, de toda a Eternidade escolheu os que vivem no presente para a perdição eterna.”

– Por que ele usa chifres? – quer saber o Dr. Poole.

– Ele é um arquimandrita – esclarece o Chefe.

– Está para receber o seu terceiro chifre a qualquer momento.

Corte para um plano médio do estrado.

– Excelente – está dizendo o praticante de Ciência Satânica com sua voz aguda e sibilante, que parece a de um garoto extraordinariamente pedante e cheio de si. – Excelente! – Ele enxuga a testa. – E agora digam-me por que vocês merecem a perdição eterna.

Há um silêncio momentâneo. Em seguida, num coro que começa meio desordenado mas logo cresce para uma ruidosa unanimidade, as crianças respondem.

– Belial nos perverteu e corrompeu em todas as partes de nosso ser. Por isso fomos, meramente à conta mi dessa corrupção, merecidamente condenados por Belial.

O mestre acena a sua aprovação.

– Tal – guincha untuosamente – é a inescrutável justiça do Senhor das Moscas.

– Amém – respondem as crianças. Todos fazem o sinal dos cornos.

– E quais são os deveres para com o próximo?

– O meu dever para com o meu próximo – vem a resposta coral – é esforçar-me ao máximo para evitar que ele faça a mim o que eu gostaria de fazer a ele; submeter-me a todos os meus governantes; conservar o meu corpo em castidade absoluta, exceto durante as duas semanas seguintes ao Dia de Belial; e

cumprir o meu dever nesta condição de vida a que prouve a Belial condenar-me.

– O que é a Igreja?

– A Igreja é o corpo de que Belial é a cabeça e todos os possessos são os membros.

– Muito bem – diz o praticante, enxugando o rosto mais uma vez. – E agora eu preciso de um jovem vaso.

Ele corre o olhar pelas filas de alunos, depois aponta o dedo.

– Você aí. Terceira da esquerda na Segunda fila. O vaso de cabelo amarelo. Venha cá.

Corte, voltando ao grupo que rodeia a liteira.

Os carregadores sorriem arreganhadamente em alegre expectativa. Intensamente vermelhos, úmidos e carnudos entre os anéis negros do bigode e da barba, até os beiços do Chefe curvam-se num sorriso. Mas não há sorriso na face de Loola. Pálida, a mão sobre os lábios, os olhos abertos e esgazeados, ela observa os preparativos com o horror de quem já passou pela mesma provação. O Dr. Poole olha para ela de soslaio, depois de novo para a vítima, que vemos agora, do seu ponto de vista, avançando lentamente em direção ao estrado.

– Suba aqui – guincha a voz quase infantil em tom autoritário. – Aqui perto de mim. Agora vire-se para a classe.

A criança faz o que lhe mandam.

Meio plano próximo de uma menina de quinze anos, alta e delgada, com um rosto de Madona nórdica.

Não, proclama o avental preso ao cós das calças esfarrapadas; Não, Não, os remendos sobre os seios em botão.

O praticante aponta acusadoramente.

– Olhem isto – diz ele, franzindo o rosto numa careta de repugnância. – Já viram coisa mais nojenta?

Ele se volta para a classe.

– Meninos – esganiça. – Quem de vocês sentir qualquer Magnetismo Animal Maligno emanado deste vaso, levante a mão.

Corte para um plano geral da classe. Sem exceção, todos os rapazes estão com as mãos levantadas. As fisionomias têm aquela expressão de lascivo e malévolos divertimento que os ortodoxos sempre mostram enquanto os seus pastores espirituais atormentam os bodes expiatórios hereditários ou, ainda mais severamente, castigam os hereges que ameaçam os interesses do Estabelecimento.

Corte para o praticante. Ele suspira hipocritamente e meneia a cabeça.

– Era o que eu receava – diz. Depois volta-se para a mocinha ao seu lado sobre o estrado. – Agora diga-me, qual é a Natureza da Mulher?

– A Natureza da Mulher? – repete a menina, vacilante.

– Sim, a Natureza da Mulher. Vamos logo!

Ela o encara com uma expressão de terror nos olhos azuis, depois desvia o olhar. Seu rosto torna-se mortalmente pálido. Os lábios tremem; ela engole com esforço.

– A mulher – começa – a mulher...

A voz se quebra, os olhos enchem-se de lágrimas; num esforço desesperado para controlar os sentimentos, ela cerra os punhos e morde o lábio.

– Continue! – berra o praticante estridentemente. E, apanhando do chão uma vara de salgueiro, aplica uma forte vergastada nas barrigas das pernas nuas da criança. – Continue!

– A mulher – recomeça a menina mais uma vez – é o vaso do Espírito Satânico, a fonte de todas as deformidades, a... a... ai!

Ela se encolhe sob um novo golpe.

O praticante de Ciência ri e toda a classe o acompanha.

– A inimiga... – ele auxilia.

– Ah, sim, a inimiga da raça, punida por Belial e atraindo punição sobre todos os que sucumbem a Belial nela.

Segue-se um longo silêncio.

– Bem – diz por fim o praticante – isto é o que você é. Isto é o que todos os vasos são. E agora vá, vá! – ele gane, e com fúria repentina põe-se a espancá-la outra vez.

Gritando de dor, a criança salta do estrado e volta a correr para o seu lugar nas fileiras.

Corte, voltando ao Chefe. Este tem a testa franzida numa expressão de desagrado.

– Essa educação moderna! – comenta com o Dr. Poole. – Não há mais disciplina. Não sei onde vamos parar. Pois olhe, quando eu era menino, o nosso velho praticante costumava amarrá-las sobre um banco e fazer funcionar uma vara de bétula. “Isto lhe ensinará a ser um vaso”, ele dizia, e lept, lept, lept! Belial, como berravam! Isso sim é o que eu chamo de educação. Bem, já chega – finaliza ele. – Acelerado, marche!

Enquanto a liteira vai saindo da cena, a câmara detém-se sobre Loola, que se deixou ficar contemplando, numa agonia de solidariedade, a face molhada de lágrimas e os ombros sacudidos por soluços da pequenina vítima na segunda fila. Uma mão toca-lhe o braço.

Ela estremece, volta-se apreensiva e encontra com alívio a face amável do Dr. Poole.

– Eu concordo inteiramente com você – ele sussurra. – É errado, é injusto.

Só depois de atirar um rápido olhar por cima do ombro, Loola se aventura a dirigir-lhe um leve sorriso de gratidão.

– Agora precisamos ir – diz ela.

Eles se apressam a seguir os demais. Acompanhando a liteira, fazem o caminho de volta através do café, depois quebram à direita e entram no salão do bar.

Num dos extremos da peça, uma pilha de ossos humanos ergue-se quase até o tecto. Acocorados no chão, sobre uma espessa camada de pó branco, um grupo de artífices ocupa-se em modelar tigelas de crânios, agulhas de tecer de cúbitos, flautas e flautins das tíbias mais compridas, colheres, calçadeiras e pedras de dominó de pélvis, batoques de fêmures.

Um alto é comandado e, enquanto um dos operários toca “Dá-me detumescência” numa flauta de tíbia, outro presenteia o Chefe com um soberbo colar de vértebras graduadas, variando

em tamanho desde as cervicais de uma criança de colo até as lombares de um lutador peso-pesado.

NARRADOR

“E o Senhor me depôs no meio do vale que estava cheio de ossos; e eis que eles eram muito secos.” Os ossos secos de alguns dos que morreram aos milhares, aos milhões, no curso daqueles três luminosos dias de verão que, para vós, pertencem ainda ao futuro. “E Ele me falou: Filho do homem, podem estes ossos viver?” A resposta, digo eu, é negativa. Pois ainda que Baruque pudesse salvar-nos (talvez) de tomar nossos lugares num ossuário como esse, ele nada pode fazer para evitar esta outra morte, mais lenta e mais asquerosa...

Travelling da liteira sendo carregada escada acima para o vestíbulo principal. Aqui o fedor é insuportável, a imundície indescritível. Primeiro plano de duas ratazanas roendo um osso de carneiro, de moscas sobre as pálpebras purulentas de uma menininha. A câmara recua para abarcar um campo maior. Quarenta ou cinqüenta mulheres, metade delas com as cabeças raspadas, estão sentadas nos degraus, em meio ao lixo que cobre o assoalho, sobre os restos destroçados de antigas camas e sofás. Cada uma delas tem no colo uma criança, todas as crianças têm dez semanas de idade, e todas as que pertencem a mães tosquiadas são aleijadas. Sobre primeiro plano de pequenos rostos com lábios leporinos, minúsculos troncos com cotos em lugar de pernas e braços, mãozinhas com pencas de dedos supranumerários, pequenos corpos adornados com uma dupla fila de mamilos, ouve-se a voz do narrador.

NARRADOR

Pois esta outra morte – não pela peste, desta vez, não pelo veneno, não pelo fogo, não por câncer artificialmente produzido,

mas pela esqualida desintegração da própria substância da espécie – esta horrenda e infinitamente não-heróica morte-ao-nascer poderia ser produto da indústria atômica tanto quanto da guerra atômica. Pois, num mundo movido pela fissão nuclear, a avó de cada um teria sido uma técnica de raios-X. E não apenas a avó de cada um – mas igualmente o avô, o pai, a mãe, todos os ancestrais até três e quatro e cinco gerações daqueles que Me odeiam.

Da última das crianças disformes, a câmera recua para o Dr. Poole que, com o lenço no nariz ainda por demais sensível, contempla com perplexidade horrorizada a cena que o rodeia.

– Todos os bebês parecem ter exatamente a mesma idade – observa ele voltando-se para Loola, que ainda o acompanha.

– Ora, que é que você queria? Se praticamente todos nasceram entre dez e dezessete de dezembro.

– Mas então quer dizer que... – Ele se interrompe, profundamente embaraçado. – Parece – conclui apressadamente – que as coisas aqui são um pouco diferentes do que na Nova Zelândia...

Apesar do vinho, ele recorda a mãe grisalha do outro lado do Pacífico e, corando de vergonha, tosse e desvia os olhos.

– Lá está Polly – exclama a sua companheira, e sai correndo através do salão.

Balbuciando desculpas enquanto abre caminho por entre as mães acoradas ou recostadas, o Dr. Poole vai-lhe no encalço.

Polly está sentada sobre um saco cheio de palha, junto ao que foi outrora o balcão do caixa. É uma mocinha de dezoito ou dezenove anos, pequena e frágil, acabe raspada como a de um criminoso preparado para a execução. Tem um rosto cuja beleza está toda nos ossos delicados e nos grandes olhos luminosos. É com uma expressão de trágico desamparo que esses olhos se elevam para o rosto de Loola, e passam, sem curiosidade, quase sem compreensão, para o do estranho que a acompanha.

– Querida!

Loola inclina-se para beijar a amiga. Não, Não, do ponto de vista do Dr. Poole. Depois senta-se junto a Polly e passa-lhe em torno um braço confortador.

Polly esconde a face de encontro ao ombro da outra e as duas começam a chorar. Como que contagiado pelo seu sofrimento, o pequeno monstro nos braços de Polly desperta e emite um vagido fino e lastimoso. Polly ergue a cabeça do ombro da amiga e, com a face molhada de lágrimas, baixa os olhos para a criancinha disforme, em seguida abre a camisa e, afastando um dos Nãos encarnados, dá-lhe o seio. Com avidez quase frenética, a criança põe-se a sugar.

– Eu o amo – soluça Polly. – Eu não quero que o matem.

– Querida – é tudo que Loola encontra para dizer. – Querida!

Uma voz forte a interrompe.

– Silêncio aí, silêncio!

Outras vozes junta se ao refrão.

– Silêncio!

– Silêncio

– Silêncio, silêncio!

No vestíbulo, toda a conversa cessa abruptamente e segue-se uma longa e muda expectativa. Então soa toque de trompa e outra daquelas vozes estranha'mente infantis mas cheias de importância anuncia:

“Sua Eminência, o Arquivigário de Belial, Senhor da Terra, Primaz da Califórnia, Servidor do Proletariado, Bispo de Hollywood”.

Plano geral da escadaria principal do hotel. Envolvido numa longa túnica de peles de cabras anglonúbias e trazendo na cabeça uma coroa dourada com quatro cornos compridos e pontiagudos, o Arquivigário é visto descer majestosamente. Um acolito sustém um grande pálio de couro sobre a sua cabeça e ele se faz seguir de vinte ou trinta dignitários eclesiásticos, variando em hierarquia dos patriarcas tricórnios aos unicórnios presbíteros e aos postulantes sem cornos. Todos eles, do Arquivigário para baixo,

são conspicuamente imberbes, suarentos e cadeirudos e, quando qual quer deles fala é sempre num contralto aflautado.

O Chefe levanta-se da sua liteira e avança ao encontro da encarnação da autoridade espiritual.

NARRADOR

Igreja e Estado,
Ganância e Odio: –
Duas Pessoas-Símias
Num só Gorila Supremo.

O Chefe inclina a cabeça respeitosamente. O Arquivigário leva as mãos à sua tiara, toca os dois cornos anteriores, depois encosta as pontas dos dedos espiritualmente carregados na testa do Chefe.

– Possas tu jamais ser empalado em Seus Cornos.

– Amém – responde o Chefe; depois, endireitando-se e mudando o tom devoto para o rispidamente funcional: – Tudo pronto para a noite? – pergunta.

Com a voz de um menino de dez anos, mas com a fastidiosa e polissilábica untuosidade de um veterano eclesiástico, de há muito habituado a desempenhar o papel de um ser superior posto à parte e acima dos seus semelhantes, o Arquivigário comunica que tudo está em ordem. Sob a supervisão pessoal do tricórnio inquisidor e do patriarca de Pasadena, um devotado grupo de familiares e postulantes viajou de povoado em povoado, fazendo o recenseamento anual. Cada mãe de um monstro foi marcada. As cabeças foram raspadas e os açoites preliminares administradas. A essa altura, todas as culpadas foram transportadas para um ou outro dos três Centros de Purificação em Riverside, San Diego e Los Angeles. As facas e os vergalhos consagrados foram aprestados e, se Belial quiser, as cerimônias começarão à hora marcada. Antes do nascer do sol, a purificação do território deverá estar completa.

Mais uma vez o Arquivigário faz o sinal dos cornos, depois fica por alguns segundos em silêncio recolhido. Reabrindo os olhos, volta-se para os eclesiásticos da comitiva.

– Ide buscar as tosquiadas – ele grunhe. – Trazei esses vasos corrompidos, esses testemunhos vivos da inimizade de Belial, e conduzi-as ao local da ! sua ignomínia.

Uma dúzia de presbíteros e postulantes descem rapidamente os degraus e dirigem-se para o magote de mães.

– Depressa, depressa!

– Em nome de Belial.

Lenta e relutantemente, as mulheres tosadas põem-se de pé. Com seus pequeninos fardos de deformidade estreitados de encontro aos seios pejados de leite, elas caminham para a porta num silêncio mais carregado de angústia que quaisquer lamentações.

Plano médio de Polly sobre o seu saco de palha. Um jovem postulante aproxima-se e a obriga a levantar-se com um puxão brutal.

– De pé! – berra ele com a voz de uma criança malévola e raivosa. – De pé, sua parideira de imundície!

E dá-lhe uma bofetada. Esquivando-se a um segundo golpe, Polly vai quase correndo reunir-se às demais vítimas junto à porta de entrada.

Fusão para um céu noturno, com estrelas por entre estreitas faixas de nuvens e uma lua minguante já baixa no oeste. Há um longo silêncio; depois começa-se a ouvir o som de um cântico distante. Gradualmente, ele se articula nas palavras “Glória a Belial, a Belial nas profundezas”, incessantemente repetidas.

NARRADOR

A um palmo dos olhos a pata negra do macaco
Eclipsa a lua, as estrelas, e até
O próprio espaço. Cinco dedos fétidos

São o mundo inteiro.

A silhueta de uma mão de babuíno avança para a câmera, cresce mais e mais ameaçadora e finalmente engolfa tudo em trevas.

Corte para o interior do Los Angeles Coliseum. A luz fumarenta e bruxuleante de tochas, vêem-se os rostos de uma grande multidão. Fila após fila, qual uma massa de gárgulas, jorrando a fé insensata, a subumana excitação, a imbecilidade coletiva que são os produtos da religião ritual – jorrando-as de negras órbitas, de narinas frementes, de lábios entreabertos, enquanto o cântico prossegue monotonamente: “Gloria a Belial, a Belial nas profundezas”. Embaixo, na arena, centenas de raparigas e mulheres tosquiadas, cada qual com seu pequeno monstro nos braços, estão ajoelhadas defronte aos degraus do altar-mor. Terríficos em suas casulas de peles anglonúbias, em suas tiaras de cornos dourados, patriarcas e arquimandritas, presbíteros e postulantes reúnem-se em dois grupos no alto dos degraus do altar, cantando antifonadamente num agudo estrídulo, acompanhados pela música de flautins de osso e de uma bateria de xilofones.

SEMICORO I

Glória a Belial,

SEMICORO II

A Belial nas profundezas!

Então, após uma pausa, a música do cantochão muda e uma nova fase do ofício começa.

SEMICORO I

É uma coisa terrível,

SEMICORO II

Terrível, terrível,

SEMICORO I

Cair-se nas mãos,

SEMICORO II

Nas mãos horrendas e peludas,

SEMICORO I

Nas mãos do Demônio vivo,

SEMICORO II

Aleluia!

SEMICORO I

Nas mãos do Inimigo do homem,

SEMICORO II

Nossas alegres companheiras;

SEMICORO I

Do Rebelde contra a Ordem das Coisas –

SEMICORO II

Com quem, contra nós próprios, conspiramos;

SEMICORO I

Da grande Varejeira que é o Senhor das Moscas,

SEMICORO II

Rastejando dentro do coração;

SEMICORO I

Do Verme nu que não perece,

SEMICORO II

E, sendo imperecível, é a fonte da nossa vida eterna;

SEMICORO I

Do Príncipe das Potências do Ar –

SEMICORO II

Spitfire e Stuka, Belzebu e Azazel, Aleluia!

SEMICORO I

Do Senhor deste mundo;

SEMICORO II

E seu corruptor;

SEMICORO I

Do grande deus Moleque,

SEMICORO II

Padroeiro de todas as nações:

SEMICORO I

De Mamon nosso mestre,

SEMICORO II

Onipresente;

SEMICORO I

De Lúcifer o todopoderoso,

SEMICORO II

Na Igreja, no Estado;

SEMICORO I

De Belial,

SEMICORO II

Transcendente,

SEMICORO I

Mas, oh! quão imanente,

TODOS JUNTOS

De Belial, Belial, Belial, Belial.

Quando o coro se extingue, dois postulantes sem cornos descem, agarram a mais próxima das mulheres raspadas, põem-na de pé e arrastam-na, muda de terror, pelos degraus do altar acima, para onde se encontra o patriarca de Pasadena, afiando a lâmina de uma longa faca de açougueiro. A robusta mãe mexicana fica a mirá-lo com fascinado horror, boquiaberta. Em seguida, um dos postulantes arrancalhe dos braços a criança e a ergue diante do patriarca.

Plano próximo de um produto característico da tecnologia progressista – um idiota mongolóide de lábio leporino. De fora da cena ouvem-se as vazes do coro.

SEMICORO I

Eu vos mostro o sinal da inimizade de Belial,

SEMICORO II

Podridão, podridão;

SEMICORO I

Eu vos mostro o fruto da graça de Belial,

SEMICORO II

Imundície infusa em imundície.

SEMICORO I

Eu vos mostro a pena pela obediência à Sua Vontade,

SEMICORO II

Assim na Terra como no Inferno.

SEMICORO I

Qual é a fonte de todas as deformidades?

SEMICORO II

A Mãe.

SEMICORO I

Qual é o vaso escolhido da Impiedade?

SEMICORO II

A Mãe.

SEMICORO I

E a maldição que pesa sobre a nossa raça?

SEMICORO II

A Mãe.

SEMICDRO I

Possuída, possuída,

SEMICORO II

Interiormente, exteriormente ;

SEMICORO I

Seu íncubo um objeto, seu sujeito um súcubo –

SEMICORO II

E ambos são Belial;

SEMICORO I

Possuída pela Varejeira,

SEMICORO II

Rastejante, aguilhoante,

SEMICORO I

Possuída daquilo que irresistivelmente

SEMICORO II

A instiga, a conduz

SEMICORO I

Como à nojenta doninha,

SEMICORO II

Como à porca no cio,

SEMICORO I

Para o fundo de um charco,

SEMICORO II

Para imundície inexprimível

SEMICORO I

De onde, após muito chafurdar,

SEMICORO II

Após longos tragos do enxurro,

SEMICORO I

A mãe, emergindo, nove meses mais tarde,

SEMICORO II

Pare esta monstruosa caricatura de homem.

SEMICORO I

Como pois haverá expiação?

SEMICORO II

Pelo sangue.

SEMICORO I

Como será Belial propiciado?

SEMICORO II

Somente pelo sangue.

A câmara move-se do altar para onde, fila acima de fila, as lívidas gárgulas olham fixamente, em ávida antecipação, para a cena que se desenrola embaixo.

E de súbito, as caras abrem suas bocas negras e começam a cantar em uníssono, hesitantes a princípio, depois com segurança crescente e volume cada vez maior.

– Sangue, sangue, sangue, o sangue, o sangue, sangue, sangue, o sangue...

Corte, voltando ao altar. O som da cantilena estúpida, subumana, continua monotonamente fora da cena.

O patriarca entrega a sua pedra de amolar a um dos arquiandritas ajudantes, depois, com a mão esquerda, suspende pelo pescoço a criança deformada e a traspassa com a faca. Ela deixa escapar dois ou três gritinhos débeis, e silencia.

O patriarca vultase, deixa um pouco de sangue derramar-se sobre o altar, depois atira o minúsculo cadáver na escuridão ao fundo. A ladainha se altera num crescendo selvagem. “Sangue, sangue, sangue, o sangue, o sangue, sangue, o sangue...”

– Levem-na daqui! – grita o patriarca num guincho de comando.

Aterrorizada, a mãe vira as costas e se precipita degraus abaixo. Os postulantes seguem-na, açoitando-a selvagememente com os seus vergalhos consagrados. O canto é pontuado por gritos lancinantes. Da assistência eleva-se um rumor que é meio gemido de comisseração, meio grunhido de prazer. Vermelhos e um pouco ofegantes por um exercício tão desusadamente violento, os jovens e gordos postulantes agarram outra mulher – uma rapariga desta vez, delgada e frágil, quase uma criança. Seu rosto não é

visível enquanto eles a arrastam pelos degraus. Depois um deles recua um pouco e reconhecemos Polly.

Sem polegares, com oito mamas, a criança é suspensa diante do patriarca.

SEMICORO I

Podridão, podridão! Como haverá expiação?

SEMICORO II

Pelo sangue.

SEMICORO I

Como será Belial propiciado?

Desta vez é a congregação inteira que responde. “Somente pelo sangue, sangue, sangue, o sangue...”

A mão esquerda do patriarca fecha-se sobre o pescoço do infante.

– Não, não, não faça isso! Por favor!

Polly faz um movimento em sua direção, mas é detida pelos postulantes. Muito deliberadamente, enquanto ela soluça, o patriarca atravessa a criança na faca, depois lança o corpo para a obscuridade atrás do altar.

Ouve-se um grito estridente. Corte para um meio plano próximo do Dr. Poole. Conspícuo em seu assento da primeira fila, ele perdeu os sentidos.

Fusão para o interior do Tabernáculo de Belial.

O santuário, que se situa num dos extremos do eixo menor da arena, para o lado do altar-mor, é uma pequena peça oblonga de tijolos de adobe, com um altar numa das extremidades e, na outra, portas corrediças, no momento fechadas, exceto por uma nesga no centro, através da qual se pode ver o que se passa na

arena. Sobre um leito no centro da capela, está reclinado o Arquivigário. Não muito longe, um postulante sem cornos frita pés de porco sobre um braseiro de carvão e, perto dele, um arquimandrita bicórnio se esforça por fazer voltar a si o Dr. Poole, que jaz inanimado sobre uma padiola. Água fria e duas ou três fortes bofetadas produzem por fim o efeito desejado. O botânico suspira, abre os olhos, defende-se de uma nova bofetada e se senta.

– Onde estou? – pergunta ele.

– No Tabernáculo de Belial – responde o arquimandrita – e ali está Sua Eminência.

O Dr. Poole reconhece o grande homem e tem presença de espírito bastante para inclinar a cabeça respeitosamente.

– Tragam um tamborete – comanda o Arquivigário.

O tamborete é trazido. Ele acena para o Dr. Poole, que se põe de pé com esforço, atravessa a sala um pouco cambaleante e se assenta. Ao mesmo tempo, um grito agudo fá-la volver a cabeça.

Plano geral do seu ponto de vista, para o altar-mor. O patriarca é visto no ato de arremessar mais um pequeno monstro nas trevas, enquanto os seus acólitos chovem pancadas sobre a mãe aos gritos.

Corte, voltando ao Dr. Poole, que estremece e cobre o rosto com as mãos. De fora da cena ouve-se o cantochão monótono da congregação. “Sangue, sangue, sangue.”

– Horrível! – exclama o Dr. Poole. – Horrível!

– E no entanto há sangue na sua religião também – observa o Arquivigário, sorrindo ironicamente. – “Lavado no sangue do Cordeiro.” Não é issomesmo?

– Sem dúvida – admite o Dr. Poole. – Mas nós não praticamos de fato a lavagem. Limitamo-nos a falar sobre ela, ou, mais frequentemente, a cantá-la, em hinos.

O Dr. Poole afasta o olhar. Há um silêncio. Neste momento o postulante se aproxima com uma grande bandeja e um par de garrafas, que depõe sobre uma mesa junto ao leito. Espetando

um dos pés de porco com a genuinamente antiga falsificação século XX de um garfo georgiano, o Arquivigário põe-se a mastigar.

– Sirva-se – guincha ele entre duas dentadas.

– E aqui temos vinho – acrescenta, indicando uma das garrafas.

O Dr. Poole, que se acha faminto ao extremo, obedece com alacridade, e segue-se novo silêncio, quebrado apenas pelo ruído da mastigação e pelo canto de sangue.

– Você, naturalmente, não crê – diz por fim o Arquivigário, com a boca cheia.

– Eu lhe asseguro... – protesta o Dr. Poole.

Seu zelo em conformar-se é excessivo, e o outro levanta uma mão roliça e engordurada.

– Ora, ora, ora! Mas eu quero demonstrar-lhe que nós temos boas razões para acreditar no que acreditamos. A nossa, meu amigo, é uma fé racional e realista. – Há uma pausa enquanto ele toma um gole da garrafa e se serve de outro pé de porco. – Suponho que você conheça bem a História Universal?

– Puramente como diletante – responde o Dr. Poole com modéstia. Mas ele crê poder afirmar que leu a maior parte dos livros mais óbvios sobre o tema

– Expansão e extinção da Rússia, de Grave, por exemplo; O colapso da civilização ocidental, de Basedow; a inimitável obra de Bright, Europa, uma autópsia; e, não é preciso dizer, aquela deliciosíssima história, embora uma simples novela, genuinamente verídica: Os últimos dias de Coney Island, do velho Percival Pott.

O senhor a conhece, decerto?

O Arquivigário sacode a cabeça.

– Eu não conheço nada do que foi publicado depois da Coisa – responde secamente.

– Mas que estupidez a minha! – exclama o Dr. Poole, lamentando, como tantas vezes no passado, essa loquacidade verbosa com a qual ele super-compensa a timidez que, de outra forma, reduzi-lo-ia quase ao mutismo.

– Mas li um bocado do que foi escrito antes – o Arquivigário continua. – Havia algumas bibliotecas bem boas aqui no sul da Califórnia. Consumidas agora na maior parte. No futuro, receio, teremos que andar mais longe para conseguir o nosso combustível. Mas até aqui viemos assando o nosso pão e eu ainda dei jeito de salvar uns três ou quatro mil volumes para o nosso Seminário.

– Como a Igreja na Idade das Trevas – comenta o Dr. Poole, com entusiasmo erudito. – A civilização não tem melhor protetor que a religião. Isto é o que os meus amigos agnósticos nunca... – Lembrando-se de repente de que os dogmas daquela Igreja não eram bem os professados por esta, ele se detém e, para ocultar o embaraço, sorve um longo trago da garrafa.

Mas por sorte o Arquivigário está por demais absorvido em suas próprias idéias para ofender-se como faux pas ou sequer notá-lo.

– A História, pelo que tenho lido – prossegue ele – resume-se nisto: o homem em luta contra a Natureza, o Ego contra a Ordem das Coisas, Belial (um perfunctório sinal dos cornos) contra o Outro. Durante cem mil anos, pouco mais ou menos, a batalha mantém-se indecisa. Depois, três séculos atrás, quase da noite para o dia, a maré começa a rolar ininterruptamente em uma só direção. Aceite mais um destes pés de porco, não quer?

O Dr. Poole serve-se do seu segundo, enquanto o outro ataca um terceiro.

– Lentamente a princípio, depois com ímpeto avassalador, o homem arremete contra a Ordem das Coisas. – O Arquivigário faz uma pausa para cuspir um pedaço de cartilagem. – Com parcelas cada vez maiores da espécie humana cerrando fileiras atrás de si, o Senhor das Moscas, que é também a Varejeira no coração de cada indivíduo, inaugura a sua marcha triunfal através do mundo, do qual muito pronto irá tornar-se o soberano indiscutido.

Arrastado por sua própria estridente eloquência e por um momento esquecido de que não se encontra no púlpito de Santo

Azazel, o Arquivigário faz um gesto largo. O pé de porco salta do garfo. Com uma risada bem-humorada à própria custa, ele o apanha do chão, esfrega-o na manga do seu balandrau caprino, Dá-lhe uma nova dentada e continua.

– Começou com as máquinas, e com os primeiros navios de cereais do Novo Mundo. Alimento para os famintos e uma carga aliviada dos ombros dos homens. “O Deus, nós Te rendemos graças por todas as bênçãos que na Tua munificência...” etcétera, etcétera. – O Arquivigário ri com escárnio. – Excusado dizer que ninguém jamais recebe alguma coisa a troco de nada. As dádivas de Deus têm o seu preço, e Belial sempre toma suas providências para que ele seja bem salgado. Considere as tais máquinas, por exemplo. Belial sabia perfeitamente que, encontrando um pequeno alívio das fadigas do trabalho, a carne tornar-se-ia subordinada ao ferro, e a mente, escrava de rodas. Ele sabia que, se uma máquina é à prova de erros, é também necessariamente à prova de perícia, à prova de talento, à prova de inspiração. O seu dinheiro de volta se o produto for deficiente, e devolvido em dobro se for encontrado nele o menor traço de gênio ou de individualidade! E depois chegou aquela boa comida do Novo Mundo. “O Deus, nós Te rendemos graças...” Mas Belial sabia que alimentação quer dizer multiplicação. Nos tempos de outrora, quando as pessoas praticavam o amor, faziam tão-somente aumentar a taxa de mortalidade infantil e baixar as probabilidades de vida. Mas depois da chegada dos navios de mantimentos foi diferente. Copulação resultou em população, além de toda expectativa! Mais uma vez o Arquivigário solta a sua risada aguda.

Fusão para uma tomada, através de um microscópio poderoso, de espermatozóides lutando freneticamente para alcançar o seu Fim Supremo, o vasto óvulo, semelhante a uma lua, no canto esquerdo superior da lâmina. Na faixa sonora ouve-se a voz do tenor no último movimento da Sinfonia Fausto de Liszt: *La femme éternelle toujours nous élève, la femme éternelle tou jours...* Corte para uma vista aérea de Londres em 1800. Em seguida novamente para a corrida darwiniana pela sobrevivência e

autoperpetuação. Depois para uma vista de Londres em 1900 – e outra vez para os espermatozóides – e de novo para Londres, como os pilotos alemães a viam em 1940. Fusão para um plano próximo do Arquivigário.

– “O Deus” – entoa ele com a voz ligeira mente trêmula que sempre se considera apropriada a tais invocações – “nós Te rendemos graças por todas essas almas imortais.” – Depois, mudando de tom:

– Essas almas imortais – prossegue – alojadas em corpos que se tornam cada vez mais doentios, mais enfezados, mais sarnentos, de ano para ano, como todas as coisas previstas por Belial inevitavelmente acabam por suceder. A superpopulação do planeta. Quinhentas, oitocentas, às vezes duas mil pessoas por milha quadrada de terreno produtivo – e a terra em vias de arruinar-se pelo mau cultivo. Por toda a parte a erosão, por toda a parte a perda dos sais minerais. E os desertos se alastrando, as florestas minguando. Até mesmo na América, até mesmo nesse Novo Mundo que foi um dia a esperança do Velho. Para cima cresce a espiral da indústria, para baixo a espiral da fertilidade do solo. Maiores e melhores, mais ricos e mais poderosos e depois, quase de repente, mais e mais famintos. Sim, Belial previu tudo isso – a passagem da fome aos alimentos importados, dos alimentos importados à explosão demográfica e da explosão demográfica de volta à fome outra vez. De novo a fome. A Nova Fome, a Grande Fome, a fome de enormes proletariados industrializados, a fome de habitantes das cidades com dinheiro, com todas as utilidades modernas, com automóveis e rádios e todas as engenhocas imagináveis, a fome que é a causa das guerras totais e as guerras totais que são a causa de mais fome ainda.

O Arquivigário se interrompe para tomar mais um gole da garrafa.

– E tome nota – ajunta depois. – Mesmo sem mormo sintético, mesmo sem a bomba atômica, Belial teria levado a cabo todos os Seus propósitos. Um pouco mais demoradamente, talvez, mas

não menos fatal mente, os homens ter-se-iam destruído ao destruir o mundo em que viviam. Não havia salvação. Ele os tinha nas pontas dos seus dois cornos. Se lograssem safar-se do corno da guerra total, ver-se-iam empalados no da inanição. E, famintos, seriam tentados a recorrer à guerra. E ainda que, porventura, procurassem encontrar um meio pacífico e racional de sair-se do dilema, Ele tinha um outro corno, mais sutil, de autodestruição, pronto para recebê-los. Desde o começo da revolução industrial, Ele previu que os homens se tornariam tão presunçosos e arrogantes ante os milagres da sua tecnologia que logo perderiam todo o senso de realidade. E foi precisamente o que se deu. Esses miseráveis escravos de rodas e de livros de contabilidade começaram a jactar-se de serem os Conquistadores da Natureza. Conquistadores da Natureza, pois sim! O que eles haviam feito, é claro, fora perturbar o equilíbrio da natureza, e estavam em vias de sofrer as conseqüências. Pense um pouco no que estiveram a fazer durante o século e meio antes da Coisa. Poluindo os rios, exterminando os animais selvagens, destruindo as florestas, varrendo o húmus para o mar, queimando um oceano de petróleo, esbanjando os minerais que foi preciso o tempo geológico inteiro para depositar. Uma orgia de imbecilidade criminoso. E a isso eles chamavam Progresso. Progresso – ele repete. – Progresso!

Creia-me, essa foi uma invenção por demais incrível para ter sido o produto de qualquer cérebro meramente humano. Por demais diabolicamente irônica! Tinha que haver um Auxílio Exterior para isso. Tinha que existir a Graça de Belial que, naturalmente, está sempre ao alcance; isto é, para quem quer que esteja pronto a cooperar com ela. E quem não está?

– Quem não está? – ecoa o Dr. Poole com uma risadinha fina; pois sente que deve de algum modo com pensar o seu equívoco a respeito da Igreja na Idade das Trevas.

– Progresso e Nacionalismo: foram essas as duas grandes idéias que Ele lhes incutiu nas cabeças.

Progresso: a teoria de que você pode receber alguma coisa a troco de nada; a teoria de que você pode ganhar num terreno sem pagar pelo seu ganho num outro; a teoria de que só você compreende a significação da História; a teoria de que você sabe o que vai acontecer daqui a cinquenta anos; a teoria de que, em oposição a toda a experiência, você pode prever todas as conseqüências das suas ações presentes; a teoria de que a Utopia se encontra um passo à frente e, desde que fins ideais justificam os mais abomináveis meios, é seu privilégio e seu dever roubar, defraudar, torturar, escravizar e assassinar todos os que, na sua opinião (que é, por definição, infalível), obstruem a marcha avante rumo ao paraíso terrestre. Lembre-se daquela frase de Karl Marx: “A Força é a parteira do Progresso”. Ele poderia ter acrescentado (mas por certo Belial não quis mostrar as cartas nessa fase inicial dos preparativos) que o Progresso é a parteira da Força. Duplamente a parteira, pelo fato de que o progresso tecnológico fornece aos homens os instrumentos de destruição cada vez mais indiscriminada, enquanto o mito do progresso político e moral serve de pretexto para o uso desses meios até o último limite. Eu lhe afirmo, meu amigo, um historiador incrédulo é um louco. Quanto mais se estuda a história moderna, tanto mais evidência se encontra da Mão Guiadora de Belial. – O Arquivigário faz o sinal dos cornos, refresca-se com outro gole de vinho, e continua:

– Depois houve o Nacionalismo: a teoria de que o estado do qual por acaso você é súdito é o único deus verdadeiro, e de que todos os outros estados são deuses falsos; de que todos esses deuses, quer verdadeiros, quer falsos, têm a mentalidade de delinqüentes juvenis; e de que cada conflito por prestígio, poder ou dinheiro é uma cruzada pelo Bom, pelo Verdadeiro e pelo Belo. O fato de que tais teorias vieram, num dado momento da História, a ser universalmente aceitas, é a maior prova da existência de Belial, a maior prova de que, por fim, Ele ganhou a batalha.

– Não compreendi bem – diz o Dr. Poole.

– Mas é claro, é óbvio. Temos duas idéias. Ambas são absurdas e ambas conduzem a modos de agir demonstravelmente fatais. E ainda assim, a humanidade civilizada em peso decide, quase de repente, aceitar essas idéias como normas de conduta. Por quê? E por sugestão de Quem? Por instigação de Quem? Por inspiração de Quem? Só pode haver uma resposta.

– O senhor quer dizer, o senhor acha que foi...
que foi o Diabo?

– Quem mais deseja a degradação e a destruição da espécie humana?

– Certo, certo – concorda o Dr. Poole. – Mas seja como for, eu, como cristão protestante, não posso...

– Ah! não pode? – atalha o Arquivigário sarcasticamente. – Então você nega Lutero, nega toda a Igreja cristã. Já reparou, meu caro, que do segundo século em diante nenhum cristão ortodoxo jamais acreditou pudesse um homem ser possuído por Deus? Só podia ser possuído pelo Demônio. E por que acreditavam isto? Porque os fatos lhes tornaram impossível acreditar de outra maneira. Belial é um fato, Moloque é um fato, a possessão diabólica é um fato.

– Protesto – exclama o Dr. Poole. – Como homem de ciência...

– Como homem de ciência, você é obrigado a aceitar a hipótese que explica os fatos mais plausivelmente. Muito bem, e quais são os fatos? O primeiro é um fato da experiência e da observação, a saber, que ninguém quer sofrer, ninguém quer ser degradado, ninguém quer ser estropiado ou assassinado. O segundo é um fato histórico, o fato de que, numa certa época, a esmagadora maioria dos seres humanos aceitou crenças e adotou formas de conduta que não podiam de modo algum resultar em outra coisa que não o sofrimento universal, a degradação geral e a destruição por atacado. A única explicação plausível é que eles estavam inspirados ou possuídos por uma consciência estranha, uma consciência que queria a sua ruína e a queria mais fortemente

do que eles eram capazes de querer a sua própria felicidade e sobrevivência.

Há um silêncio.

– Sem dúvida – o Dr. Poole aventura-se finalmente a sugerir – esses fatos poderiam ser explicados de outras maneiras.

– Mas não tão plausivelmente, nem de longe com a mesma simplicidade – insiste o Arquivigário. – E depois, pense em todas as outras provas. Veja a Primeira Grande Guerra, por exemplo. Se o povo e os políticos não tivessem estado possessos, teriam ouvido Bento XV ou lord Lansdowne, teriam chegado a termos, teriam negociado a paz sem vitória. Mas não podiam, não podiam. Era-lhes impossível agir em seu próprio interesse. Tinham que fazer o que Belial neles lhes ditava, e o Belial neles queria a revolução comunista, queria a reação fascista a essa revolução, queria Mussolini e Hitler e o Politburo, queria fome, inflação e depressão; queria armamentos como remédio para o desemprego; queria a perseguição dos judeus e dos kulaks; queria que nazistas e comunistas dividissem a Polônia e depois guerreassem entre si. Sim, e queria o ressurgimento maciço da escravidão na sua forma mais brutal. Queria as migrações forçadas e a pauperização das massas. Queria campos de concentração e câmaras de gás e fornos crematórios. Queria bombarbeios de saturação (que frase deliciosamente suculenta!), queria a destruição, da noite para o dia, de um século de riquezas acumuladas, de todas as potencialidades de futura prosperidade, decência, liberdade e cultura. Belial queria tudo isso e, sendo a Grande Varejeira nos corações dos políticos e dos generais, dos jornalistas e do Homem Comum, foi-lhe fácil fazer com que o Papa fosse ignorado pelos próprios católicos e Lansdowne condenado como mau patriota, quase um traidor. E assim a guerra arrastou-se por quatro anos inteiros; e depois tudo continuou ponto por ponto em conformidade com o Plano. A situação do mundo foi sistematicamente de mal a pior, e, à medida que piorava, homens e mulheres tornavam-se mais e mais dóceis às diretrizes do Espírito Satânico. As velhas crenças no

valor da alma espiritual se dissiparam; as velhas restrições ficaram sem efeito; as velhas compunções e compaixões se evaporaram. Tudo o que jamais o Outro houvera posto nas cabeças das pessoas esvaiu-se, e o vácuo resultante foi enchido pelos sonhos lunáticos do Progresso e do Nacionalismo. Concedida a validade desses sonhos, seguia-se que meros indivíduos, vivendo aqui e agora, não eram melhores que formigas e percevejos e podiam ser tratados de acordo. E eles foram tratados de acordo, positivamente foram!

O Arquivigário sacode-se de riso e lança mão do último dos pés de porco.

– Para a sua época – continua – o velho Hitler foi um bom exemplo de endemoninhado. Não tão totalmente possesso, é certo, como muitos dos grandes líderes nacionais dos anos entre 1945 e o início da Terceira Guerra, mas decididamente acima da média do seu tempo. Mais do que quase qualquer um dos seus contemporâneos, ele tinha o direito de dizer: “Não eu, mas Belial em mim”. Os outros eram possessos apenas por intervalos, apenas em certas horas. Veja os cientistas, por exemplo. Homens bons, bem intencionados, na sua maioria. Mas Ele deitou-lhes as mãos assim mesmo, deitou-lhes as mãos no instante em que eles deixaram de ser seres humanos para tornarem-se especialistas. Daí o mormo e aquelas bombas. E depois, lembre-se daquele homem (como era mesmo o nome dele?) o que foi presidente dos Estados Unidos por tanto tempo...

– Roosevelt? – sugere o Dr. Poole.

– É isso: Roosevelt. Você se recorda daquela frase que ele vivia a repetir durante toda a Segunda Guerra? “Rendição incondicional, rendição incondicional.” Inspiração Plenária, é o que aquilo era. Direta e plenária inspiração.

– É o que o senhor diz – objeta o Dr. Poole.

– Mas qual é a sua prova?

– A prova? – repete o Arquivigário. – Toda a história subsequente é a prova. Veja o que aconteceu quando a frase tornou-se uma política e foi efetivamente posta em prática.

Rendição incondicional: quantos milhões de novos casos de tuberculose? Quantos milhões de crianças forçadas a roubar ou a prostituir-se por barras de chocolate? Belial tinha uma preferência toda especial pelas crianças. E outra vez, rendição incondicional: a ruína da Europa, o caos na Ásia, a fome em toda a parte, as revoluções, as tiranias. Rendição incondicional: e mais inocentes tiveram que suportar padecimentos piores que em qualquer outro período da História. E, como você muito bem sabe, não há nada que agrade mais a Belial do que os padecimentos de inocentes. E por fim, naturalmente, a Coisa. Rendição incondicional e bum!, exatamente sem nenhum milagre ou intervenção especial, como de há muito Ele havia planejado. E tudo se passou por meios puramente naturais. Quanto mais se pensa nos caminhos da Sua Providência, tanto mais inescrutáveis e prodigiosos eles nos parecem. – Devotamente, o Arquivigário faz o sinal dos cornos. Seguese uma ligeira pausa. – Escute – diz ele, levantando a mão.

Por alguns segundos eles permanecem sentados, sem falar. O som impreciso, abafado, do cantochão monótono torna-se audível. “Sangue, sangue, sangue, o sangue...” Ouve-se um débil gemido quando mais um pequeno monstro é espetado na faca do patriarca, depois as pancadas dos vergalhos golpeando carnes e, através do clamor excitado da congregação, uma sucessão de gritos horríssomos, quase inumanos.

– Custa crer que Ele nos tenha produzido a nós sem um milagre – o Arquivigário continua pensativamente. – Mas Ele o fez, Ele o fez. Por meios puramente naturais, usando os seres humanos e a sua ciência como Seus instrumentos, Ele criou uma raça inteiramente nova de homens, com a deformidade no sangue, com miséria a cercá-los por todos os lados e, no futuro, nenhuma perspectiva senão de mais miséria, pior deformidade e, por fim, a completa extinção.

Sim, é uma coisa terrível cair nas mãos do Demônio Vivo.

– Então por que – pergunta o Dr. Poole – continuam a adorá-lo?

– Por que se atira comida a um tigre furioso?

Para ganhar um mínimo de tempo. Para retardar o horror do inevitável, ainda que por alguns minutos. Assim na Terra como no Inferno... mas ao menos ainda se está na Terra.

– Não me parece que valha a pena – diz o Dr. Poole no tom filosófico de quem acabou de jantar.

Mais outro grito excepcionalmente cruciante fá-lo voltar a cabeça para a porta. Ele olha por um momento em silêncio. Desta vez, com uma expressão em que o horror foi consideravelmente atenuado pela curiosidade científica.

– Já está se acostumando, heim? – nota o Arquivário com bom humor.

NARRADOR

Consciência, costume – a primeira faz covardes, Faz de nós santos às vezes, faz seres humanos. O segundo faz Patriotas, Papistas, Protestantes, Faz Babbitts, Sádicos, Suecos ou Eslovacos,
Faz matadores de kulaks, cloradores de judeus,
Faz todos os que atormentam, por causas gloriosas,
A carne tremente, sem dúvida ou escrúpulo
A ensombrar sua certeza de Supremos Benfeitores.

Sim, meus amigos, lembrai-vos de como vos sentistes certa vez indignados quando os turcos massacraram mais do que a quota ordinária de armênios, como agradeceste a Deus viverdes num país cristão e progressista, onde tais coisas simplesmente não podiam suceder – não podiam, porque os homens usavam chapéu coco e viajavam diariamente pelo trem das oito e vinte e três. E depois refleti por um momento em alguns dos horrores que agora admitis; os ultrajes contra o mais rudimentar decoro humano que foram perpetrados em vosso nome (ou talvez por vossas próprias mãos); as atrocidades que

levais vossa filhinha a ver duas vezes por semana nos cinejornais – e ela as acha banais e aborrecidas. Mais vinte anos neste andar e os vossos netos estarão ligando seus aparelhos de televisão para uma olhadela aos jogos gladiatórios; e quando estes começarem a ficar insípidos, haverá a crucificação em massa, pelas Forças Armadas, dos objetantes de consciência, ou o esfolamento em vida, em belo colorido, das setenta mil pessoas suspeitas, em Tegucigalpa, de atividades antihondurenhas.

Enquanto isso, no Tabernáculo de Belial, o Dr. Poole está ainda olhando pela fenda entre as portas corrediças. O Arquivigário palita os dentes. Há um silêncio confortável, pós-prandial. De súbito o Dr. Poole volta-se para o companheiro.

– Algo está acontecendo – grita excitadamente.

– Eles estão abandonando os lugares.

– Estive esperando por isso já faz tempo – replica o Arquivigário, sem deixar de palitar os dentes.

– É o sangue que o provoca. O sangue e, naturalmente, a flagelação.

– Estão pulando para a arena – continua o Dr. Poole. – Estão correndo uns atrás dos outros. Mas o que é que...? Oh, meu Deus! Desculpe – acrescenta depressa. – Mas com efeito, com efeito...

Muito agitado, ele se afasta da porta.

– Tudo tem um limite – exclama.

– Aí é que você se engana – retruca o Arquivigário. – Não há limites. Todo o mundo é capaz de tudo... De tudo.

O Dr. Poole não responde. Arrastado irresistivelmente por uma força superior à sua vontade, ele tornou ao seu posto e contempla, avidamente e com horror, o que está se passando na arena.

– E monstruoso! – brade ele com indignação.

– É absolutamente revoltante!

O Arquivigário levanta-se pesadamente do leito e, abrindo um pequeno armário na parede, tira um binóculo e o estende ao Dr. Poole.

– Use isto – diz ele. – Lentes noturnas. Equipamento padrão da Marinha de antes da Coisa. Você poderá ver tudo.

– Mas o senhor não imagina que...

– Eu não imagino apenas – diz o Arquivigário, com um sorriso ironicamente benévolo –, eu vejo com meus próprios olhos. Vamos, homem. Olhe. Você nunca viu nada parecido na Nova Zelândia.

– Certamente que não – diz o Dr. Poole com o gênero de entonação que a sua mãe teria usado.

Mas mesmo assim leva o binóculo aos olhos.

Plano geral do seu ponto de vista. E um espetáculo de sátiros e ninfas, de perseguições e capturas, resistências provocantes seguidas de entusiásticas rendições de lábios a lábios barbudos, de seios palpitantes à impaciência de mãos rudes, tudo acompanhado de uma babel de gritos, ganidos e risos estridentes.

Corte para o Arquivigário, cujo rosto se acha franzido numa careta de repugnância e desprezo.

– Como gatos – diz ele por fim. – Só que os gatos têm o decoro de não serem gregários em sua corte. E você ainda tem dúvidas a respeito de Belial, mesmo depois disto?

Há uma pausa.

– Isso foi algo que aconteceu depois... depois da Coisa? – pergunta o Dr. Poole.

– Em duas gerações.

– Duas gerações! – O Dr. Poole deixa escapar um assovio. – Nada de recessivo nessa mutação. E eles não... bem, quero dizer, eles não têm vontade de fazer essa espécie de coisas em qualquer outra época?

– Só nessas cinco semanas, é tudo. E nós só permitimos duas semanas de acasalamento propriamente dito.

– Por quê?

O Arquivigário faz o sinal dos cornos.

– Por princípio. Eles têm de ser punidos por terem sido punidos. E a Lei de Belial. E, posso adiantar-lhe, nós os fazemos passar por maus bocados se eles transgridem as regras.

– Percebo, percebo – diz o Dr. Poole, lembrando com desconforto o episódio com Loola entre as dunas.

– E. um bocado duro para os que revertem aos padrões de acasalamento no velho estilo.

– Há muitos desses?

– Entre cinco e dez por cento da população. Nós os chamamos “hots”..

– E os senhores não permitem....?

– Nós os moemos de pancada quando os apanhamos.

– Mas isso é monstruoso!

– De fato – o Arquivigário concorda. – Mas lembre-se da sua História. Se você quer solidariedade social, você tem que ter ou um inimigo externo, ou uma minoria oprimida. Nós não temos inimigos externos, logo temos que explorar ao máximo os nossos hots. Eles são o que foram os judeus sob Hitler, o que foram os burgueses sob Lenin e Stalin, o que foram outrora os hereges nos países católicos e os papistas entre os protestantes. Se algo vai mal, a culpa é sempre dos hots. Não sei o que faríamos sem eles.

– Mas o senhor nunca se deteve a pensar no que eles devem sentir?

– E por que haveria? Primeiro que tudo, é a Lei. Punição condigna por terem sido punidos. Segundo, se eles forem discretos, não serão punidos. Tudo o que têm a fazer é evitar filhos fora da época devida e dissimular o fato de se apaixonarem e estabelecerem ligações permanentes com pessoas do sexo oposto. E, se não quiserem ser discretos, sempre lhes resta fugir.

– Fugir? Para onde?

– Existe uma pequena comunidade ao norte, perto de Fresno. Oitenta e cinco por cento de hots. E uma jornada perigosa, sem dúvida. Muito pouca água no caminho. E se nós os agarramos, enterramo-los vivos. Mas se eles se dispõem a aceitar

o risco, são perfeitamente livres de fazê-la. E, por último, há ainda o sacerdócio.

– Ele faz o sinal dos cornos. – Qualquer rapaz inteligente, que apresente sinais precoces de ser um hot, tem seu futuro assegurado: fazemos dele um sacerdote.

Vários segundos se escoam antes que o Dr. Poole se atreva a fazer a sua pergunta seguinte:

– O senhor quer dizer...?

– Precisamente – diz o Arquivigário. – Por amor do Reino do Inferno. Para não falar nas razões estritamente práticas. Afinal de contas, os interesses da comunidade têm de ser cuidados de algum modo, e é óbvio que o laicado não está em condições de fazê-lo.

A balbúrdia da arena cresce para um clímax momentâneo.

– Nauseante! – guincha o Arquivigário com aversão subitamente intensificada. – E isto não é nada em comparação com o que virá mais tarde. Como sou grato por ter sido preservado de uma tal ignomínia! Não eles, mas o Inimigo da Espécie encarnado em seus asquerosos corpos. Tenha a bondade de olhar para ali. – Ele puxa o Dr. Poole para si e aponta um grosso indicador. – À esquerda do altar-mor – com o vaso de cabelo vermelho. E, o Chefe. O Chefe – repete com ênfase zombeteira. – Que espécie de governante vai ser ele durante as duas próximas semanas?

Resistindo à tentação de fazer comentários pessoais sobre um homem que, embora temporariamente afastado, está destinado a reassumir o poder, o Dr. Poole emite um risinho nervoso.

– É, sem dúvida ele parece estar se espairecendo das preocupações do Estado.

NARRADOR

Mas por que, por que há de ele se espairecer com Loola? Patife brutamontes e prostituta infiel! Mas resta pelo menos um

consolo – e para um homem tímido, atormentado por desejos que não ousa pôr em prática, um consolo muito grande: a conduta de Loola é a prova de uma acessibilidade que, na Nova Zelândia, nos círculos acadêmicos, na vizinhança da Mãe, podia ser não mais que furtivamente sonhada como algo, sob todos os aspectos, bom demais para ser verdade. E não é Loola a única que demonstra ser acessível. A mesma coisa está sendo evidenciada, não menos ativamente, não menos vocalmente, por aquelas jovens mulatas, por Flossie, a gorducha teutona cor-de-mel, pela enorme matrona armênia, pela pequena adolescente de cabelos de estopa e grandes olhos azuis.

– Sim, aquele é o nosso Chefe – diz o Arquivigário com amargura. – Até que ele e os outros porcos cessem de estar possessos, a Igreja simplesmente assume o governo.

Incorrigivelmente erudito, a despeito do seu veemente desejo de estar lá fora com Loola – ou quase com outra qualquer, se for o caso – o Dr. Poole faz um comentário inteligente sobre a Autoridade Espiritual e o Poder Temporal.

O Arquivigário não presta atenção.

– Bem – diz bruscamente –, é tempo de ir ao trabalho.

Ele chama um postulante, que lhe entrega uma vela de sebo, depois dirige-se para o altar no extremo leste da capela. Sobre este há um único círio amarelo de cera de abelha, com três ou quatro pés de altura e desproporcionalmente grosso. O Arquivigário faz uma genuflexão, acende o círio, faz o sinal dos cornos, depois volta para onde se encontra o Dr. Poole a mirar, de olhos arregalados, com fascinado horror e escandalizada excitação, o espetáculo da arena.

– Afaste-se um pouco, por favor.

O Dr. Poole obedece.

Um postulante faz deslizar primeiro uma porta, depois a outra. O Arquivigário se adianta e posta-se no centro da abertura, tocando os cornos dourados da sua tiara. Dos músicos sobre os degraus do altar-mor vem o rangido agudo de flautins de tibia. Os

ruídos da multidão vão-se extinguindo para um silêncio apenas ocasionalmente pontuado por uma ou outra efusão bestial de exultação ou angústia por demais violenta para ser contida. Antifonadamente, os sacerdotes começam a cantar.

SEMICORO I

O tempo é chegado,

SEMICORO II

Pois que Belial é implacável,

SEMICORO I

Tempo para a consumação dos Tempos

SEMICORO II

No caos da luxúria.

SEMICORO I

O tempo é chegado,

SEMICORO II

Pois que Belial está no vosso sangue,

SEMICORO I

Tempo para o nascimento em vós

SEMICORO II

Dos Outros, dos Estranhos,

SEMICORO I

Da Sarna, da Impigem

SEMICORO II

Do tímido Verme.

SEMICORO I

O tempo é chegado,

SEMICORO II

Pois que Belial vos odeia,

SEMICORO I

Tempo para a morte da Alma,

SEMICORO II

Para que o Ser pereça,

SEMICORO I

Condenado pelo desejo,

SEMICORO II

E o prazer é o algoz;

SEMICORO I

Tempo para o triunfo

SEMICORO II

Total do Inimigo,

SEMICORO I

Para a dominação do Babuíno,

SEMICORO II

Para que monstros sejam gerados.

SEMICORO I

Não a vossa vontade, Mas a Sua,

SEMICORO II

Para que sejais lançados à perdição eterna.

Da multidão sobe um forte e unânime “Amém”. Que a Sua maldição caia sobre vós entoa o Arquivigário na sua voz aguda; depois dirige-se novamente para o extremo da capela e galga o trono colocado próximo ao altar. De fora ouve-se uma grita que vai se tornando cada vez mais forte, e de repente o tabernáculo é invadido por um tropel de adoradores coribânticos. Eles se precipitam para o altar, arrancam uns aos outros os aventais e os lançam numa pilha crescente ao pé do trono do Arquivigário. Não, Não, Não. E para cada Não há um brado triunfante de “Sim!” seguido de um gesto inequívoco em direção à mais

próxima pessoa do sexo oposto. Ao longe, os sacerdotes cantam: “Não a vossa vontade, mas a Sua, para que sejais lançados à perdição eterna” em monótona repetição. Plano próximo do Dr. Poole, enquanto ele observa os acontecimentos de um canto do oratório. Corte voltando à multidão: rosto após rosto alvar, extático, entra no campo de visão e desaparece. E lá, subitamente, está o semblante de Loola – os olhos brilhantes, os lábios entreabertos, as covinhas selva gemente vivas. Ela volve a cabeça, dá com o Dr. Poole. Alfie! ela grita. O seu tom e expressão provocam uma resposta igualmente efusiva. Loola!

Eles se precipitam um para o outro num abraço apaixonado. Os segundos passam. Como vaselina, os acordes da música de Sexta-feira Santa do Parsifal fazem-se ouvir na faixa de som.

Depois os rostos se afastam, a câmera recua.

– Depressa, depressa!

Loola agarra-lhe o braço e arrasta-o para o altar.

– O avental – diz ela.

O Dr. Poole baixa os olhos para o avental, depois, tornando-se tão vermelho quanto o Não bordado nele, desvia o olhar.

– Parece tão... tão indecoroso – diz.

Ele estende a mão, recolhe-a, muda de idéia outra vez. Tomando uma ponta do avental entre o polegar e o indicador, dá-lhe um par de puxões frouxos, que não produzem efeito.

– Com força – grita ela – com muita força!

Com violência quase frenética – pois não é só o avental que ele está arrancando, é também a influência da mãe, são todas as inibições, todas as convenções em que foi educado – o Dr. Poole faz o que lhe é dito.

A costura cede mais facilmente do que ele esperava e ele quase cai de costas. Recobrando o equilíbrio, deixa-se ficar parado olhando, com envergonhado enleio, do pequeno avental que representa o Sexto Mandamento para a face sorridente de Loola e depois para baixo, para a rubra proibição. Cortes sucessivos: Não, covinhas, Não, covinhas, Não...

– Sim! – grita Loola triunfante. – Sim!

Arrebatando da mão dele o avental, ela o atira ao pé do trono. Depois, com um “Sim!” e mais outro “Sim!” arranca os remendos do peito e, voltando-se para o altar, faz a sua reverência à Vela.

Meio plano próximo das costas de Loola genuflexa. Subitamente, um homem de meia-idade, com uma barba grisalha, arremete excitadamente para a cena, rasga-lhe os Nãos gêmeos dos fundilhos e começa a arrastá-la para a porta da capela.

Com uma bofetada e um vigoroso repelão, Loola se desvencilha e pela segunda vez atira-se nos braços do Dr. Poole.

– Sim? – ela sussurra.

E enfaticamente ele responde:

– Sim!

Eles se beijam, sorriem enlevadamente um para o outro, depois encaminham-se para a escuridão além das portas corredeiras. Ao passarem pelo trono, o Arquivário se inclina e, sorrindo ironicamente, bate no ombro do Dr. Poole.

– E o meu binóculo? – pergunta.

Fusão para uma cena noturna de sombras negras como piche e faixas de luar. Ao fundo ergue-se o esqueleto arruinado do Los Angeles County Museum. Amorosamente entrelaçados, Loola e o Dr. Poole surgem em cena, em seguida mergulham nas trevas impenetráveis. Silhuetas de homens perseguindo mulheres, ou de mulheres atirando-se a homens, aparecem por um momento e desaparecem. Ao acompanhamento da música de Sexta-feira Santa, ouve-se um coro, ora mais forte, ora abafado, de rosnados e gemidos, de obscenidades explosivamente berradas e prolongados uivos de agoniado deleite.

NARRADOR

Considerai as aves. Que delicadeza na sua corte, que cavalheirismo à moda antiga! Pois embora os hormônios produzidos no organismo da fêmea reprodutriz a predisponham

para a emoção sexual, o seu efeito não é nem tão intenso, nem de tão breve duração como o dos hormônios ovarianos no sangue das fêmeas dos mamíferos durante o cio. Adernais, por razões óbvias, a ave macho não está em condições de submeter aos seus desejos uma fêmea relutante. Daí a prevalência entre os machos das plumagens brilhantes e de um instinto para o galanteio. E daí a evidente ausência dessas coisas encantadoras entre os machos dos mamíferos. Pois quando, como nos mamíferos, os desejos amorosos da fêmea e os seus atrativos para o sexo oposto são inteiramente determinados por meios químicos, qual a necessidade da beleza masculina, das delicadezas da corte preliminar?

Na espécie humana, cada dia do ano é potencialmente a quadra do acasalamento. As raparigas não são quimicamente predestinadas a, durante uns poucos dias, aceitar os avanços do primeiro macho que se apresente. Seus corpos fabricam hormônios em doses suficientemente pequenas para deixar, mesmo às mais temperamentais, uma certa liberdade de escolha. É por isso que, diversamente dos demais mamíferos, o homem foi sempre um cortejador. Mas agora os raios gama mudaram tudo isso. Aos padrões hereditários do comportamento físico e mental do homem foi dada uma nova forma. Graças ao supremo Triunfo da Ciência Moderna, o sexo tornou-se periódico, o romance foi aniquilado pelo estro, e a compulsão química da fêmea para a cópula aboliu a galanteria, o cavalheirismo, a ternura, o próprio amor.

Neste momento, uma Loola radiante e um Dr. Poole consideravelmente desgrenhado emergem das sombras. Um indivíduo corpulento, temporariamente desacompanhado, entra a passos largos na cena. À vista de Loola, ele se detém. O queixo lhe cai, os olhos se arregalam, ele respira com força.

O Dr. Poole lança um olhar ao recém-chegado, depois voltase nervosamente para a companheira.

– Eu acho que talvez fosse bom seguirmos por ali...

Sem uma palavra o estranho investe para ele, dá-lhe um safanão que o faz voar longe, e toma Loola nos braços. Por um momento ela resiste; depois os agentes químicos no sangue impõem o seu Imperativo Categórico e ela cessa de debater-se.

Produzindo um ruído como o de um tigre à hora do repasto, o estranho a ergue do chão e desaparece com ela na escuridão.

O Dr. Poole, que teve tempo de pôr-se de pé, esboça um movimento como para perseguir, para buscar vingança, para salvar a desolada vítima. Depois, um misto de apreensão e recato fá-lo afrouxar o passo. Se ele avança, só Deus sabe em que situação irá se intrometer. E depois aquele homem, aquela massa cabeluda de ossos e músculos... Pensando bem, seria talvez mais prudente... Ele pára e fica hesitante, sem saber o que fazer. De repente, duas jovens e belas mulatas saem correndo do County Museum e simultaneamente lançam-lhe os braços trigueiros em torno do pescoço e cobrem-lhe o rosto de beijos.

– Seu malandrão bonitão simpático – sussurram elas em rouquenho uníssono.

Por um momento o Dr. Poole hesita entre a lembrança inibidora da mãe, a fidelidade a Loola, prescrita por todos os poetas e romancistas, e os cálidos, elásticos Fatos da Vida. Após cerca de quatro segundos de conflito moral, resolve-se, como era de esperar, pelos Fatos da Vida. Ele sorri, devolve os beijos, murmura palavras que, ouvidas, encheriam de assombro a Sra. Hook e talvez matassem sua mãe, envolve um corpo com cada um dos braços, acaricia seios com mãos que jamais fizeram nada parecido, a não ser em inconfessáveis devaneios. Os ruídos da orgia crescem para um breve clímax, depois diminuem. Por algum tempo reina silêncio absoluto.

Acompanhados por um séquito de arquimandritas, familiares, presbíteros e postulantes, o Arquivigário e o patriarca de Pasadena surgem na cena, caminhando majestosamente. À vista do Dr. Poole com as mulatas, eles se detêm. Com uma

careta de nojo, o patriarca cospe no chão. Mais tolerante, o Arquivigário limita-se a sorrir ironicamente.

– Dr. Poole! – flauteia ele no seu falsete desigual.

Com ar culpado, como se ouvisse o chamado da mãe, o Dr. Poole deixa cair as suas atarefadas mãos e, voltando-se para o Arquivigário, procura assumir uma expressão de aérea inocência. Essas meninas – seu sorriso pretende significar – quem são essas meninas?

Ora veja, eu nem sei o nome delas. Nós estávamos apenas conversando um pouco sobre os criptógamos superiores, nada mais.

– Seu malandro bonitão... – começa uma voz rouquenha.

O Dr. Poole tosse alto e se esquivia ao abraço que acompanha as palavras.

– Não se incomode conosco – diz o Arquivigário amavelmente. – Afinal de contas, o Dia de Belial vem só uma vez por ano.

Aproximando-se, toca os chavelhos dourados da sua tiara, depois poussa as mãos sobre a cabeça do Dr. Poole.

– A rapidez – diz com súbita unção profissional – da sua conversão foi quase milagrosa. Sim, quase milagrosa. – Depois, mudando de tom: – A propósito – acrescenta –, tivemos uma ligeira encrenca com os seus amigos da Nova Zelândia. Esta tarde alguém localizou um grupo deles em Beverly Hills. Imagino que estavam procurando por você.

– Sim, suponho que sim.

– Mas não vão encontrá-lo – continua o Arquivigário jovialmente. – Um dos nossos inquisidores saiu com um pelotão de familiares para avir-se com eles.

– E o que aconteceu? – pergunta o Dr. Poole, ansioso.

– Nossos homens armaram uma emboscada e dispararam flechas. Um foi morto, os outros fugiram com os feridos. Não creio que voltem a nos incomodar. Mas por via das dúvidas... – Ele acena para dois dos seus assistentes. – Escutem: não vai haver nenhum salvamento e não vai haver nenhuma fuga. Eu os faço

responsáveis, entendido?

Os dois postulantes inclinam a cabeça.

– E agora – torna o Arquivigário, dirigindo-se novamente ao Dr. Poole – nós o deixaremos em paz para procriar todos os monstros que puder.

Ele pisca, dá um tapinha na bochecha do Dr. Poole, depois toma o patriarca pelo braço e, seguido da comitiva, retira-se.

O Dr. Poole acompanha com o olhar as figuras que se afastam, depois relanceia com inquietação os dois postulantes designados para vigiá-lo.

Braços morenos enlaçam-lhe o pescoço.

– Seu malandro bonito...

– Não, que é isso? Em público, não. Não com esses homens aí!

– Que diferença faz?

E antes que ele tenha tempo de responder, rouquinhos, almiscarados, trigueiros, os Fatos da Vida enroscam-se mais uma vez sobre ele e, num abraço complicado, como um Laocoonte meio relutante, meio prazerosamente complacente, ele é arrastado para as sombras. Com uma expressão de nojo, os dois postulantes cospem simultaneamente.

NARRADOR

Lembre était nuptiale, auguste et solennelle...¹

Ele é interrompido pela explosão de uma algazarra de miados frenéticos.

NARRADOR

Se olho para o fundo das fontes do meu jardim (Não só do meu, que todo jardim é pontilhado De buracos de enguias e luas refletidas). Creio ver uma Coisa, armada de um forcado, Que parece, emergindo do lodo, da imanência, De entre as enguias do

céu, rojar-se contra mim – Contra Mim sagrado, Mim divino! E se deveras Tão triste é ter culpada a consciência! Como é Enfadonho também, por outro lado, tê-la pura! Que admira que o horror das fontes nos arraste Ao encontro do forçado? E eis que a Coisa ataca, E eu, a Pessoa atormentada, em meio à lama Ou no líquido luar, cheio de gratidão, Vejo outros que, como eu, também têm esse cego Ou radiante ser.²

¹ *As trevas são nupciais, angustas e solenes... A frase é do Booz endormi, de Victor Hugo. (N. do T.)*

² *Nos versos 1, 4, 5, 6 e 8 o autor parafraseia versos da tragédia A duquesa de Malfi, de John Webster: When I look into the fishponds in my garden/Methinks I see a Thing armed with a rake/that seems to strike at me./How tedious is a guilty conscience. (N. do T.)*

Fusão para um plano médio do Dr. Poole adormecido sobre a areia amontoada ao pé de uma gigantesca parede de concreto. Alguns metros além, um dos seus guardas também dorme. O outro acha-se absorvido num velho exemplar de Forever Amber. O sol já vai alto no céu e um plano próximo revela um pequeno lagarto verde rastejando sobre uma das mãos estendidas do Dr. Poole. Ele jaz imóvel, como se estivesse morto.

NARRADOR

E este, também, é o beatífico ser de alguém que, com toda a certeza, não é Alfred Poole, doutor em Ciências. Pois o sono é uma das pré-condições da Encarnação, o instrumento primário da divina imanência. Dormindo, nós cessamos de viver para sermos habitados (quão bem-aventuradamente!) por algum Outro ignoto que se vale do ensejo para restaurar a sanidade da mente e curar o corpo maltratado e auto-atormentado.

Do café da manhã à hora de deitar, podemos estar fazendo tudo ao nosso alcance para agredir a Natureza e negar o fato da nossa Essência Vítea. Mas mesmo o mais enfurecido dos

macacos se cansa das suas tropelias e tem de dormir. E enquanto dorme, a Compaixão que nele mora preserva-o, à sua revelia, do suicídio que, durante as horas despertas, com ânsia tão frenética, ele tentou cometer. Depois o sol nasce outra vez, e o nosso macaco acorda uma vez mais para o seu próprio eu e para a liberdade do seu arbítrio pessoal – para mais outro dia de malfetorias, ou, se quiser, para os primórdios do auto-conhecimento, para os primeiros passos no sentido da sua salvação.

Um estridular de risos femininos excitados corta a palavra do narrador. O dorminhoco se agita e, a uma segunda explosão mais forte, desperta de todo em sobressalto e senta-se, olhando em torno perplexo, sem saber onde se encontra. Outra vez as risadas. Ele volve a cabeça na direção do som. Num plano geral do seu ponto de vista, vemos as suas duas trigueiras amigas da noite anterior surgirem a toda velocidade de trás de uma duna, correndo em disparada para as ruínas do County Museum. Aos seus calcanhares, em silêncio concentrado, corre o Chefe. Os três desaparecem de vista.

O postulante adormecido acorda e dirige-se ao companheiro.

– O que foi isso? – pergunta.

– O mesmo de sempre – responde o outro, sem tirar os olhos de Forever Amber.

No mesmo instante, gritos agudos e estridentes ecoam nos salões cavernosos do Museu. Os postulantes se entreolham e simultaneamente cospem.

Corte, voltando ao Dr. Poole.

– Meu Deus – diz ele alto –, meu Deus!

E cobre o rosto com as mãos.

NARRADOR

Na saciedade desta manhã seguinte, dêem-se largas a uma consciência remordida e aos princípios aprendidos sobre os

joelhos de uma mãe – e não raro atravessado sobre eles (cabeça para baixo e as fraldas da camisa bem arregaçadas), em espancamentos condignos, triste e piedosamente ministrados, mas lembrados, bastante ironicamente, como pretexto e acompanhamento de incontáveis devaneios eróticos, cada qual devidamente seguido pelo seu remorso, e cada remorso trazendo consigo a idéia do castigo com todas as concomitantes volúpias. E assim por diante, indefinidamente. Ora, como dizia, libertem-se aqueles contra estes, e o resultado pode muito bem ser uma conversão religiosa. Mas conversão a quê? Nada sabendo do que tem por certo, o nosso pobre amigo o ignora. E aí vem quase a última pessoa que ele teria imaginado lhe ajudasse a descobrir.

Enquanto o narrador pronuncia esta última sentença, Loola surge na cena.

– Alfie! – grita ela contente. – Eu estava procurando por você.

Corte rápido para os dois postulantes, que a fitam um momento com toda a aversão da continência força da, depois viram a cara e expectoram.

Entretanto, após um breve olhar àqueles “lineamentos do desejo satisfeito”, o Dr. Poole desvia os olhos com ar envergonhado.

– Bom dia – diz num tom de polidez formal.

– Espero que você... que você tenha dormido bem.

Loola sentase ao lado dele, abre um saco de couro que traz a tiracolo e tira a metade de um pão e cinco ou seis grandes laranjas.

– Ninguém pode pensar em cozinhar grande coisa estes dias – ela explica. – E, como um longo piquenique até que comece de novo a estação fria.

– Sem dúvida, sem dúvida – diz o Dr. Poole.

– Você deve estar com uma fome terrível – ela continua. – Depois da noite passada...

As covinhas saem do esconderijo, quando ela sorri para ele.

Afogueado e vermelho de embaraço, o Dr. Poole procura apressadamente desviar o assunto da conversa.

– Belas laranjas, essas – observa. – Na Nova Zelândia elas não são tão boas, exceto no extremo...

– Tome – diz Loola, interrompendo-o.

Ela lhe estende um grande naco de pão, arranca outro para si mesma e crava-lhe os dentes brancos e fortes.

– Está bom – diz com a boca cheia. – Por que você não come?

O Dr. Poole, que se dá conta de estar, de fato, com uma fome voraz, mas que não deseja, em atenção ao decoro, admitir o fato muito abertamente, belisca com delicadeza a sua côdea.

Loola aconchega-se a ele e reclina a cabeça no seu ombro.

– Foi gostoso, não foi, Alfie? – Ela dá outra dentada no pão e, sem esperar resposta, continua: – Muito mais gostoso com você do que com qualquer dos outros. Você também achou?

Ela levanta ternamente os olhos para ele.

Plano próximo do seu ponto de vista para a expressão de agoniado desconforto moral do Dr. Poole.

– Alfie! – exclama ela. – O que há com você?

– Talvez fosse melhor – ele consegue afinal articular – falarmos de outra coisa.

Loola endireita o corpo e o encara durante alguns segundos em silêncio atento.

– Você pensa demais – diz ela por fim. – Você não deve pensar. Se a gente pensa, deixa de ser gostoso. – De repente o rosto dela se ensombrece.

– Se a gente pensa – prossegue em voz baixa – é terrível, terrível. E. uma coisa terrível cair nas mãos do Demônio Vivo. Quando me lembro do que fizeram a Polly e ao seu bebê...

Ela tem um estremecimento, os olhos enchem-se de lágrimas e ela esconde o rosto.

NARRADOR

Outra vez essas lágrimas, esses sintomas de personalidade... Sua vista evoca uma pena mais forte que o sentimento de culpa.

Esquecendo os postulantes, o Dr. Poole atrai Loola para si e, com palavras sussurradas, com as carícias que se usam para sossegar uma criança que chora, procura consolá-la. É tão bem-sucedido que, ao fim de um ou dois minutos, ela descansa bem quieta no ângulo do seu braço. Com um suspiro feliz, abre os olhos, ergue-os para ele e sorri com uma expressão de ternura, a que as covinhas acrescentam com encantadora incongruência um quê de travesso.

– Isto é o que eu sempre sonhei.

– E mesmo?

– Mas nunca aconteceu... nunca poderia acontecer. Nunca, até que você chegou... – Ela afaga o rosto dele. – Eu gostaria que a sua barba não tivesse de crescer – acrescenta. – Você vai ficar parecido com os outros. Mas você não é como eles, você é completamente diferente.

– Nem tanto assim – contesta o Dr. Poole.

Ele se inclina e beija-a nas pálpebras, no pescoço, na boca; depois recua e a contempla com ar de triunfante masculinidade.

– Não diferente naquilo – ela especifica. – Mas diferente nisto. – Ela lhe passa novamente os dedos pela face. – Você e eu aqui juntinhos, conversando e sentindo-nos felizes porque você é você e eu sou eu. Isto não acontece aqui. A não ser... a não ser...

– Ela se interrompe. Seu semblante anuvia-se.

– Você sabe o que acontece às pessoas que são hots?

– cochicha.

Desta vez é o Dr. Poole quem protesta contra o pensar demais. Ele acompanha as palavras com ação. Plano próximo do abraço. Em seguida, corte para os dois postulantes, assistindo com desgosto ao espetáculo. Enquanto eles cospem, um outro postulante entra na cena.

– Ordens de Sua Eminência – anuncia fazendo o sinal dos cornos. – Esta missão está terminada.

Apresentem-se à base.

Fusão para o Canterbury. Um marinheiro ferido, com uma seta ainda cravada no ombro, está sendo guindado numa linga, de uma baleeira para o convés da escuna. No convés jazem duas outras vítimas dos arqueiros californianos – o Dr. Cudworth, com um ferimento na perna esquerda, e a Sra. Hook. Esta tem uma flecha profundamente alojada no lado direito.

O médico, ao inclinar-se sobre ela, tem a fisionomia grave.

– Morfina – diz ele ao seu assistente. – Em seguida vamos levá-la para a sala de cirurgia o mais depressa possível.

Nesse meio tempo, vezes estiveram gritando ordens e de súbito ouve-se o ruído do guincho e o tilintar da corrente da âncora a enrolar-se no cabrestante.

Ethel Hook descerra as pálpebras e olha em torno de si. Uma expressão aflita surge no seu rosto pálido.

– Vocês vão partir sem ele? – diz ela. – Mas vocês não podem, não podem! – Ela faz um esforço para levantar-se da maca; mas o movimento lhe causa tanta dor que ela cai para trás outra vez, com um gemido.

– Calma, calma – diz o doutor docemente, enquanto lhe esfrega o braço com álcool.

– Mas ele pode ainda estar vivo – protesta ela com voz débil. – Eles não podem abandoná-lo; não podem simplesmente lavar as mãos.

– Não se mexa – diz o médico e, tomando do assistente a seringa, espeta a agulha na carne.

O retirar da corrente da âncora eleva-se num crescendo, enquanto dissolvemos para Loola e o Dr. Poole.

– Estou com fome – diz Loola, soerguendo-se.

Alcançando o seu farnel, tira o que restou do pão, divide-o em dois pedaços, estende o maior ao Dr. Poole e crava os dentes no outro. Ela termina o seu bocado e está para morder outro, quando muda de idéia.

Virando-se para o companheiro, toma-lhe a mão e a beija.

– Por que isto? – pergunta ele.

Loola dá de ombros.

– Não sei. Simplesmente me deu vontade, de repente. – Ela come mais um pouco de pão e, após um silêncio ruminativo, volta-se para ele com o ar de quem acabou de fazer uma importante e inesperada descoberta.

– Alfie – anuncia –, eu acho que nunca mais vou querer dizer sim a ninguém que não a você.

Grandemente comovido, o Dr. Poole inclina-se para a frente, toma-lhe a mão e aperta-a contra o coração.

– Eu sinto que somente agora descobri para que vale esta vida – diz ele.

– Eu também.

Ela se recosta contra ele e, como um avarento irresistivelmente levado a contar uma vez mais o seu tesouro, o Dr. Poole corre os dedos por entre os cabelos dela, separando um por um os grossos caracóis, levantando um cabo e deixando-o cair silenciosamente em seu lugar.

NARRADOR

E assim, pela dialética do sentimento, estes dois redescobriram por si mesmos essa síntese do químico e do pessoal a que nós damos os nomes de monogamia e amor romântico. No caso dela, eram os hormônios que excluía a pessoa; no dele, a pessoa que não podia entender-se com os hormônios. Mas agora é o começo de uma nova plenitude.

O Dr. Poole enfia a mão no bolso e tira o livrinho que na véspera salvou da fornalha. Abre-o, vira as páginas e começa a ler alto.

Warm fragrance seems to fall from her light dress
And her loose hair; and úbere some heavy tress
The air of her otan speed has disentvined,
The sveetness seems to satiate the faint sind;
And in tbc soul a wild adour is felt
Beyond the sense, like deus that melt

Into the bosom of a frozen bud.¹

– O que é isso? – pergunta Loola.

– Você! – Ele se inclina e beija-lhe os cabelos. – “E na alma” – sussurra – “um perfume agreste é percebido além dos sentidos.” Na alma – repete.

– O que é alma? – pergunta Loola.

– Bem... – Ele hesita; depois, decidindo deixar que Shelley dê a resposta, continua a ler:

See úbere she stands, a mortal shape indued With love and
life and light and deity,
And motion which may change but never die, An image of
some bright Eternity,
A shadow of some golden dream; a Splendour Leaving the
third sphere pilotless; a tender Reflection of the eternal
Moon of Love...²

– Mas eu não compreendo nem uma palavra – queixa-se Loola.

– E até hoje – diz o Dr. Poole sorrindo para ela – até hoje eu também não compreendia.

Fusão para o exterior do Tabernáculo de Belial, duas semanas depois. Várias centenas de homens barbudos e mulheres desmazeladas alinham-se, numa dupla fila, esperando a vez de entrar no oratório. A câmara percorre a longa sucessão de caras sujas e em botadas, depois detém-se sobre Loola e o Dr. Poole, que são vistos no ato de transpor as portas corrediças.

Dentro é tudo penumbra e silêncio. Dois a dois, as ninfas e os lépidos faunos de poucos dias antes desfilam desanimadamente, a passos arrastados, diante de um altar cuja enorme vela está agora oculta por um abafador. Ao pé do trono vazio do Arquivigário jaz a pilha de Sextos Mandamentos descartados. Enquanto a procissão vai passando vagarosamente, o arquimandrita encarregado da Moral Pública entrega um avental

¹ *Cálida fragrância parece fluir do seu vestido leve/ e dos cabelos soltos; e onde alguma espessa trança/ o ar da sua própria ligeireza desmanchou,/ a doçura parece saturar o vento brando;/ e na alma um perfume agreste é percebido/ além dos sentidos, como gotas de rocío ardente que se fundem/ no seio de um botão gelado. (P. B. Shelley – Epipsychidion, vv. 105111). (N. do T.)*

² *Contemplaia, uma forma mortal revestida/ de amor e vida e luz e divindade,/ de movimento que pode transformar-se mas jamais morrer,/ uma imagem de alguma luminosa Eternidade/ uma sombra de algum dourado sonho; um Esplendor/ que deixa a terceira esfera sem piloto; um suave/ reflexo da eterna Lua do Amor... (P. B. Shelley – Epipsychidion, vv. 112118), (N. do T.)*

a cada homem, e a cada mulher um avental e quatro etiquetas redondas.

– Pela porta do lado – ele repete a cada entrega.

E pela porta do lado, ao chegar a sua vez, saem devidamente Loola e o Dr. Poole. Fora, ao sol, uma equipe de postulantes trabalha afanosamente, com agulha e linha, cosendo aventais em cintas e etiquetas em fundilhos de calças e frentes de camisas.

A câmara focaliza Loola. Três jovens seminaristas em sotainas de Toggenberg rodeiam-na quando ela sai para o ar livre.

Ela entrega o avental ao primeiro, uma etiqueta a cada um dos outros. Os três põem-se a trabalhar simultaneamente e com extraordinária rapidez. Não, Não e Não.

– Vire-se, por favor.

Estendendo as últimas etiquetas, ela obedece; e, enquanto o especialista em aventais se afasta para atender ao Dr. Poole, os outros manejam suas agulhas com diligência tal que em meio minuto ela está não menos proibitiva por detrás do que quando vista de frente.

– Pronto!

– E pronto!

Os dois alfaiates clericais recuam e revelam um plano próximo do seu trabalho. Não Não. Corte para os postulantes, que expressam seus sentimentos cuspidos em uníssono, depois voltam-se para a porta do sacrário.

– A seguinte, por favor.

Ostentando um ar de extrema abjeção, as duas inseparáveis mulatas adiantam-se juntas.

Corte para o Dr. Poole. De avental e hirsuto com uma barba de quinze dias, ele se dirige para onde se encontra Loola à sua espera.

– Por aqui, façam o favor – diz uma voz estridente.

Em silêncio eles tornam seus lugares na cauda de uma nova fila. Resignadamente, duzentas ou trezentas pessoas aguardam que lhes sejam designadas as respectivas tarefas pelo assistente-chefe do Grande Inquisidor, encarregado das Obras Públicas. Tricórnio é suntuosamente paramentado numa batina branca de Saanen, o grande homem está sentado com um par de familiares bicórnios a uma grande mesa, sobre a qual se alinha uma série de fichários de aço, salvados dos escritórios da Companhia Providenciai de Seguros de Vida.

Uma série de planos de montagem exhibe, em vinte segundos, o lento e demorado avanço de Loola e o Dr. Poole rumo ao manancial da Autoridade. E agora, enfim, eles chegaram ao destino. Plano próximo do assistente especial do Grande Inquisidor, enquanto ele ordena ao Dr. Poole apresentar-se ao diretor do Abastecimento, em seu escritório nas ruínas do Edifício da Administração da Universidade do Sul da Califórnia. Aquele cavalheiro providenciará para que o botânico disponha de um laboratório, uma área de terreno para plantações experimentais e um máximo de quatro operários para execução do trabalho braçal.

– Até quatro operários no máximo – repete o prelado –, embora em épocas normais...

Sem ser autorizada, Loola intromete-se na conversa.

– Oh! Deixe-me ser um dos operários – ela implora. – Por favor.

O assistente especial do Grande Inquisidor dardeja-lhe um olhar prolongado e fulminante, depois volta-se para os familiares.

– E quem, se me fazem o favor, é esse jovem vaso do Espírito Satânico? – inquire.

Um dos familiares extrai do arquivo a ficha de Loola e fornece a respectiva informação. Com dezoito anos de idade e até o presente estéril, o vaso em questão consta haver-se ligado fora da quadra a um notório hot, o qual veio a ser posteriormente liquidado ao tentar resistir à prisão. Nada entretanto foi provado contra o dito vaso, e a sua conduta tem sido de um modo geral satisfatória. O dito vaso foi empregado, durante o ano passado, na mineração de cemitérios e deverá ser analogamente empregado na temporada vindoura.

– Mas eu quero trabalhar com Alfie – ela protesta.

– Você parece esquecer – diz o primeiro familiar – que estamos numa democracia...

– Uma democracia – acrescenta o seu colega – onde o proletário goza plena liberdade.

– Verdadeira liberdade.

– Cumprindo livremente a vontade do Proletariado.

– E vox proletariatus, vox Diaboli.

– Sendo que, naturalmente, vox Diaboli, vox Ecclesiae.

– E nós somos os representantes da Igreja.

– Aí está.

– Mas eu estou farta de cemitérios – a rapariga insiste. – Eu gostaria de desenterrar coisas vivas, para variar.

Há um breve silêncio. Depois o assistente especial do Grande Inquisidor inclina-se para a frente e, de sob a sua cadeira, faz surgir um enorme vergalho consagrado, que depõe diante de si sobre a mesa. Depois dirige-se aos seus subordinados.

– Corrijam-me se eu estiver errado – diz ele.

– Mas a minha impressão é que todo o vaso que rejeite a liberdade proletária é passível de 25 açoites por todos e cada um de tais delitos.

Segue-se novo silêncio. Pálida e com os olhos muito abertos, Loola fita o instrumento de tortura, depois desvia o olhar, faz um esforço para falar, sente que a voz lhe falta e, engolindo em seco, tenta outra vez.

– Eu não quero resistir – consegue balbuciar.

– Eu quero ser livre.

– Livre para continuar minerando cemitérios?

Ela faz que sim com a cabeça.

– Eis aí um bom vaso! – diz o assistente especial.

Loola volta-se para o Dr. Poole e, por alguns segundos, eles se olham nos olhos sem falar.

– Adeus, Alfie – ela sussurra por fim.

– Adeus, Loola.

Passam-se mais dois segundos; depois ela baixa os olhos e parte.

– E agora – diz o assistente especial ao Dr.

Poole – voltando ao que interessa: em épocas normais, como eu ia dizendo, você deveria dispor de não mais que dois operários. Estou sendo claro?

O Dr. Poole inclina a cabeça, concordando.

Fusão para um laboratório onde outrora os segundanistas da Universidade do Sul da Califórnia se dedicavam ao estudo da Biologia Elementar. Lá estão as pias e mesas usuais, bicos de Bunsen e balanças, gaiolas para camundongos e cobaias, tanques de vidro para rãs. Mas a poeira cobre tudo numa camada espessa e, espalhados pela peça, vêem-se uma meia dúzia de esqueletos, envolvidos ainda por restos esfrangalhados de calças e suéteres, de meias de náilon, berloques femininos e peças de lingerie.

A porta se abre e entra o Dr. Poole, seguido do diretor do Abastecimento, um homem idoso, de barba grisalha, vestindo calças de estamena, o avental regulamentar e uma casaca de aba

cortada que deve ter pertencido ao mordomo inglês de algum produtor de cinema do século XX.

– Um pouco desarrumado, receio – observa o diretor em tom de desculpa. – Mas eu vou mandar retirar os ossos esta tarde e amanhã os vasos faxineiros poderão espanar as mesas e lavar o chão.

– Perfeitamente – assente o Dr. Poole –, perfeitamente.

Fusão para a mesma sala uma semana mais tarde.

Os esqueletos foram removidos e, graças aos vasos faxineiros, os pisos, paredes e móveis estão quase limpos.

O Dr. Poole tem três ilustres visitantes. Ostentando os seus quatro cornos e o hábito pardo anglonúbio da Sociedade de Moloque, o Arquivigário está sentado ao lado do Chefe, que traja o uniforme profusamente condecorado de um vice-almirante da Marinha dos Estados Unidos, recentemente exumado de Forest Lawn. A uma respeitosa distância à retaguarda e para um lado dos dois cabeças da Igreja e do Estado, senta-se o diretor do Abastecimento, ainda travestido de mordomo. Diante deles, na postura de um acadêmico francês que se prepara para ler a sua última produção ante um auditório seletos e privilegiado, está sentado o Dr. Poole.

– Posso começar? – pergunta ele.

Os cabeças da Igreja e do Estado trocam um olhar; depois voltam-se para o Dr. Poole e simultaneamente acenam o seu assentimento. Ele abre o seu caderno de notas e ajusta os óculos.

– Notas sobre a Erosão do Solo e a Patologia das Plantas no Sul da Califórnia – lê alto. – Seguido de um Relatório Preliminar sobre a Situação Agrícola e de um Plano de Ação Reparadora para o Futuro.

Por Alfred Poole, D. Sc., professor-assistente de Botânica da Universidade de Auckland.

Enquanto ele lê, dissolvemos para uma vertente entre os contrafortes das montanhas de São Gabriel.

Nu, exceto por um ou outro cacto, o terreno pedregoso estende-se morto e escalavrado sob os raios do sol.

Uma trama de ravinas ramificadas sulca a encosta.

Algumas ainda estão na infância da erosão, outras cavaram seu caminho profundamente no solo. As ruínas de uma sólida casa, metade da qual já afundou, sustêm-se em precário equilíbrio na orla de um desses canyons estranhamente recortados. Na planície, ao pé da colina, nogueiras mortas emergem da lama ressequida em que chuvas sucessivas as soterraram.

Durante a seqüência ouve-se o zumbido sonoro da voz do Dr. Poole.

– Na verdadeira simbiose – ele está dizendo – existe uma relação mutuamente benéfica entre dois organismos associados. A característica peculiar do parasitismo, ao contrário, é que um organismo vive às expensas de outro. Ao cabo, essa relação unilateral resulta fatal para ambas as partes; pois a morte do hospedeiro não pode senão redundar na morte do parasita que o matou. A relação entre o homem moderno e o planeta do qual, até tão recentemente, ele se considerou o senhor, não foi a de parceiros simbióticos, mas a que existe entre a tênia e o cão infestado, entre o fungo e a batata mangrada.

Corte para o Chefe. Dentro do seu ninho de negras barbas crespas, a boca de lábios vermelhos abriu-se num enorme bocejo. Fora da cena, o Dr. Poole continua a ler.

– Ignorando o fato óbvio de que a devastação dos recursos naturais iria, no final das contas, acarretar a ruína da sua civilização e até mesmo a extinção da sua espécie, o homem moderno continuou, geração após geração, a explorar a terra de uma maneira tal que...

– Você não podia encurtar essa história? – pergunta o Chefe.

O Dr. Poole começa por mostrar-se ofendido. De pois lembra-se de que é um prisioneiro condenado, posto à prova entre selvagens, e força um sorriso nervoso.

– Talvez fosse melhor – diz ele – se passássemos sem mais delongas à seção de Patologia das Plantas.

– Tanto faz – replica o Chefe – contanto que você encurte a história.

– A impaciência – flauteia o Arquivigário sentenciosamente – é um dos vícios favoritos de Belial.

Enquanto isso, o Dr. Poole virou três ou quatro páginas e está pronto para recomençar.

– Dadas as atuais condições do solo, a produção por acre seria anormalmente baixa, ainda que as principais plantas alimentícias fossem completamente sadias. Mas elas não são sadias. Depois de observar plantações no campo, depois de inspecionar grãos, frutos e tubérculos armazenados, depois de examinar espécimes vegetais a um microscópio de pré-Coisa quase em perfeito estado, posso afirmar com segurança que só existe uma explicação para a quantidade e variedade das doenças de plantas que grassam presentemente na área; a saber, contaminação deliberada das culturas por meio de bombas de fungos, aerossóis portadores de afídios e outros insetos transmissores de vírus. De outro modo, como explicar a prevalência e extrema virulência da *Giberella saubinettii* e da *Puccinia graminis*? Da *Phytophthora infestans* e do *Synchytrium endobioticum*? De todas as doenças de mosaico devidas a vírus? Do *Bacillus amylovorus*, do *Bacillus carotovorus*, do *Pseudomonas citri*, do *Pseudomonas tumefaciens*, do *Bacterium*...

Cortando o seu recitativo quase antes de começado, o Arquivigário o interrompe.

– E você ainda sustenta – diz ele – que essa gente não estava possessa por Belial! – Ele balança a cabeça. – E incrível como o preconceito pode cegar até mesmo os mais inteligentes, os mais cultos...

– Sim, sim, nós sabemos tudo isso – intervém o Chefe, impaciente. – Mas agora vamos deixar de lado a conversa fiada e tratar do que interessa. O que você pode fazer a respeito dessa coisa toda?

O Dr. Poole limpa a garganta.

– A tarefa – diz com grandiloquência – será demorada e extremamente árdua.

– Mas eu quero mais comida agora – diz o Chefe imperiosamente. – Tem que ser ainda este ano.

Um tanto apreensivo, o Dr. Poole vê-se forçado a explicar-lhe que as variedades resistentes, de plantas não podem ser cultivadas e experimentadas em menos de dez ou doze anos. E ao mesmo tempo existe o problema das terras; a erosão está destruindo as terras, tem de ser controlada a todo custo. Mas o trabalho de terraceamento, drenagem e adubação é colossal e terá de prosseguir infatigavelmente, ano após ano. Mesmo no passado, quando mão-de-obra e maquinaria eram abundantes, os homens não fizeram o que era necessário para preservar a fertilidade do solo.

– Não foi porque não pudessem – interpõe o Arquivigário. – Foi porque não quiseram. Entre a Segunda e a Terceira Guerra eles tiveram todo o tempo e todo o equipamento de que precisavam. Mas preferiram brincar com a política do poder, e quais foram as conseqüências? – Ele enumera as respostas nos dedos grossos. – Maior subnutrição para mais gente.

Maior intranqüilidade política. Resultando em nacionalismo e imperialismo mais agressivos. E finalmente a Coisa. E por que preferiram destruir-se a si mesmos?

Porque isso era o que Belial queria que fizessem, por que Ele se apoderara...

O Chefe levanta a mão.

– Por favor, por favor – protesta. – Isto não é um curso de Apologética nem de Diabologia Natural.

Nós estamos tentando fazer alguma coisa.

– E desgraçadamente essa coisa levará muito tempo – diz o Dr. Poole.

– Quanto tempo?

– Bem, em cinco anos seria possível deter a marcha da erosão. Em dez, já haveria uma melhora perceptível. Em vinte

anos, uma parte da terra poderia ter recuperado até uns setenta por cento da fertilidade primitiva. Em cinqüenta anos...

– Em cinqüenta anos – intervém o Arquivigário – a taxa de deformidade será o dobro do que é no presente. E em cem anos o triunfo de Belial será completo. Absolutamente completo! – repete com uma casquinada infantil. Faz o sinal dos cornos e se levanta da cadeira. – Entretanto, sou inteiramente a favor de que este cavalheiro faça tudo o que puder.

Fusão para o Hollywood Cemetery. Travelling dos mausoléus com que a nossa visita anterior ao campo-santo já nos familiarizou.

Meio plano próximo da estátua de Hedda Boddy.
A câmara desce da figura para o pedestal com sua inscrição.

“... carinhosamente apelidada a Namorada Pública Número Um. ‘Atrela o teu carro a uma estrela’.”

Simultaneamente ouve-se o ruído de uma sapa ao ser cravada no solo, depois o crepitar de areia e cascalho quando a terra é lançada para longe.

A câmara recua e vemos Loola metida numa cova de três pés de fundo, cavando aborrecidamente.

O som de passos fá-la erguer os olhos. Flossie, a jovem gorducha da seqüência precedente, entra na cena.

– Vai indo tudo bem? – pergunta.

Loola acena sem falar e enxuga a testa com as costas da mão.

– Quando você der na jazida – continua a gorducha – venha avisar-nos.

– Ainda vou levar pelo menos uma hora mais – diz Loola com voz desconsolada.

– Bem, vá tocando, menina – diz Flossie no tom irritantemente cordial de quem recita um refrão animador. – Dê tudo o que tem. Mostre-lhes que um vaso pode fazer tanto quanto um homem! Se você trabalhar direito – continua, em tom encorajador – talvez o superintendente deixe você ficar com as meias de náilon. Veja o par que eu arranjei hoje de manhã!

Ela tira do bolso os cobiçados troféus. A não ser por uma descoloração esverdeada em torno dos artelhos, as meias estão em perfeitas condições

– Oh! – exclama Loola com invejosa admiração.

– Mas não tivemos sorte nenhuma com as jóias – conta Flossie, guardando as meias. – Só uma aliança e uma droga dum braceletezinho. Esperemos que esta aqui não nos deixe na mão.

Ela dá uma palmada no estômago marmóreo da Namorada Pública Número Um.

– Bem, tenho de voltar – continua. – Nós estamos desenterrando o vaso que está debaixo daquela cruz de pedra vermelha. Você sabe, aquela grandona, perto do portão norte.

Loola faz que sim.

– Eu irei assim que der a primeira topada – diz ela.

Assobiando a melodia de “Quando contemplo os formidáveis cornos”, a gorducha retira-se da cena.

Loola suspira e recomeça a cavar.

Muito baixinho, uma voz pronuncia o seu nome.

Ela estremece com violência e volta-se para a direção de onde veio o som.

Plano médio, do seu ponto de vista, para o Dr. Poole, que vem saindo cautelosamente de trás da sepultura de Rodolfo Valentino.

Corte, voltando a Loola.

Ela enrubesce, depois empalidece mortalmente e leva a mão ao coração.

– Alfie – murmura.

Ele surge na cena, salta para dentro da cova junto dela e, sem uma palavra, toma-a nos braços. O beijo é apaixonado. Depois ela esconde a face no ombro dele.

– Eu pensei que nunca mais iria vê-la – diz com voz entrecortada.

– Que idéia você fazia de mim?

Ele a beija outra vez, depois segura-a pelos ombros e contempla-lhe o rosto.

- Por que está chorando? – pergunta.
- Não posso evitar.
- Você é ainda mais linda do que eu me lembrava.
- Ela sacode a cabeça, incapaz de falar.
- Sorria – ele ordena.
- Não posso.
- Sorria, sorria. Eu quero vê-las outra vez.
- Ver o quê?
- Sorria!

Com esforço, mas cheia de apaixonada ternura, Loola sorri para ele.

Nas suas faces, as covinhas emergem da longa hibernação da sua tristeza.

- Aí estão elas – grita ele deliciado –, aí estão elas!

Delicadamente, como um cego lendo Herrick em Braille, ele passa um dedo pelo rosto dela. Loola sorri com menos esforço, a covinha se aprofunda sob o toque. Ele ri de prazer.

No mesmo instante, a música assoviada de “Quando contemplo os formidáveis cornos” cresce de um distante pianíssimo através de um piano para mezzo forte.

Uma expressão de terror surge no semblante de Loola.

- Depressa, depressa! – sussurra ela.

Com espantosa agilidade o Dr. Poole barafusta para fora do buraco.

Quando a gorducha reaparece na cena, ele está encostado em atitude estudadamente casual contra o monumento à Namorada Pública Número Um. Abaixo dele, na cova, Loola cava como louca.

– Eu me esqueci de avisá-la de que vamos para o almoço daqui a meia hora – começa Flossie.

Depois, avistando o Dr. Poole, deixa escapar uma exclamação de surpresa.

- Bom dia – diz o Dr. Poole polidamente.

Há um silêncio. Flossie olha do Dr. Poole para Loola e de Loola para o Dr. Poole.

– O que é que você está fazendo aqui? – pergunta suspeitosamente.

– Estou a caminho de Santo Azazel – ele responde. – O Arquivigário enviou um recado convidando-me a assistir às suas três conferências para os seminaristas. Belial na História é o seu tema.

– Você escolheu um caminho muito esquisito para ir a Santo Azazel.

– Eu estava procurando o Chefe – explica o Dr. Poole.

– Bem, ele não está aqui – diz a gorducha.

Há um novo silêncio.

– Neste caso – diz o Dr. Poole – é melhor eu ir andando. Não devo desviar nenhuma das duas senhoritas de suas ocupações – acrescenta com vivacidade artificial e inteiramente inconvincente. – Até logo. Até logo.

Ele faz uma mesura para as duas jovens, depois, afetando um ar despreocupado, se afasta.

Flossie acompanha-o com o olhar, em silêncio, depois volta-se severamente para Loola.

– Escute aqui, menina – começa.

Loola pára de cavar e levanta os olhos de dentro da cova.

– O que é, Flossie? – pergunta com ar de cândida incompreensão.

– O que é? – a outra arremeda zombeteiramente. – Diga-me, o que é que está escrito no seu avental?

Loola olha para o avental, depois, vermelha de embaraço, de novo para Flossie. Seu rosto ruboriza-se de embaraço.

– O que é que está escrito nele? – insiste a gorducha.

– “Não!”

– E o que é que está escrito nessas etiquetas?

– “Não!” – repete Loola.

– E nas outras, quando você vira as costas?

– “Não!”

– Não, não, não, não, não – diz a gorducha enfaticamente. – E quando a Lei diz não, quer dizer não. Você sabe disso tão bem quanto eu, não sabe?

Loola acena que sim com a cabeça, sem falar.

– Diga que sabe – a outra insiste. – Diga.

– Sim, eu sei – balbucia Loola por fim, em voz quase inaudível.

– Bom. Então não vá dizer que não foi prevenida. E se aquele hot estrangeiro algum dia vier rondá-la outra vez, é só me dizer. Eu cuidarei dele.

Fusão para o interior de Santo Azazel. Outrora a igreja de Nossa Senhora de Guadalupe, Santo Azazel só passou por alterações muito superficiais. Nas capelas, as imagens em gesso de São José, da Madalena, de Santo Antônio de Pádua e de Santa Rosa de Lima foram simplesmente pintadas de vermelho e equipadas com chifres. Sobre o altar-mor nada foi mudado, com exceção do crucifixo, que foi substituído por um par de enormes cornos esculpidos em madeira de cedro e ornamentados com uma profusão de anéis, relógios de pulso, braceletes, correntes, brincos e colares, desenterrados dos cemitérios ou encontrados de mistura com velhos ossos e com restos esfarelados de escrínios.

Na nave da igreja, cerca de cinqüenta seminaristas em hábitos de Toggenberg – com o Dr. Poole destoantemente barbudo e num casaco de tweed no centro da primeira fila – estão sentados e cabisbaixos enquanto, do púlpito, o Arquivigário pronuncia as palavras finais do seu sermão:

– Pois assim como na Ordem das Coisas todos poderiam, se o tivessem desejado, ter vivido, assim também em Belial todos foram, ou serão, inevitavelmente, condenados a morrer. Amém.

Há um silêncio prolongado. Depois o mestre dos noviços se levanta. Com um grande roçar de peles, os seminaristas o acompanham e põem-se a caminhar, dois a dois e com o mais perfeito decoro, em direção à porta ocidental.

O Dr. Poole prepara-se para segui-los, quando ouve uma voz aguda e infantil chamá-lo pelo nome.

Voltando-se, vê o Arquivigário a acenar de sobre os degraus do púlpito.

– Então, o que achou da preleção? – guincha o grande homem, ao aproximar-se o Dr. Poole.

– Muito boa.

– Sem lisonja?

– Verdadeira e sinceramente.

O Arquivigário sorri satisfeito.

– Folgo em ouvi-lo – diz ele.

– Gostei especialmente do que o senhor disse a respeito da religião nos séculos XIX e XX: o recuo de Jeremias para o Livro dos Juízes, do pessoal e portanto universal para o nacional e portanto homicida.

O Arquivigário assente.

– Sim, foi por um triz – diz ele. – Se tivessem ficado no pessoal e no universal, teriam estado em harmonia com a Ordem das Coisas, e o Senhor das Moscas estaria liquidado. Mas felizmente Belial teve aliados em quantidade: as nações, as igrejas, os partidos políticos. Ele se aproveitou dos seus preconceitos. Explorou as suas ideologias. Ao tempo em que foi produzida a bomba atômica. Ele tinha os homens de volta ao estado mental anterior a 900 a.C.

– E depois – diz o Dr. Poole – gostei do que o senhor disse sobre os contatos entre o Oriente e o Ocidente, de como Ele persuadiu cada lado a aceitar somente o pior do que o outro tinha para oferecer.

Assim o Oriente adota o nacionalismo ocidental, os armamentos acidentais, o cinema ocidental e o marxismo ocidental; o Ocidente adota o despotismo oriental, as superstições orientais e a oriental indiferença para com a vida do indivíduo. Numa palavra, Ele cuidou de que a humanidade combinasse o pior dos dois mundos.

– Imagine se tivessem combinado o melhor! – guincha o Arquivigário. – O misticismo oriental assegurando que a ciência do Ocidente fosse adequadamente aplicada; a arte de viver oriental refinando a energia ocidental; o individualismo ocidental temperando o totalitarismo oriental. – Ele meneia a cabeça com piedoso horror. – Ora, teria sido o reino dos céus. Felizmente a graça de Belial era mais forte que a graça do Outro.

Ele ri estridentemente; depois, descansando a mão no ombro do Dr. Poole, dirige-se com ele para a sacristia.

– Sabe de uma coisa, Poole – diz ele –, eu o tenho em grande apreço. – O Dr. Poole murmura o seu embaraçado reconhecimento.

– Você é inteligente, é instruído, sabe toda espécie de coisas que nós jamais aprendemos. Você me poderia ser muito útil e eu, por minha vez, poderia ser muito útil a você; isto é – acrescenta – se você viesse a tornar-se um dos nossos.

– Um dos vossos? – repete o Dr. Poole dubitativamente.

– Sim, um dos nossos.

A compreensão desponta num expressivo primeiro plano do rosto do Dr. Poole. Ele deixa escapar um consternado “Oh!”.

– Eu não lhe esconderei – diz o Arquivigário – que a cirurgia envolvida não é totalmente indolor nem de todo isenta de perigo. Mas as vantagens auferidas em abraçar o sacerdócio seriam de tal monta que supercompensariam qualquer insignificante risco ou desconforto. E não devemos esquecer...

– Mas, Eminência... – protesta o Dr. Poole.

O Arquivigário levanta uma mão nédia e úmida.

– Um momento, por favor – exclama severamente.

Sua expressão é de tal modo proibitiva que o Dr. Poole se dá pressa em desculpar-se.

– Queira perdoar.

– Perdoado, meu caro Poole, perdoado.

Uma vez mais o Arquivigário é todo afabilidade e condescendência.

– Bem, como eu ia dizendo – continua – não devemos esquecer que, passando pelo que podemos chamar uma conversão fisiológica, você seria preservado de todas as tentações a que, como macho não mutante, estará com toda certeza exposto.

– Sem dúvida, sem dúvida – concorda o Dr. Poole. – Mas posso afiançar-lhe...

– No que diz respeito a tentações – afirma o Arquivigário sentenciosamente – ninguém pode afiançar coisa alguma a ninguém.

O Dr. Poole recorda a recente entrevista com Loola no cemitério e sente-se ruborizar.

– Não será uma afirmação um tanto radical? – replica sem muita convicção.

O Arquivigário sacode a cabeça. – Nesses assuntos – diz ele – nunca se pode

ser radical demais. E permita-me lembrar-lhe o que sucede aos que sucumbem a tais tentações. Os vergalhos e a esquadra de enterro estão sempre de prontidão. E é por isso que, no seu próprio interesse, pela sua futura felicidade e paz de espírito, eu lhe aconselho (e mais, eu lhe rogo e imploro) que ingresse na nossa Ordem.

Há um silêncio. O Dr. Poole engole em seco.

– Eu gostaria de ter tempo para pensar no assunto – diz por fim.

– Naturalmente, naturalmente – o Arquivigário concorda. – Não há pressa. Tem uma semana para pensar.

– Uma semana? Não creio poder decidir em uma semana.

– Duas semanas – diz o Arquivigário e, como o Dr. Poole continue abanando a cabeça: – Quatro – ajunta –, seis, se quiser. Eu não tenho pressa. É só por você que eu me preocupo. – Ele bate no ombro do Dr. Poole. – Sim, meu caro amigo, por você.

Fusão para o Dr. Poole trabalhando no seu horto experimental, a transplantar mudas de tomateiros. Quase seis semanas transcorreram. Sua barba castanha está

consideravelmente mais luxuriante, o casaco de tweed e as calças de flanela consideravelmente mais sujos do que quando o vimos da última vez. Ele veste uma camisa parda de estamemha e mocassins de manufatura local.

Quando a última de suas plantinhas está no solo, ele se endireita, distende-se, esfrega as costas doloridas, depois caminha devagar até o extremo da horta e deixa-se ficar imóvel, contemplando o panorama.

Num plano geral vemos, como se através dos seus olhos, uma vasta perspectiva de fábricas desertas e casas desmoronadas, emolduradas a distância por uma cadeia de montanhas que retrocede, crista após crista, em direção a leste. As sombras são poças de anil, e na luz ricamente dourada os detalhes mais remotos destacam-se nítidos, minúsculos e perfeitos, como as imagens de objetos num espelho convexo. No primeiro plano, delicadamente cinzeladas e pontilhadas pela luz quase horizontal, mesmo as manchas mais nuas de terra crestada revelam uma insuspeitada suntuosidade de textura.

NARRADOR

Há ocasiões, e esta é uma delas, em que o mundo parece propositadamente belo, em que é como se uma inteligência nas coisas resolvesse de repente tornar manifesta, para todos os que se dispõem a ver, a realidade sobrenatural que se oculta no fundo de todas as aparências.

O Dr. Poole move os lábios, e nós captamos o leve murmúrio de suas palavras:

For love and beauty and delight
There is no death nor change; their might
Exceeds our organs, which endure
No light, being themselves obscure.¹

¹ *Para o amor, a beleza e o prazer/ não há morte ou mutação;
o seu poder/ excede os nossos órgãos, que não suportam/ a luz, sendo
eles próprios obscuros. (P. B. Shelley – The Sensitive Plant.) (N. do T.)*

Ele gira nos calcanhares e encaminha-se de volta à entrada o horto. Antes de abrir o portão, olha cautelosamente em torno. Não há sinal de qualquer observador hostil. Tranqüilizado, esgueira-se para fora e quase em seguida dobra uma senda sinuosa entre dunas. Mais uma vez seus lábios se movem:

I am the Earth,
Thy mother; she within whose stony veins
To the last fibre of the loftiest tree,
Whose'thin leaves trembled in the frozen air,
Joy ran, as blood vithin a living franc,
When thou didst from her bosom, like a cloud
Of glory, arise, a spirit of keen joy.¹

Do atalho o Dr. Poole desemboca numa rua flanqueada de pequenas vivendas, cada qual com sua garagem e cada qual cercada pelo espaço árido que foi outrora um jardim com gramados e flores.

– “Um espírito de vívida alegria” – ele repete, depois suspira e balança a cabeça.

NARRADOR

Alegria? Mas a alegria foi há muito assassinada. Somente sobrevive o gargalhar de demônios em torno dos postes de martírios, o uivar dos possessos a copular nas trevas. A alegria só existe para aqueles cuja vida harmoniza com a Ordem criada do mundo. Para vós, os iluminados que pensais poder melhorar, essa Ordem, para vós, os enfurecidos, os rebeldes, os desobedientes, a alegria está se tornando rapidamente uma estranha. Os que são condenados a sofrer as conseqüências dos vossos desatinos

jamais suspeitarão sequer a sua existência. Amor, Alegria e Paz – estes são os frutos do espírito que é a vossa essência e a essência

¹ Eu sou a Terra,/tua mãe; aquela em cujas veias de pedra,/até a última fibra da mais altaneira árvore,/cujas folhas tênues tremiam no ar gelado,/a alegria fluíu, como o sangue num organismo vivo,/ quando tu do teu seio, como uma nuvem/de glória, ascendeste, um espírito de vívida alegria. (P. B. Shelley – Prometheus Unbound, 1.º ato.) (N. do T.)

do mundo. Porém os frutos da mente do macaco, os frutos da simiesca presunção e rebeldia, são o ódio, incessante inquietação e um desespero crônico temperado somente por delírios ainda mais terríveis do que ele próprio.

O Dr. Poole, entretanto, prossegue em seu caminho.

– The world is full of woodmen – diz ele para si mesmo.
The world is full of woodmen, who expel Love's gentle dryads from the trees of life And vex the nightingales in every dell.²

NARRADOR

Lenhadores com machados, matadores de dríades com facas, atormentadores de rouxinóis com escalpelos e tesouras cirúrgicas.

O Dr. Poole estremece e, como quem se sente acossado por uma presença maligna, estuga o passo. Súbito detém-se e mais uma vez olha em torno.

NARRADOR

Numa cidade de dois milhões e meio de esqueletos, a presença de uns poucos milhares de viventes é dificilmente perceptível. Nada se move. O silêncio é total, em meio a todas

essas pequenas e confortáveis ruínas burguesas, parece consciente e, de um certo modo, conspiratório.

² *O mundo está cheio de lenhadores, que expulsam/as gentis dríades do amor das árvores da vida/e atormentam os rouxinóis em cada gruta. (P. B. Shelley – The Woodman and the Nightingale.) (N. do T.)*

Com as pulsações aceleradas pela esperança e pelo temor da decepção, o Dr. Poole deixa a estrada e envereda apressadamente pela calçada que conduz à garagem do número 1993. Pendendo das dobradiças enferrujadas, as folhas da porta dupla acham-se entreabertas. Ele desliza por entre elas para a penumbra bolorenta. Através de um orifício na parede ocidental da garagem, uma delgada réstia do sol poente revela a roda dianteira esquerda de um Chevrolet Sedan Super de Luxe de quatro portas e, no chão junto dela, dois crânios, um de adulto, o outro evidentemente de criança.

O Dr. Poole abre a única das quatro portas que não está emperrada e escruta a escuridão do interior.

– Loolal!

Ele entra no carro, senta-se ao lado dela sobre o estofamento apodrecido do assento traseiro e toma-lhe a mão nas suas.

– Querida!

Ela o fita sem falar. Nos seus olhos há uma expressão de quase terror.

– Então você conseguiu escapar?

– Mas Flossie ainda está desconfiada.

– Flossie que se dane! – diz o Dr. Poole num tom que pretende ser despreocupado e tranquilizador.

– Ela ficou fazendo perguntas – Loola continua. – Eu disse a ela que ia sair para procurar agulhas e talheres.

– Mas a única coisa que você encontrou foi este seu criado.

Ele lhe sorri ternamente e leva-lhe a mão aos lábios; mas Loola sacode a cabeça.

– Alfie... por favor!

Seu tom é uma súplica. Ele lhe abaixa a mão sem beijá-la.

– Mas você ainda me ama, não é verdade?

Ela o encara com olhos muito abertos, medrosa e indecisa, depois vira o rosto.

– Não sei, Alfie, não sei.

– Pois eu sei – diz o Dr. Poole com firmeza.

– Eu sei que a amo. Sei que quero estar junto de você.

Para sempre. Até que a morte nos separe – acrescenta com todo o fervor de um sensual introvertido subitamente convertido à objetividade e à monogamia.

Loola sacode a cabeça outra vez.

– Tudo o que eu sei é que não devia estar aqui.

– Mas isso é tolice!

– Não, não é. Eu não devia estar aqui agora.

Não devia ter vindo das outras vezes. E contra a Lei.

É. contra tudo o que as pessoas pensam. É contra Ele – ajunta após uma pausa momentânea. Uma expressão torturada contrai-lhe o rosto. – Mas então por que é que Ele me fez de tal modo que eu pudesse sentir o que sinto por você? Por que é que Ele me fez igual a esses... a esses... – Ela não consegue decidir-se a pronunciar a palavra execrada. – Eu conheci um deles – prossegue em voz baixa. – Ele era gentil... quase tão gentil como você. E eles o mataram.

– Que adianta ficar pensando nos outros? – torna o Dr. Poole. – Pensemos em nós. Pensemos em como podemos ser felizes, em como fomos felizes dois meses atrás. Você se lembra. O luar... E como era escuro nas sombras! E na alma um perfume agreste é percebido além dos sentidos...

– Mas nós não estávamos agindo mal então.

– Nós não estamos agindo mal agora.

– Não, não, agora é muito diferente.

– Não é diferente. – insiste ele. – Eu não sinto nada diferente do que sentia então. E nem você.

– Eu sim – ela protesta, alto demais para exprimir convicção.

– Não, não sente.

– Sinto, sim.

– Não sente. Você mesma acaba de dizer. Você não é como o resto dessa gente, graças a Deus!

– Alfie!

Ela faz um sinal dos cornos propiciatório.

– Eles se transformaram em animais – ele continua. – Você não. Você ainda é um ser humano, um ser humano normal, com sentimentos humanos normais.

– Não sou.

– Sim, você é.

– Não é verdade – ela geme. – Não é verdade.

Ela cobre o rosto com as mãos e põe-se a chorar.

– Ele vai me matar – soluça.

– Quem vai matá-la?

Loola levanta a cabeça e olha ansiosa por cima do ombro, através do vidro traseiro do carro.

– Ele. Ele sabe tudo o que fazemos, tudo o que pensamos ou sentimos.

– Talvez saiba – admite o Dr. Poole, cujas opiniões liberal-protestantes acerca do Demônio mudaram consideravelmente no decorrer das últimas semanas.

– Mas se nós sentimos e pensamos e fazemos o que é certo, Ele não nos pode fazer mal.

– Mas o que é o certo? – pergunta ela.

Durante um ou dois segundos ele sorri para ela sem falar.

– Aqui e agora – diz por fim –, o certo é isto.

Ele desliza um braço em torno dos ombros dela e a puxa para si.

– Não, Alfie, não!

Tomada de pânico, ela tenta libertar-se; mas ele a segura com firmeza.

– Isto é que é o certo – repete. – Talvez não o seja sempre e em todos os lugares. Mas aqui e agora, é, sem dúvida nenhuma.

Ele fala com a força e autoridade da plena convicção. Jamais em toda a sua vida incerta e dividida ele pensou tão claramente ou agiu com tanta decisão.

Loola de súbito deixa de resistir.

– Alfie, você tem certeza de que é certo? Certeza absoluta?

– Absoluta – ele responde do fundo da sua nova, auto-assertiva experiência. Muito carinhosamente, ele lhe afaga os cabelos.

– “Uma forma mortal” – sussurra – “revestida de amor e vida e luz e divindade. Uma Metáfora de Primavera e Juventude e Amanhecer, uma Visão como encarnado Abril.”

– Continue – ela cicia.

Suas pálpebras estão cerradas, a face tem aquela expressão de sobrenatural serenidade que se vê na face dos mortos.

O Dr. Poole recomeça:

And we will talk, until thought's melody
Become too sweet for utterance, and it die
In words, to live again in looks, which dart
With thrilling tone into the voiceless heart,
Harmonizing silence without a sound.
Our breath shall intermix, our bosoms bound
And our veies beat together, and our lips
With other eloquence than words, eclipse
The soul that burns between them, and the wells
Which boil under our being's inmost cells,
The fountains of our deepest life, shall be
Confused in Passion's golden purity;
As mountain springs under the morning sun,
We shall become the same, me shall be one
Spirit within two frames, oh! wherefore two? ¹

Há um longo silêncio. De repente Loola abre os olhos, fita-o intensamente por alguns instantes, depois lança-lhe os braços ao pescoço e beija-o apaixonadamente na boca. Mas assim que ele a cinge mais estreitamente, ela se aparta e recua para o extremo do assento.

Ele tenta aproximar-se mas ela o detém com os braços estendidos.

– Isto não pode ser certo – diz ela.

– Mas é.

Ela sacode a cabeça.

– E, bom demais para ser certo, eu seria feliz demais se fosse. Ele não quer que sejamos felizes.

– Há uma pausa. – Por que você diz que Ele não nos pode fazer mal?

¹ *E n6s havemos de falar, até que a melodia do pensamento/ seja doce demais para ser enunciada, e morra/ nas palavras para reviver em olhares, que penetram/ com vibrante tom o coração emudecido,/ enchendo de harmonia o silêncio sem um som./ Nossos hálitos hão de misturarse, nossos peitos saltarão,/ nossas veias pulsarão juntas, nossos lábios/ com outra eloquência que não a das palavras, eclipsarão/ a alma que queima entre eles, e os mananciais/ que fervem sob as células mais íntimas do nosso ser,/ as fontes da nossa vida mais profunda, hão de/ confundirse na dourada pureza da Paixão;/ como nascentes das montanhas sob o sol da aurora,/ n6s seremos o mesmo, n6s seremos um/ espírito em dois corpos, oh! por que dois? (P. B. Shelley – *Epipsychidion*, vv. 560574.) (N. do T.)*

– Porque existe algo mais forte do que Ele.

– Algo mais forte? – Ela sacode a cabeça.

– Foi contra isso que Ele sempre lutou... e Ele venceu.

– Somente porque as pessoas O ajudaram a vencer. Mas elas não precisam ajudá-lo. E, lembre-se, Ele não pode jamais vencer para sempre.

– Por que não?

– Porque Ele nunca pode resistir à tentação de levar o mal até ao limite. E toda vez que o mal é levado até ao limite, ele

destrói-se a si mesmo. Após o que, a Ordem das Coisas retorna à superfície.

– Mas isso será num futuro distante.

– Para o mundo inteiro, sim. Mas não para indivíduos isolados, não para você ou para mim, por exemplo. O que quer que Belial possa ter feito com o resto do mundo, você e eu poderemos sempre agir de acordo com a Ordem das Coisas, e não contra ela.

Segue-se outro silêncio.

– Eu não entendo muito bem o que você diz – ela fala por fim – mas não me importa. – Ela volta a aproximar-se dele e reclina a cabeça no seu ombro.

– Nada mais me importa – continua. – Ele pode matar-me, se quiser. Não faz mal. Agora não faz mal.

Ela ergue o rosto para o dele e, enquanto ele se inclina para beijá-la, a imagem na tela se desvanece na escuridão de uma noite sem lua.

NARRADOR

L'ombre était nuptiale, auguste et solennelle. Mas desta vez é uma treva nupcial cuja solenidade não é perturbada por miados, nem por Liebestods, nem por saxofones a implorar detumescência. A música de que esta noite é carregada é clara, mas não descritiva; precisa e definida, mas sobre realidades sem nome; envoltivamente líquida, mas jamais viscosa, jamais com a mais leve tendência para grudar-se possessivamente ao que toca e compreende. Uma música com o espírito da de Mozart, delicadamente jovial por entre as constantes implicações de tragédia; uma música afim com a de Weber, aristocrática e refinada, e todavia capaz da mais descuidosa alegria e do mais completo sentimento da angústia do mundo. E haverá talvez um vislumbre daquilo que, no Ave Verum Corpus, no Quinteto em Sol menor, está além do mundo de Don Giovanni? Haverá já um vislumbre daquilo que (em Bach, algumas vezes, e em Beethoven,

naquela plenitude final da arte que se compara à santidade) transcende a integração romântica do trágico e do exultante, do humano e do demoníaco? E quando, nas sombras, a voz do amante sussurra uma vez mais sobre uma forma mortal revestida de amor e vida e luz e divindade, haverá já o princípio de uma compreensão de que para além do Epipsychidion existe Adonais e para além de Adonais, a doutrina sem palavras dos Puros de Coração?

Fusão para o laboratório do Dr. Poole. A luz do sol derrama-se pelas janelas altas e põe um reflexo ofuscante no tubo de aço inoxidável do microscópio sobre a mesa de trabalho. A peça está vazia.

De repente o silêncio é quebrado pelo som de passos que se aproximam; a porta se abre e, ainda um mordomo em mocassins, o diretor do Abastecimento espia para dentro.

– Poole – ele começa –, Sua Eminência está aí para...

Ele se interrompe e uma expressão de espanto desenha-se em seu rosto.

– Ele não está aqui – diz ele ao Arquivigário, que agora o acompanha para dentro da sala.

O grande homem volta-se para os dois familiares que o assistem.

– Vão ver se o Dr. Poole está no horto experimental – ordena.

Os familiares se inclinam, guincham “Sim, Eminência” em uníssono, e saem.

O Arquivigário toma assento e benevolmente acena ao diretor para que lhe siga o exemplo.

– Eu creio que não lhe contei – diz ele – que estou tentando persuadir o nosso amigo aqui a abraçar a religião.

– Espero que Vossa Eminência não esteja pretendendo privar-nos da sua inestimável colaboração no campo da produção de alimentos – diz o diretor ansiosamente.

O Arquivigário o tranqüiliza.

– Eu cuidarei que ele tenha sempre tempo para dar-lhe os pareceres que forem necessários. Mas, entretanto, quero assegurar que a Igreja se beneficie dos seus talentos e...

Os familiares reentram na sala e se curvam.

– E então?

– Ele não se encontra no horto, Eminência.

O Arquivigário franze colericamente o sobrolho para o diretor, que titubeia sob o seu olhar.

– Se não me engano, o senhor me disse que hoje era dia de ele trabalhar no laboratório?

– Com efeito, Eminência.

– Então por que ele não está aqui?

– Não posso imaginar, Eminência. Nunca soube que ele mudasse o seu horário sem comunicar-me.

Há um silêncio.

– Não me agrada – diz por fim o Arquivigário.

– Não me agrada nem um pouco. – Ele se vira para os familiares:

– Voltem correndo para a base e mandem meia dúzia de homens a cavalo à sua procura.

Os familiares se inclinam, guincham simultaneamente e desaparecem.

– E quanto ao senhor – diz o Arquivigário, voltando-se para a pálida e abjeta figura do diretor – se alguma coisa tiver acontecido, o senhor terá de explicar-se.

Ele se levanta com ira majestosa e encaminha-se a grandes passadas para a porta.

Fusão para uma série de planos de montagem.

Loola com seu embornal de couro e o Dr. Poole com uma mochila militar de pré-Coisa às costas estão escalando um desmoronamento que bloqueia uma daquelas rodovias soberbamente construídas, cujos restos ainda sulcam como cicatrizes os flancos das montanhas de São Gabriel.

Corte para uma crista varrida pelo vento. Os dois fugitivos contemplam embaixo a enorme extensão do deserto Mojave.

Em seguida encontramos-nos numa floresta de pinheiros na vertente norte da serra. É noite. Numa mancha de luar entre as árvores, o Dr. Poole e Loola dormem sob o mesmo grosseiro cobertor.

Corte para um canyon rochoso, ao fundo do qual corre uma torrente. Os amantes fizeram uma parada para beber e encher os seus cantis.

E agora estamos nos contrafortes acima da superfície do deserto. Por entre as touceiras de salvas, iúcas e zimbros a caminhada é fácil. O Dr. Poole e Loola entram na cena e a câmara os acompanha enquanto eles descem a passos largos a pendente.

– Pés doloridos? – pergunta ele sollicitamente.

– Não muito.

Ela lhe dirige um sorriso corajoso e sacode a cabeça.

– Eu acho bom pararmos daqui a pouco e comeremos qualquer coisa.

– Como você achar melhor, Alfie.

Ele puxa do bolso um velho mapa e o estuda enquanto continua a caminhar.

– Estamos ainda a umas boas trinta milhas de Lancaster – diz ele. – Oito horas de caminhada. Precisamos poupar nossas forças.

– E até onde chegaremos amanhã? – pergunta Loola.

– Um pouco além do Mojave. E pelas minhas contas levaremos pelo menos dois dias para cruzar o Tehachapis e chegar a Bakersfield. – Ele torna a guardar o mapa no bolso. – Consegui arrancar uma porção de informações do diretor – continua. – Diz ele que essa gente do norte recebe muito bem os fugitivos do sul da Califórnia. Não os entregam, mesmo que o governo lhes solicite oficialmente.

– Graças a Bel... graças a Deus – diz Loola.

Há um novo silêncio. De repente Loola estaca.

– Olhe! O que é aquilo?

Ela aponta e, do seu ponto de vista, vemos ao pé de um cacto muito alto uma laje de concreto corroída pelo tempo, plantada obliquamente à cabeceira de uma antiga sepultura, recoberta de festucas e trigo sarraceno.

– Alguém deve ter sido enterrado aqui – diz o Dr. Poole.

Eles se aproximam e, num plano próximo da lápide, vemos, enquanto a voz do Dr. Poole lê alto, a seguinte inscrição:

WILLIAM TALLIS 1882 – 1948

Why linger, why turn back, why shrink, my Heart?
Thy hopes are gone before: from ali things here
They have departed, thou shouldst now depart! ¹

Corte, voltando aos dois amantes.

– Ele deve ter sido um homem muito triste – diz Loola.

– Talvez não tão triste quanto você imagina – replica o Dr. Poole, desembaraçando-se da pesada mochila e sentando-se junto ao túmulo.

E enquanto Loola abre o seu farnel e retira pão, frutas, ovos e tiras de carne seca, ele vira as páginas do seu in-duodecimo de Shelley.

– Aqui está – diz por fim. – É, a estância imediatamente seguinte a esta que é citada aqui.

That Light whose smile kindles the Universe
That Beauty in which all things work and move
That Benediction, which the eclipsing Curse
Of birth can quench not, that sustaining Love
Which through the web of being blindly move
By man and beast and earth and air and sea,
Burns bright or dim, as each are mirrors of
The fire for which all thirst, now beams on me
Consuming the last clouds of cold mortality ²

¹ *Por que hesitar, por que volve-se, por que relutar, meu Coração?/Tuas esperanças já se foram; de todas coisas aqui/elas partiram, agora dev s tu partir! (P. B. Shelley – Adonais, est. LIII.) (N. do T.)*

² *Essa luz cujo sorriso anima o Universo,/essa Beleza em que tudo age e se move,/essa Bênção que a Maldição/do nascimento não pode sufocar, esse Amor inextinguível,/que através da trama do ser, cegamente tecida/pelo homem, pela besta, pela terra, pelo ar e pelo mar,/arde brilhante ou débil, pois cada qual é o espelho/da chama por que todos anseiam, fulge agora sobre mim,/consumindo as derradeiras nuvens da fria mortalidade. (P. B. Shelley – Adonais, est. LIV.) (N. do T.)*

Há um silêncio. Depois Loola lhe estende um ovo cozido. Ele o estala de encontro à lápide e, ao descascá-la, espalha os fragmentos brancos da casca sobre a tumba.

FIM

Aldous Huxley, bem conhecido no Brasil através de mais de uma dúzia de volumes traduzidos, tem sido apontado pela crítica mundial como um dos escritores mais inteligentes deste século. Dono de uma erudição notável, psicólogo sagaz e estilista exímio, espírito inquieto e versátil empenhado numa experimentação constante de novas concepções e de novas formas de expressão, abarca em sua obra os mais variados gêneros literários: o conto e o romance, o ensaio filosófico, a biografia e a crítica, a poesia e o drama.

Em todos eles revela-se sempre antes de tudo o pensador que escreve premido pela urgência de transmitir-nos a sua compreensão dos grandes problemas humanos. É nos seus ensaios que vamos encontrar condensada a essência da sua dialética. Não obstante, de tal modo se combinam nele a profundidade do filósofo com o virtuosismo do artista e com a riqueza da imaginação criadora, que é sem dúvida por meio da ficção, onde a visão trágica do mundo se traduz num humorismo amargo mas repleto de sensibilidade, que ele se afirma em toda a sua plenitude como uma das mais fascinantes personalidades da literatura moderna.

O macaco e a essência, publicado pela primeira vez nos Estados Unidos em 1948, é um dos produtos mais característicos da fantasia huxleyana e uma pequena obra-prima de estilo, engenhosidade e força dramática.

O tema e a tese não são novos. Desde os tempos bíblicos, boas têm-se empenhado em construir visões do futuro. Mas é particularmente esta nossa era de transformações vertiginosas – com o espantoso progresso técnico-científico dos últimos cem anos, com as novas ideologias que dele derivaram, com a revolução dos hábitos de vida e de pensamento e dos valores estabelecidos – que supre as mais insólitas matérias para as especulações em torno do porvir. Hoje, mais do que nunca, pensadores de todas as escolas, seja pela análise friamente discursiva, seja em vôos de fantasia, procuram seguir as linhas da evolução da espécie humana até um desfecho cuja natureza

prevista varia, conforme o temperamento e as inclinações de cada profeta, desde o reinado da Utopia, desde a conquista de uma nova Idade de Ouro, até a auto-aniquilação da raça, até a consumação do Juízo Final.

Huxley, cujas previsões se incluem nesta última categoria, deu-nos conta, insistentemente, das suas profundas apreensões, e mostrou-se bom profeta quando, já na década dos 20, foi uma das primeiras vozes isoladas a agitar as questões que hoje mobilizam conservacionistas, naturistas, ecologistas e pacifistas, e a prever com notável precisão a onda de violência terrorista que avassala o mundo em escala sem precedentes. No gênero “romance do futuro” já nos abalou há mais de trinta anos, com o seu Admirável mundo novo, impressionante descrição de uma sociedade levada a uma nova forma de barbárie pelo culto desumanizante da máquina. Pessimista extremado, declara-se repetidamente incapaz de imaginar uma solução que desvie a história da humanidade de um epílogo fatal. A evolução dos acontecimentos desde então, e de modo especial a Segunda Grande Guerra, viriam não apenas reforçá-lo nessa convicção, como sugerir-lhe uma nova forma para o desenlace anunciado.

Em O macaco e a essência, que pode assim ser tomado por um sucessor do Admirável mundo novo, a ação se situa em princípios do século XXII, para expor a visão apocalíptica das ruínas de um mundo devastado, cento e tantos anos antes, pela Terceira Guerra Mundial, guerra que o emprego das armas atômicas e bacteriológicas reduziu a duração de três breves dias. O artifício de compor o enredo sob a forma de um roteiro cinematográfico constitui aqui um achado excelente, adaptando-se, por um lado, ao elemento fantástico do argumento, por outro permitindo o emprego da alegoria e de recursos próprios de uma arte essencialmente plástica e dinâmica, com o que se cria um autêntico processo de visualização.

O livro foi escrito em 1947, portanto sob a inspiração direta da comoção que os ecos das explosões de Hiroxima e Nagasáqui abalaram o mundo, assinalando o advento da Era Atômica. Não

admira que os vaticínios de Huxley atinjam aqui o auge do pessimismo, que o seu julgamento da natureza humana assuma uma violência sem precedentes, que a sua ironia culmine no gênero macabro.

A muitos o seu pessimismo parecerá excessivo. Levado em suas crenças mais pelo desejo que pelo entendimento, o homem é em geral um otimista incorrigível. De resto, cabe considerar que é ainda relativamente fácil esperar pelo melhor quando se é um dos afortunados para quem as catástrofes recentes se reduziram a uma coleção de manchetes, a algumas fotografias embaçadas e meia dúzia de estatísticas inexpressivas, essas mesmas já um tanto remotas na memória. Todavia, esse otimismo tem que pressupor um resto de fé nas virtudes humanas. E no mundo de hoje vivem milhões de seres que viram com os próprios olhos ou sentiram na própria carne a injustiça e a crueldade levadas aos extremos mais abomináveis, e de quem será sem dúvida difícil esperar tal espécie de fé.

Seja como for, basta um relance aos cabeçalhos dos jornais do dia puras se verificar que o romance não perdeu uma parcela sequer de sua atualidade. A história que aqui se narra em tom de farsa pertence aos domínios do possível e do provável, representa em realidade os temores presentes, em maior ou menor grau, no fundo da consciência de cada criatura, e é impossível percorrer-lhe as páginas sem um arrepio. Se algum reparo há de ser feito, é que as previsões dos especialistas quanto às consequências de uma guerra nuclear são hoje muito mais negras.

Quem conhece a obra de Huxley sabe que ele não aponta soluções. Para ele, a marcha rumo ao abismo não pode mais ser detida, e os raros indivíduos hoje capazes de reunir em si os atributos de uma vida plena e harmoniosa estão irremediavelmente condenados ao fracasso e à proscrição na sociedade moderna plutocrática e vulgarizada pelo domínio da máquina. Apesar de tudo, insiste na necessidade do amor e da tolerância como únicas forças capazes de se opor às potências do mal. É na configuração dessa tese que nos dá as suas páginas mais

comoventes, e é de notar como justamente na difícil superposição da ironia e do lirismo, na alternância do grotesco e do poético (que nos faz lembrar outro artista genial, Charles Chaplin), reside o segredo do seu impacto dramático. Mas os seus apelos têm o tom de quem sabe que prega no deserto, e as únicas palavras de esperança que dele ouvimos estão condicionadas à consumação da tragédia: “Toda vez que o mal é levado até ao limite, ele destrói-se a si mesmo. Após o que, a Ordem das Coisas retorna à superfície”.

Não é fácil definir em poucas palavras uma personalidade tão complexa e contraditória, tanto mais quando a sua doutrina não forma um corpo estratificado, caracterizando-se antes por uma evolução contínua – em certos aspectos, às vezes, um tanto paradoxal. – na qual podemos separar, ainda que sem traçar-lhes limites definidos, pelo menos três fases distintas.

As sátiras revolucionárias da sua juventude, que marcam a sua “fase destruidora”, são farpas dirigidas contra a sociedade – especialmente a chamada “alta” sociedade, tal como ele a conheceu de perto – com seus vícios, seu esnobismo, seu escapismo, sua inconsciência da realidade, seu tédio de viver.

Sobre o que resta da demolição, procura Huxley dar forma ao seu ideal ético. Faz declaração de agnosticismo e, invocando os cultos panteístas da Grécia Antiga e do Renascimento, traça a sua filosofia humanista do “adorador da vida”: seus postulados são os de que “a vida neste planeta é preciosa em si, independentemente de qualquer alusão a hipotéticos mundos superiores, a eternidades, a existências futuras”; e que “o fim da vida é viver”. Corpo e alma, instinto e inteligência, são manifestações igualmente divinas e têm o mesmo direito à existência. O homem, por natureza diverso e incoerente dentro da sua unidade, deve ter o espírito aberto a todas as diferentes formas da verdade, deve aceitar os seus eus múltiplos e, com todos eles, viver intensamente. Dos “excessos equilibrados” resultará a rica vida do homem integral. Todos os “excessos não equilibrados” – a mortificação ascética como a libertinagem

embrutecedora, o intelectualismo puro como a caça ao dinheiro ou aos prazeres fáceis – são pecados contra a vida e portanto outras tantas formas de culto da morte.

Mas tal doutrina é pensada e não vivida, é um produto elaborado da mente e não uma manifestação da sua natureza pessoal. O Huxley que se nos revela através das patéticas confissões de Philip Quarles, de Anthony Beavis ou de Francis Chelifer é de natureza tímida, inadaptada e profundamente introvertida, dominada pela paixão intelectual, capaz de compreender e racionalizar todas as emoções e todos os sentimentos, mas que se esquia perturbada às injunções complexas da vida prática e dos contatos pessoais, que só encontra refúgio e liberdade no isolamento do seu próprio mundo interior. A sua visão angustiada dos problemas da vida não encontra soluções no espaço e no tempo. Esse dramático conflito explicará talvez o último estágio da sua evolução: as suas tendências místicas, de certo modo sempre manifestas, finalmente predominam, levando-o a aprofundar-se na pesquisa das vidas e dos escritos dos grandes místicos de todas as épocas, tanto do Ocidente como da Índia e da China, a condensar-lhes o pensamento em antologia e a iniciar-se experimentalmente nos fenômenos do êxtase. A concepção humanista cede lugar aos postulados do que Leibniz chamou de “Filosofia perene”, e que constitui para Huxley “o máximo divisor comum de todas as teologias”: o fim supremo do homem sobre a Terra é o conhecimento direto e unitivo do divino princípio de toda a existência, e tal conhecimento só pode ser atingido pelos pobres de espírito e puros de coração. Não mais a “vida pelo amor da vida” e a regra dos excessos equilibrados, mas a anulação da vontade, a negação do eu e a comunhão beatífica com o Absoluto.

Por mais perturbadoras que possam parecer as contradições envolvidas nessa metamorfose, elas não nos impedem de fixar o caráter geral do pensamento huxleyano, porque, mesmo onde mudaram as premissas, as inferências práticas mantiveram-se em

essência inalteradas. Huxley é fundamentalmente um individualista e um aristocrata (no melhor sentido do termo), e isto se evidencia na sua interpretação da História, que ele por sinal recusa admitir como ciência: em completa oposição aos materialistas históricos, para quem as ações e criações individuais não são mais que frutos de uma evolução social regida por leis que nada ou muito pouco têm a ver com o indivíduo isolado, e que só têm valor à luz dessa evolução, ele continua a acreditar na mente humana individual como força propulsora da civilização e como valor supremo em si mesma. Daí o seu desprezo pelo Homem Comum, pelo inexpressivo Cidadão Médio cultor do meio-termo, que para ele não passa de elemento constitutivo de uma massa amorfa e abúlica, cegamente conduzida pelas minorias de indivíduos – tiranos, pensadores ou santos – cujas vidas não se restringem nos limites da moderação: “... o enorme Leviatã que é a humanidade dos medíocres ostenta o seu vasto traseiro, tão pesado que quase não pode se mexer; quando a ponta da bota o atinge, ressalta com um ruído surdo. As vezes, quando os pontapés são mais violentos e melhor dirigidos que habitualmente, o monstro se mexe ligeiramente. São essas as modificações que, de há uma centena de anos para cá, o bom-tom convencionou denominar: Progresso”. Daí também a plena consciência de que a sua ética nunca se aplicou à humanidade como um todo: “Para o moralista, as doutrinas do adorador da vida podem parecer subversivas e perigosas; de fato, o ‘Fay ce que voudras’ de Thélème se dirigia unicamente às ‘gens libères, bien nez, bien instructz, conversans en compagnies honnestes’. Para os outros, as inibições vindas de fora, sob a forma de agentes de polícia, e vindas de dentro, sob a forma de superstições, serão sempre necessárias”. E mais: “Viver harmoniosamente é uma questão de tato e de sensibilidade, de raciocínio, de equilíbrio, de incessante ajustamento; e isso exige que se seja bem-educado e aristocrático, sob o ponto de vista moral, por hábito e por instinto”.

Ainda em oposição aos historiadores científicos, nega-se Huxley a colocar os destinos da humanidade em termos de fatos econômicos e revoluções sociais. O homem econômico é para ele uma abstração quimérica, ainda mais absurda por parecer tão positivista. Comparar sistemas econômicos como capitalismo e comunismo em suas relações com a realidade social no mundo moderno é questão destituída de interesse, porque ambos se apóiam num artigo de fé comum, que é a idolatria do progresso industrial e da organização, e ambos conduzem a efeitos idênticos: por um lado o provável nivelamento de rendimentos num padrão de prosperidade coletiva razoavelmente elevado, ou seja, uma universalização da burguesia, decorrência esta de méritos, em si, duvidosos; por outro lado, a crescente centralização do poder nas mãos das minorias governantes, tudo resultando na progressiva redução da liberdade individual, na estandardização do homem, no aviltamento dos valores espirituais e numa estultificação geral da vida. Encarado sob esse aspecto, o ideal tecnicista de utilizar as conquistas da ciência na redução de algumas horas da jornada do trabalhador carece de sentido, uma vez que esse ócio suplementar irá ser preenchido não pela vida ativa e criadora mas pelas diversões mecanizadas do tipo opiáceo proporcionadas pelo rádio, pelo cinema, pela televisão ou por qualquer das modalidades do goodtime moderno.

Tal atitude tem, em grande parte, um fundo psicológico: é o próprio Huxley quem, classificando-se a si mesmo como um “subaquisitivo” constitucional, se confessa incapaz de interessar-se em pensamentos ou atividades que tenham por móvel o dinheiro. Os problemas mesquinhos e cotidianos da chamada luta pela vida não constituem para ele material literário, e o “homem de negócios” estereotipado no Babbitt de Sinclair Leais representa o objeto do seu supremo desdém. Aqui se explicam também as personagens dos seus “romances de idéias” – pessoas finamente educadas, que habitam o West End, possuem vilas campestres na Itália, vivem de rendas hereditárias e enchem seu

ócio com aventuras galantes ou com discussões filosóficas e artísticas cheias de espírito e requinte. É verdade que em sua maioria ele as maltrata duramente com a sua sátira. Mas mesmo as que merecem a sua simpatia, encarnando virtudes positivas, não fogem muito à regra. Quase sempre artistas (é entre os artistas que ele inclui “a maioria desses raros seres humanos pelos quais se pode sentir admiração e respeito”), são pessoas que, auferindo ou não proventos de suas atividades intelectuais, parecem viver mais ou menos isentas de preocupações de subsistência material. Ademais, suas personagens têm por função precípua simbolizar determinados padrões de pensamento ou de comportamento — não representam caracteres, mas personificações de idéias; e, nessa qualidade, são mais ou menos irrealis e mesmo, nas palavras de Philip Quarles, “levemente monstruosas”.

Individualismo e aristocratismo podem levar a doutrinas de tirania e opressão. Em Huxley, pelo contrário, resultam num ideal de liberdade, tolerância e respeito mútuo. E desde que esses bens são colocados na dependência de virtudes individuais, é evidente que não se pode esperar dele nada que se assemelhe à pretensão de reformador social. Porque, aceitando a complexidade e diversidade do ser humano, ele desconfia profundamente de quantos julgam poder adaptar as normas de comportamento a sistemas rígidos logicamente concebidos; porque, aceitando essa complexidade e diversidade não apenas como realidade inevitável, mas como condição de realização dos valores humanos superiores, lhe repugnam as limitações e coações necessariamente decorrentes da aplicação de tais sistemas; e finalmente porque, pacifista fervoroso, repudia toda violência perpetrada em nome de problemáticos fins de ideais.

Neste sentido poder-se-ia, em certa medida, arrolá-la entre os inspiradores das comunidades ditas alternativas que se propõem protestar contra o “sistema” e dele se libertar. Mas a sua vaga apologia de um arranjo social mais simples, mais rústico, menos divorciado das origens e da natureza, menos dominado

pelas grandes organizações centralizadas, deve ser entendida antes como divagação nostálgica do que como proposição prática, que ele sabe inviável na medida em que se opõe radicalmente às próprias bases da sociedade moderna.

As reflexões de Huxley situam-se num vasto campo aberto às mais desencontradas controvérsias. Entretanto, não é necessário concordar com ele para reconhecer-lhe os traços que fazem grande a sua obra: a honestidade e a coragem que põe nesse impulso primordial da mente inteligente que é o de conhecer a verdade e evitar o erro; e a sua indiscutível posição de defensor dos valores básicos da vida e da dignidade essencial do homem. Nesta época de ânsia por esquemas salvadores, não faltará quem o acuse de conformista e destruidor por considerar os males do mundo sem remédio. Mas, nas palavras de Goethe, “ao homem cabe agitar e não resolver os problemas”, e o conhecimento do mal é o primeiro passo para preveni-lo.

Nesse sentido, O macaco e a essência é uma entre as muitas advertências que hoje se levantam de todas as partes do mundo, das graves ameaças que pairam sobre os destinos do homem e sobre a sua própria sobrevivência. Como tal, poderá talvez contribuir para que a farsa não se torne trágica realidade.

João Guilherme Linke